



POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

**O Potencial Ecoturístico da Mata Nacional do Urso:
Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso” e o uso de roteiros de
interpretação para a valorização do Património**

Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do Grau de
Mestre em Ecoturismo

Gabriela Loureiro Marques
Coimbra, 2019



POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

**O Potencial Ecoturístico da Mata Nacional do Urso:
Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso” e o uso de roteiros de
interpretação para a valorização do Património**

Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do Grau de
Mestre em Ecoturismo

Júri:

Presidente: Prof. Doutor Orlando Simões

Arguente: Prof. Doutora Isabel Dinis

Orientador: Prof. Pedro Bingre do Amaral

Gabriela Loureiro Marques

Coimbra, 2019

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Câmara Municipal de Pombal, em nome do Senhor Presidente Dr. Diogo Mateus e da Vereadora Dra. Ana Gonçalves pela oportunidade de realizar o estágio nesta entidade, e de colocar este projeto em prática.

A toda uma equipa que trabalha todos os dias em prol da valorização do património e promoção turística do concelho, este projeto não seria o mesmo sem o apoio incansável que me deram: à Lívia, minha orientadora externa, ao qual foi o meu braço direito, um obrigado não chega por toda a dedicação que teve. À Filomena, à Anabela, ao António e à Clara, pela força, companheirismo e apoio prestado sempre que necessário.

À Dra. Cidália Botas e à Vânia, por me terem acolhido nos museus, e em especial à Fátima, à Ana Lúcia e à Rosa, pela companhia e bons momentos que guardo.

À Junta de Freguesia do Carriço, em nome do Sr. Pedro Silva, que me apoiou desde o primeiro dia, e por ter estado presente no dia do evento. À União das Freguesias da Guia, Ilha e Mata Mourisca, em nome da Sra. Sónia, pelo trabalho que teve em reunir a documentação que disponibilizou.

À Escola Superior Agrária de Coimbra, ao meu orientador Professor Pedro Bingre do Amaral pelo apoio e disponibilidade sempre prestada, e por me incentivar a dar o meu melhor nesta investigação. Aos meus colegas de curso, aqui fica o meu desejo para que também terminem esta etapa.

À Equipa do Turismo da UC, Museu da Ciência, e a todos os amigos que levo de Coimbra para a vida, em especial ao Nuno, Vizinho, Silvestre, Jéssica, Diana, Beatriz, Romão, Melo, Marta, Patrícia e Gonçalo, que sempre me apoiaram incondicionalmente.

Aos que tiveram presentes e que nunca me fizeram desistir de ser uma pessoa melhor: Luís, Patrícia Caiano, Diana Gomes e à Inês Almeida, que estiveram sempre presente nas lamentações e alegrias que este trabalho me deu, e que nunca me deixaram baixar os braços.

À minha família, por estarem presentes em tudo o que faço, e por me fazerem ter orgulho em pertencer aos Alves Marques, somos incansavelmente fora do normal, e é por isso que vos amo.

À minha irmã que, mesmo longe, sempre cuida de mim, e ao meu pai e à minha mãe por toda a dedicação e trabalho que têm comigo para eu ter um futuro melhor e que, mesmo diante das dificuldades, sempre acreditaram em mim.

Ao meu tio Rui, por me ter despertado a vontade de ir mais além e de descobrir o mundo, abriste-me as asas para a minha vocação e a ti te dedico este trabalho.

*Os Vossos sorrisos estarão
Sempre no meu coração.*

Resumo

A Mata Nacional Do Urso (MNU) é uma Floresta com grandes valores culturais e naturais que poderão ser potencializados através do Ecoturismo. Este estudo faz uma revisão do conceito de Ecoturismo, definindo cinco pilares base para a sua definição: Natureza, Identidade, Sustentabilidade, Aprendizagens e Desenvolvimento. Durante o Estágio Profissionalizante no Município de Pombal, foi possível a recolha dos valores culturais e naturais da MNU, e também obter uma análise dos projetos que foram planeados pela entidade a desenvolver neste território, no qual existem oportunidades para o turismo ainda por explorar. A criação do Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso” resulta do conjunto de atividades realizadas durante o período de estágio, e pretende utilizar as bases do Ecoturismo, a par com os recursos da MNU, através da criação de um roteiro de interpretação pela floresta, de modo a valorizar e potencializar as suas características intrínsecas, após a passagem de um incêndio que consumiu grande parte da mata.

Palavras-chave: Ecoturismo, Pombal, Mata Nacional do Urso, Interpretação, Património Natural e Cultural

Abstract

The “Mata Nacional do Urso” (MNU) it`s a National Forest with great cultural and natural values that can be enhanced through Ecotourism. This research reviews the concept of Ecotourism, defining five main pillars for its definition: Nature, Identity, Sustainability, Knowledge and Development. During the Professional Internship in the Municipality of Pombal, initially the research focused on the culture and natural values of the MNU, and posteriorly, the projects that were planned to be developed in this territory by the Pombal City County were analyzed, region in which there are opportunities for tourism yet to be explored. The "Discovering the Treasures of MNU" Project results from a set of activities carried out during the internship period, and intends to use the bases of Ecotourism, along with the resources of the MNU, through the development of an interpretation route through the forest, in order to enhance its intrinsic characteristics, after a fire consumed a large part of the Woods.

Keywords: Ecotourism, Pombal, Mata Nacional do Urso, Interpretation, Natural and Cultural Heritage.

Índice

Índice	vii
Índice de Figuras.....	x
Índice de Tabelas	xiii
Índice de Anexos	xiv
I. Ecoturismo: Um conceito em constante evolução.....	3
1.1. Origem.....	3
1.2. Conceito	4
1.3. O Ecoturista.....	8
1.4. Interpretação Ambiental como meio de aprendizagem para a valorização do Património.....	11
1.5. Benefícios e Consequências do Ecoturismo	15
1.6. Considerações	16
II. Pombal e o Turismo	18
2.1 O Concelho de Pombal.....	18
2.1.1. Acessibilidades:.....	19
2.1.3. Demografia	19
2.1.4. Principais Setores de Atividade.....	20
2.2. Oferta Turística no Concelho de Pombal	22
2.2.2 Alojamento e Empresas de Animação Turística:	25
2.3. Procura Turística no Concelho de Pombal.....	27
3.1 Origem.....	32
3.2. Ordenamento da Mata	33
3.2.1.Funcionalidades.....	34
3.3. Caracterização do Clima, Relevo e do Solo.....	35
3.3.1. Clima	35
3.3.2. Relevo.....	36

3.3.3. Solos	36
3.3.4. Hidrologia.....	38
3.4. Valores ambientais de interesse na MNU	38
3.4.1. Habitats.....	38
3.4.2 Corredores ecológicos	40
3.4.3. Flora.....	44
3.4.4. Fauna	46
3.5. Considerações	48
IV. Património Cultural e Imaterial: A Mata do Urso e a sua ligação à população local	49
4.1. A Importância da MNU para a população local.....	49
4.1.2. Os Serviços Florestais e o seu contributo para a Identidade local.....	51
4.2. Gastronomia	54
4.3. Lendas populares.....	54
4.4. Considerações	58
V. Estágio no Município de Pombal e o Potencial Ecoturístico da Mata do Urso: Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	60
5.1. Estágio no Município de Pombal	60
5.1.1. Atendimento ao público nos Espaços Museológicos no Centro Histórico e no Posto de Turismo e Castelo de Pombal	60
5.1.2. Consulta e análise de projetos relacionados com a MNU e Faixa Costeira ..	61
5.1.3. Revisão do Guia Turístico de Pombal	65
5.1.4. Levantamento de informação sobre o Pedestrianismo no Concelho.....	67
5.2. Projeto de Estágio: “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	68
5.2.1 Desenvolvimento da Proposta	69
5.2.2. Caracterização e descrição do Percurso.....	70
5.3. Avaliação do Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	72
5.4. Análise SWOT	78

5.5. Análise do processo de aplicação do modelo ecoturístico para a MNU	80
Considerações Finais	83
Bibliografia	84
Anexos	90

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo proposto para a definição do conceito de Ecoturismo	6
Figura 2: Segmentos Hard e Soft do Ecoturismo segundo Weaver (2002)	8
Figura 3: Segmentos Hard e Soft do Turismo de Natureza	10
Figura 4: Localização do Concelho de Pombal	18
Figura 5: Evolução da População residente do Concelho de Pombal entre 1981 e 2017	20
Figura 6: Volume de negócios das Empresas no Concelho de Pombal, por setor de Atividade Económica em 2017	21
Figura 7: Museu de Arte Popular Portuguesa e Igreja Matriz	23
Figura 8: Número de hóspedes total nas unidades de alojamento do Concelho de Pombal entre 2009 e 2017.....	27
Figura 9: Estada Média nos Alojamentos turísticos em Pombal, Região de Leiria e Região Centro, entre 2014 e 2017	28
Figura 10: Proveitos com dormidas por hóspede em Pombal e nas Regiões de Leiria e Centro, entre 2014 e 2017	28
Figura 11: Número de Visitantes no Posto de Turismo e Castelo de Pombal entre 2014 e 2018, por público nacional, estrangeiro e total.	29
Figura 12: Nacionalidades que mais visitaram o Posto de Turismo e Castelo de Pombal, em percentagem	29
Figura 13: Variação Mensal do Número de Visitantes no Posto de Turismo e Castelo de Pombal entre 2014 e 2018	30
Figura 14: Localização geográfica da MNU.....	31
Figura 15: Distribuição das secções na MNU	34
Figura 16: Dunas do Urso	36
Figura 17: Eucalipto de grande dimensão na MNU	37
Figura 18: Poços verticais da CELBI junto a dunas primárias na MNU	38
Figura 19: Impacto dos agentes erosivos nas dunas primárias	40
Figura 20: Corredores Ecológicos presentes na MNU	40
Figura 21: Foz da Vala do Rego do Estrumal.....	41
Figura 22: Trabalho de campo na Lagoa das Correntes	42
Figura 23: Estado atual da Lagoa de S. José	42

Figura 24: Lagoa dos Linhos	43
Figura 25: Pinheiro Serpente na MNU	45
Figura 26: Camarinha (<i>Corema album</i>) presente na MNU	45
Figura 27: Espécies da flora presentes no cordão dunar da MNU	46
Figura 28: <i>Armeria Rouyana</i> registada em trabalho de campo na MNU	46
Figura 29: Vestígios da presença de avifauna junto à Lagoa dos Linhos	48
Figura 30: Trabalho numa das serrações existentes na Freguesia de Guia.....	50
Figura 31: Monumento ao Resineiro na localidade de Fontinha, Carriço	50
Figura 32: Manual de formação para o Guarda Florestal	51
Figura 33: Controlo de fronteira da MNU na Guarda Florestal do Norte	51
Figura 34: Registo fotográfico do processo de seleção do penisco na MNU	52
Figura 35: Verificação no terreno da presença da eira e do edifício de armazenamento de penisco	53
Figura 36: Recolha tradicional da semente do penisco na MNU	53
Figura 37: Vestígios da recolha do penisco na Casa da Guarda Florestal do Norte.....	53
Figura 38: Retábulo sobre a luta de D. Dinis e o Urso na Igreja do Mosteiro de Santa-Clara-a-Nova, Coimbra	55
Figura 39: Brasão da Junta de Freguesia do Carriço	59
Figura 40: Brasão da Junta de Freguesia da Guia	59
Figura 41: Área da MNU afetada pelos Incêndios em Outubro de 2017.....	63
Figura 42: Verificação do estado do TBV após a Tempestade <i>Leslie</i>	64
Figura 43: Praia do Osso da Baleia.....	66
Figura 44: Mapa para realização do percurso interpretativo “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	70
Figura 45: Lagoa das Correntes	71
Figura 46: Regeneração da Paisagem	71
Figura 47: Marco Geodésico da Lagoa dos Linhos	72
Figura 48: Lagoa dos Linhos	72
Figura 49: Implementação prática do projeto	72
Figura 50: Resposta à Pergunta nº 1: “ <i>Conhece os seguintes espaços e temáticas inseridas na Mata Nacional do Urso?</i> ”	73
Figura 51: Resposta à pergunta nº 3: “ <i>Classifique quanto considera que o incêndio de 15 de Outubro de 2017 terá afetado o património da Mata Nacional do Urso, numa escala de 1 a 5</i> ”	74

Figura 52: Resposta da pergunta nº4, na 2ª fase do inquérito, equivalente à pergunta nº 2	75
Figura 53: Resposta à pergunta nº 3: “Avalie o grau de importância do património que pode conhecer durante o roteiro, numa escala de 1 a 5”	76
Figura 54: Resposta pergunta nº 6: “ Classifique de 1 a 5 a caminhada, sendo que 1 significa fraco, 3 razoável e 5 muito bom”	77

Índice de Tabelas

Tabela 1: Autores com tendência para o pensamento naturalista	4
Tabela 2: Autores com tendência para a linha de pensamento humanista	5
Tabela 3: Benefícios e Consequências do Ecoturismo	15
Tabela 4: Sistema de transportes e Vias de comunicação	19
Tabela 5: Recursos com potencial turístico no Concelho de Pombal.....	22
Tabela 6: Registo de Empreendimentos Turísticos e Unidades de Alojamento Local no Concelho de Pombal entre 2017 e 2019	25
Tabela 7: Empresas e atividades de Animação Turística Oferecidas no Concelho de Pombal	26
Tabela 8: Análise da evolução do ordenamento da Mata Nacional do Urso	33
Tabela 9: Habitats Naturais designados pela Diretiva Habitats registados na MNU	39
Tabela 10: Espécies de flora com maior abundância na MNU.....	44
Tabela 11: Espécies com estatuto de proteção registadas na MNU	46
Tabela 12: Espécies mais frequentes das zonas de Floresta de Pinhal e de Lagoas verificadas na MNU	47
Tabela 13: Objetivos e aprendizagens resultantes do atendimento ao público nos Espaços Museológicos do Município de Pombal	60
Tabela 14: Percursos pedestres existentes no Concelho de Pombal.....	67
Tabela 15: Análise SWOT do Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	78
Tabela 16: Análise do desenvolvimento do modelo Ecoturístico na MNU	81

Índice de Anexos

Anexo I: Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”	90
Anexo II: Cartaz do Evento	111
Anexo III: Folheto Informativo	112
Anexo IV: Guião do Percuro	114
Anexo V: Inquérito sobre a importância do Património da Mata Nacional do Urso e a criação de Roteiros de Interpretação.....	117

Introdução

O Ecoturismo nos dias de hoje é um tema vasto e em constante desenvolvimento. Contudo, reconhece-se que é uma forma de turismo que pretende desenvolver os territórios mais desfavorecidos, com base nos seus recursos, sejam eles culturais ou naturais, de forma sustentável e equitativa para todos aqueles que se envolvem nesta atividade.

Política e juridicamente, o Ecoturismo em Portugal é ainda pouco diferenciado do Turismo de Natureza, no qual é subsumido no *Plano Estratégico do Turismo 2015*.

O território nacional possui múltiplas potencialidades para o ecoturismo, graças às suas diferentes unidades de paisagem que mostram uma considerável diversidade concentrada num território de pequenas dimensões quando comparado com outros países.

O turismo tem um grande papel para esse fim pois, se for implementado de forma sustentável, poderá gerar vários benefícios, conservando os valores do passado, gerando valores para o presente e levando esses mesmos valores para o futuro.

Foram estes princípios que levaram à realização de um estágio profissionalizante na Unidade de Turismo no Município de Pombal, a fim de procurar conhecer o papel de uma autarquia no desenvolvimento turístico do seu território, e o processo de gestão e valorização turística dos recursos locais.

Neste âmbito foi proposto a realização de um estudo académico sobre o potencial ecoturístico da Mata do Urso, um dos patrimónios naturais de maior importância económica e cultural para o concelho de Pombal.

A Mata Nacional do Urso (MNU) é propriedade do Estado Português, estendendo-se pelos concelhos da Figueira da Foz, de Leiria e de Pombal, no total de 6102 hectares de área de floresta, sendo que dois terços são afetos a este último município.

Esta floresta representa um elevado valor natural, mas também cultural e socioeconómico que se pretende demonstrar com este relatório. Tendo sido alvo de alguns projetos na área do turismo, esta mata encontra-se fragilizada ao nível do desenvolvimento turístico, após ter sido afetada em 50% pelos incêndios a 15 de Outubro de 2017.

A realização do estágio profissionalizante na Câmara Municipal de Pombal pretende contribuir para este desafio, através dos ideais do Ecoturismo propostos neste estudo, a fim de promover o Património Natural e Cultural que esta floresta representa para o Concelho e também para o País.

O Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso” pretende ser o resultado prático do conjunto de pesquisa documental, trabalho de campo e do enriquecimento das competências na área da interpretação do património durante este processo. Uma caminhada para a Valorização da MNU, este projeto dá a conhecer o potencial ecoturístico desta floresta, partindo à descoberta de lugares pouco explorados ao nível turístico e com um grande valor ambiental como a Lagoa das Correntes e a Lagoa dos Linhos.

O corpo deste trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro será feita uma revisão da literatura sobre o Conceito de Ecoturismo, procurando criar um modelo próprio com pilares que definam este conceito. O segundo capítulo faz o enquadramento do Concelho de Pombal e analisa o papel do turismo para a sua economia. O terceiro e quarto capítulos resultam da recolha das principais características sobre o património cultural e natural da MNU, comprovando a sua importância e potencial ecoturístico deste território. O último capítulo consiste na análise das atividades realizadas durante o estágio profissionalizante, e a aplicação do Ecoturismo e dos recursos ambientais e culturais da MNU na realização do projeto implementado, seguido de algumas considerações finais sobre este estudo académico. Os anexos serão compostos pelo projeto em estudo na sua íntegra, consoante os parâmetros utilizados pela Câmara Municipal de Pombal, e os materiais utilizados para a implementação prática do mesmo.

A principal metodologia utilizada foi a técnica de investigação/ação, com realização de um estágio profissionalizante, com o objetivo de estar em contacto direto com um dos *stakeholders* responsável pelo desenvolvimento do turismo no território, e conhecer mais de perto as ações de planeamento e implementação que são preparadas para este efeito.

Durante o mesmo, foram utilizadas diversas metodologias como a pesquisa e análise de artigos e documentos relevantes para este estudo, o qual resultou na revisão da literatura sobre o Conceito de Ecoturismo e na recolha de conteúdos sobre os recursos existentes na MNU.

O trabalho de campo foi essencial para conhecer e avaliar a viabilidade de realização de um percurso interpretativo do património existente na MNU, e também para uma perceção real do estado da mata e do seu património natural.

Para avaliar o evento e o percurso planeado para o projeto, foram realizados inquéritos por entrevista aos participantes, de forma a monitorizar o efeito que a criação de roteiros de interpretação do património poderá ter na valorização da MNU.

I. Ecoturismo: Um conceito em constante evolução

1.1. Origem

O Ecoturismo foi um conceito desenvolvido por múltiplos autores ao longo do século XX, até que este tivesse o seu devido reconhecimento.

Hetzer (1965) terá sido um dos primeiros a abordar este conceito, como forma de explicar a relação entre o turismo, o ambiente e a cultura, definindo como pilares o mínimo impacto ambiental possível, o máximo respeito pela Cultura, os benefícios económicos a nível local e a satisfação do turista (Hetzer, 1965, citado por Fennel, 2008; Weaver, 2002).

Romeril (1985) entende o Ecoturismo como um sinónimo do termo Turismo de Natureza, ou Turismo Ecológico (Romeril, 1985, citado por Weaver, 2005), até que em 1987, Ceballos-Lascuráin reconhece para si próprio o conceito de Ecoturismo como se fosse uma viagem para um espaço de natureza autêntico com o objetivo de conhecer e admirar a paisagem e a sua biodiversidade (Ceballos-Lascuráin, 2002).

Ao que tudo indica, o conceito de Ecoturismo surgiu entre a década de 70 e 80 do século XX, das quais algumas motivações poderão ter sido as seguintes:

i) Criação de parques naturais nos EUA, nomeadamente o de Yellowstone, criado ainda no século XIX (1872), e a extensão do conceito ao Canadá e à Europa (Fennel, 2008);

ii) Desenvolvimento do termo “*Eco-development*” resultante da preocupação com a utilização dos recursos naturais e a sustentabilidade ambiental (Weaver, 2002, p.8);

iii) Preocupação ambiental, associado ao descontentamento com o turismo de massas, procurando novas práticas de turismo na natureza como alternativa (Nelson, 1994, p. 248).

O termo Ecoturismo foi aceite por vários países, e também foram criadas organizações e fóruns para a discussão desta temática. A Fundação da Sociedade Internacional de Ecoturismo (1991), a Associação de Ecoturismo da Austrália (1992), e a Declaração de Quebec, escrita pela Organização Mundial do Turismo em 2002, proferem a sua própria definição, tendo como pilares em comum o turismo, a conservação da natureza, a sustentabilidade ambiental, e o respeito pela comunidade local (Weaver, 2002; OMT, 2002).

1.2. Conceito

Através da revisão da literatura, este estudo propõe que o entendimento do Ecoturismo poder-se-á encontrar disposto em duas linhas de pensamento: a primeira, com os pilares-base mais utilitários para o reconhecimento do Ecoturismo de índole naturalista; a segunda, que pretende associar esses mesmos pilares aos seus contributos para o desenvolvimento local e a valorização da identidade cultural, defendendo um pensamento de índole humanista.

A linha de pensamento naturalista contempla uma visão mais pragmática no termo Ecoturismo que, para muitos é entendido como uma variante do Turismo de Natureza (Fennell, 2008), ou como uma espécie de Turismo Alternativo (Weaver, 2005; Jafari, 2000), sendo as principais características o turismo em áreas naturais, a Conservação da Natureza e a Educação Ambiental.

A Tabela 1 pretende demonstrar a primeira linha de pensamento defendida, com base na análise das características base que cada autor defende para a sua definição de Ecoturismo.

Tabela 1: Autores com tendência para o pensamento naturalista

Autor:	Pilares Defendidos:						
	Áreas Naturais	Conservação da Natureza	Educação Ambiental	Contribuição para Desenvolvimento o Local	Sustentabilidade	Cultura e Identidade Local	Participação da Comunidade Local
Romeril (1985)	X						
Ceballos-Lascurian (1987)	X	X	X				
Ecotourism Society (1991)	X	X		X			
Jafari (2000)	X	X			X		
Weaver (2005)	X		X	X	X		
Fennell (2008)	X		X		X		
Beaumont (2011)	X		X		X		

Fonte: Elaboração própria

Os autores selecionados para a tabela foram os que mais se considerou terem uma posição para o facto de o Ecoturismo ser um turismo com base em áreas naturais, no qual se apoiam na conservação da natureza, na educação ambiental e nos ideais da sustentabilidade para a sua diferenciação de outros tipos de turismo, como o caso do Turismo de Natureza.

Neste caso, a contribuição da atividade turística para o desenvolvimento local é de menor relevância como elemento do conceito de Ecoturismo, quando comparada com a linha de pensamento seguinte.

A linha de pensamento Humanista defende o Ecoturismo também em áreas naturais, sendo este o ponto principal em comum, no qual se procura conhecer a natureza de um lugar, bem como as características que se refletem na identidade da população local, nos seus costumes e tradições.

Tabela 2: Autores com tendência para a linha de pensamento humanista

Autor:	Pilares Defendidos:						
	Áreas Naturais	Conservação da Natureza	Educação Ambiental	Contribuição para Desenvolvimento Local	Sustentabilidade	Cultura e Identidade Local	Participação da Comunidade Local
Hetzer (1965)	X	X		X		X	
Wallace & Pierce (1996)	X	X			X	X	X
Honey (1999)	X	X	X	X		X	
Ross & Wall (1999)	X	X	X	X			X
Neves (2005)	X	X		X	X	X	
Björk (2007)	X		X		X	X	
Cobinnah (2015)	X	X	X	X		X	X

Fonte: Elaboração própria.

Esta vertente poderá ser entendida como uma evolução do conceito de Ecoturismo (Cobbinah, 2015). No entanto, devido ao facto de não existir uma disparidade entre as datas de publicação dos autores considerados naturalistas e estes, a organização em duas vertentes constitui uma nova forma de análise sobre o pensamento académico acerca desta temática.

Neste caso, as áreas naturais e a conservação da natureza continuam a ser a base do conceito. O que acontece é a valorização da componente humana no conceito, sobretudo a relação do Homem com a natureza, que se traduz na cultura e identidade local.

O Ecoturismo pretende mostrar as características naturais de um território, utilizando a cultura como meio de valorizar e contribuir para o desenvolvimento da comunidade local. A viagem à descoberta da cultura e das áreas naturais surgem como meios para o desenvolvimento da economia do território visitado pelo turista, contribuindo desse modo para a preservação e conservação da cultura e da natureza.

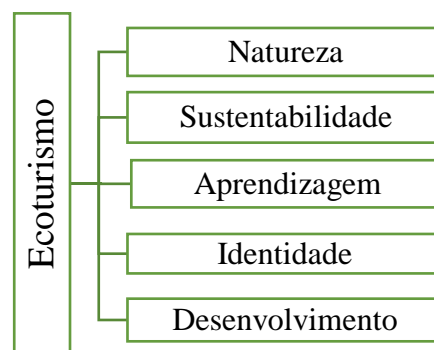
A participação da comunidade local é essencial para a valorização do mesmo, e sobretudo para a sua fixação porque, são as comunidades que transformam a natureza e deveriam fazer parte do papel de decisores na sua gestão, porque estes sabem melhor do que ninguém aquilo que é importante para eles.

É sobretudo nesta questão que esta vertente do Ecoturismo se torna uma “utopia”, devido à implementação prática dos pilares mais humanistas serem uma realidade mais distante, pois nem sempre a população tem um papel importante na gestão do território, e também poderá não sentir os contributos das receitas geradas pela atividade turística.

Assim, esta vertente pretende que o Ecoturismo seja mais humano, promovendo a sustentabilidade e preservando as características culturais e naturais de um território, buscando o desenvolvimento local e a participação da população como ideais a atingir.

Com base na análise realizada, considera-se o Ecoturismo como a seguinte definição: viagem à descoberta de um destino de natureza autêntico, no qual se procura conhecer e apreciar os seus valores intrínsecos, refletidos na identidade da população local, desfrutando e respeitando o território de forma sustentável e benéfica.

Figura 1: Modelo proposto para a definição do conceito de Ecoturismo



Fonte: Elaboração Própria

Devido ao facto de existir uma variedade de fatores para ajudar a classificar o conceito de Ecoturismo, este estudo procurou criar um esquema no qual se pudesse agrupar todas variantes contempladas nos diferentes estudos académicos numa forma coesa.

No esquema elaborado, os pilares-base para o ecoturismo são os seguintes:

- **Natureza:** é entendido como a motivação principal para a deslocação do turista. Este procura espaços naturais de uma riqueza única, no qual possa admirar a sua paisagem, bem como conhecer outros aspetos da floresta ou parque natural como a flora, fauna e geologia, através de atividades de lazer e desportos de natureza (Whelan, 1991).

- **Identidade:** esta funciona como uma motivação secundária, sendo um complemento ao pilar da Natureza. Isto porque, inicialmente, o turista é motivado pela natureza a viajar para um determinado destino, mas posteriormente a Identidade, refletida nas tradições e costumes são os meios que fazem aumentar o valor da experiência e, que a diferencia dos restantes lugares.

A identidade do lugar é o resultado da transformação das riquezas naturais de um destino pelo homem, bem como a história do local. Exemplos disso são o artesanato, a gastronomia local e os produtos endógenos locais (Tonon, 2012; Weaver, 2005).

- **Sustentabilidade:** A sustentabilidade é o meio que permite diferenciar o Ecoturismo de outros tipos de turismo. Pretende ser um turismo consciente, no qual o seu desenvolvimento é feito com uma gestão correta e cuidada, para que os recursos de um determinado destino ou local possam ser utilizados por todos, inclusive as gerações vindouras.

A sustentabilidade é feita ao nível ambiental, social e económico, sendo que aqui poderão ser incluídas questões como a conservação da Natureza, a Preservação da Cultura, bem como a preocupação em incluir a população local no processo de gestão do território, medidas essenciais para o equilíbrio do destino (Neves, 2009).

- **Aprendizagem:** meio de aplicação dos ideais da sustentabilidade bem como dos valores naturais e culturais de um território.

A aprendizagem tem por objetivo a transmissão de uma mensagem ao visitante. Formalmente, a educação ambiental é o método mais utilizado para esse fim. No entanto, o Ecoturismo procura não só educar para as boas práticas na conservação da natureza, mas também valorizar o território e a sua cultura. A interpretação surge como um método alternativo, na tentativa de dinamizar essa mesma educação de uma forma mais atrativa para quem visita. Isto é, interpretar para valorizar e educar num modo passivo, pois o resultado da natureza e da cultura interpretada por um guia deve traduzir-se num primeiro lugar em lazer e experiência, e em segundo na aprendizagem.

“Interpretation can have a transformative effect by inducing among participants a deeper understanding of the attraction and consequent adherence to a more ethical and environmentalist ethos” (Weaver, 2005, p. 441).

Importa referir que a aprendizagem não é apenas centrada no turista, mas também nas comunidades locais. A implementação do Ecoturismo é uma oportunidade de valorização do ambiente e da cultura por parte da população, bem como a oportunidade de aprender sobre novas culturas através do contacto com os que visitam o seu território (Neves, 2012; Cobbinah, 2015).

- **Desenvolvimento:** pode ser entendido como o objetivo final do Ecoturismo, ou seja, que a deslocação à descoberta da natureza e cultura de um território de forma sustentável, e com uma mensagem consciente, possa contribuir para o desenvolvimento local a vários níveis.

Espera-se que o Ecoturismo possa contribuir a nível ambiental para a preservação da natureza através do contributo económico do turista como por exemplo no pagamento de taxas para entrar em parques naturais, ou na compra de *souvenirs*.

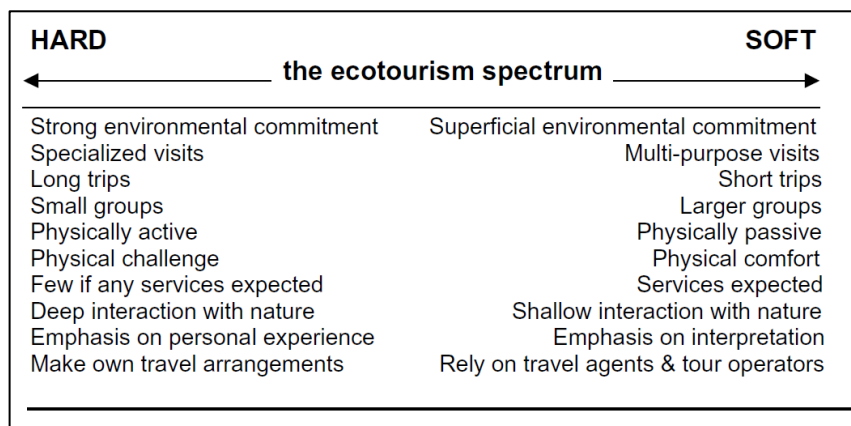
A nível social e económico, pretende-se o aumento da qualidade de vida da população, através da criação de emprego e do melhoramento de infraestruturas e serviços públicos e do comércio local, que acompanham o desenvolvimento do turismo, que possa permitir a fixação da população no território e por fim a preservação da sua cultura e identidade.

Os benefícios económicos gerados pelo ecoturismo necessitam igualmente de assegurar e gerar lucros para as empresas turísticas, para que exista um futuro sustentável e uma maior estabilidade para a economia local (Getz, 1990).

1.3. O Ecoturista

De acordo com Weaver (2002), a prática do Ecoturismo pode ser agrupada em dois segmentos de acordo com o grau de compromisso/ seriedade que o Ecoturista assume com a natureza.

Figura 2: Segmentos Hard e Soft do Ecoturismo segundo Weaver (2002)



Fonte: Weaver, 2002, p29.

- **Segmento *Hard*:** Viagens de carácter muito especializado e de longa duração, formado por pequenos grupos, a lugares remotos, em que a interação com a natureza é a motivação principal. O exemplo mais usual para identificar este destino é o Ártico, considerando que o Ecoturista está completamente ausente de conforto e serviços e, o maior luxo que este procura é o contacto com a natureza.

- **Segmento *Soft*:** Viagens com diversas motivações, de curta duração e com grupos em maior escala, que procuram desfrutar da natureza, bem como de outras experiências que estejam associadas a esta, sem ter de prescindir do conforto.

Weaver (2002), considera também que o segmento *soft* do Ecoturismo é o que manifesta maior interesse, pois tem um menor impacto ambiental, na medida em que não invade habitats de maior sensibilidade, e também porque o turista usufrui de serviços para aumentar a qualidade da experiência durante a viagem, contribuindo para a economia local, no qual o segmento *hard* não deixa qualquer contributo benéfico para o destino (p.29).

Lindberg (1991) classifica o Ecoturista de acordo com a motivação e a experiência que este pretende retirar da prática da atividade: *Hard-core nature tourists*, especialistas sobre o estudo da natureza, para os quais a viagem tem um motivo educacional ou mesmo profissional **(i)**; *Dedicated nature tourists*, pessoas que fazem viagens especificamente para ver áreas protegidas para conhecer a história natural e cultural do local **(ii)**; *Mainstream nature tourist*, que realizam uma viagem a espaços naturais com o objetivo de ter uma experiência diferente **(iii)**; e, por último, o *Casual nature tourists*, em que a viagem a uma área natural surge como uma deslocação secundária, não estando previsto no plano principal da viagem **(iv)** (p.3).

Mowforth (1993) classifica o ecoturista consoante o seu modo de viajar, idade e atividade turística: o *Rough ecotourist*, jovem e desafiante, que procura viajar sozinho e de forma independente, com um orçamento baixo e que é motivado pelas atividades de desporto e aventura **(a)**; o *Smooth ecotourist*, de idade adulta ou sénior, procura uma viagem tranquila, recorrendo ao operador turístico para a sua organização e pretende ter uma experiência na natureza, mas de forma controlada, como por exemplo em Safaris. Por norma este será alguém com um alto poder de compra **(b)**; e o *Specialist ecotourist*, que pode ser de todas idades, viaja sozinho e recorre a operadores especializados em Ecoturismo, tem um poder médio-alto de compra e viaja por interesses profissionais relacionados com o estudo e conservação da natureza ou considerando estas atividades como uma forma de lazer sério **(c)** (p. 44).

As diferentes perspetivas dos autores supracitadas, relativas à classificação do ecoturista demonstram uma grande dificuldade em definir um sistema comum para uma significação mais exata para o conceito de ecoturista, tendo o único ponto em comum o grau de compromisso que o visitante assume com a natureza. Considera-se que o grau de variáveis que permite classificar o ecoturista ainda se encontra em desenvolvimento, tal como acontece com a própria evolução do conceito de Ecoturismo.

Caso pretendêssemos posicionar o perfil de um ecoturista que se enquadrasse na perspetiva humanista defendida neste estudo, possivelmente poderíamos classificar entre

o *dedicated nature tourist* ou o *specialist ecotourist*, na medida em que é aceitável qualquer nível etário para a prática do Ecoturismo, no qual o turista pretende deslocar-se para espaços naturais de grande valor e conhecer a cultura e tradição local associada a este território.

Figura 3: Segmentos *Hard* e *Soft* do Turismo de Natureza

Definição do sector de Turismo de Natureza	
Motivação principal	Mercados
Viver experiências de grande valor simbólico, interagir e usufruir da Natureza	<p>Natureza soft</p> <p>As experiências baseiam-se na prática de actividades ao ar livre de baixa intensidade (passeios, excursões, percursos pedestres, observação da fauna, etc.).</p> <p>Nota: Representa cerca de 80% do total de viagens de Natureza.</p>
Actividades	Natureza hard
<p>Actividades desportivas</p> <p>Contemplação da Natureza</p> <p>Actividades de interesse especial</p>	<p>As experiências relacionam-se com a prática de desportos na Natureza (rafting, kayaking, hiking, climbing, etc.) e/ou de actividades que requerem um elevado grau de concentração ou de conhecimento (<i>birdwatching</i>, etc.).</p> <p>Nota: Este mercado representa cerca de 20% do total das viagens de Natureza.</p>

Fonte: *Asesores en Turismo Hotelaría y Recreación, S.A. [THR], 2006, p.9.*

Considera-se que o Ecoturismo em Portugal é um produto subdesenvolvido quanto ao seu reconhecimento, sendo que este poderá ser posicionado como um subproduto do *Turismo de Natureza*, classificado como um dos dez produtos estratégicos no *Plano Estratégico Nacional do Turismo 2015*, dadas as semelhanças entre si, presentes no quadro apresentado. Isto porque na figura 3, o Turismo de Natureza é igualmente dividido em dois segmentos: *Natureza hard* e *Natureza soft*, como em Weaver (2002), bem como, é classificado consoante o grau de compromisso que o turista assume com a natureza, numa perspetiva lúdica (segmento *soft*) ou numa perspetiva mais séria, ou até profissional (segmento *hard*).

No entanto é perceptível que o único ponto de semelhança é ser baseado na natureza, pelo que não é confundível com o Ecoturismo, visto que não aborda quaisquer interesses nos outros pilares-base do conceito, nomeadamente em conhecer a história e cultura local do destino turístico, sendo um dos fatores de classificação do perfil do ecoturista nos autores estudados para esta temática (Weaver, 2002; Lindberg, 1991; Mowforth, 1993; Fennell, 2008).

Futuramente, será de todo o interesse a criação de um modelo de avaliação para a monitorização e classificação do conceito de Ecoturismo na sua implementação teórico-prática, com base nas premissas da teoria humanista apresentada neste estudo.

1.4. Interpretação Ambiental como meio de aprendizagem para a valorização do Património

Para compreender o papel da Interpretação Ambiental na valorização do património, importa conhecer dois conceitos que se juntaram como ponto de partida para o desenvolvimento deste conceito: o Pedestrianismo e a Animação turística.

O pedestrianismo teve origem nas deslocações que o Homem teve necessidade de realizar ao longo da sua vida, seja por busca de alimento, devoção religiosa, trocas comerciais, entre outras razões (Lima, 2012; Rocha, 2014).

Em Portugal, este conceito surgiu em meados do século XX associado à vertente desportiva e, mais tarde, entendido como uma atividade de lazer e de fruição da natureza (Antunes, 2017; Brandão, 2012), como se poderá ler na Portaria nº1465/2004, de 17 de Dezembro: *“atividade de percorrer distâncias a pé, na natureza, em que intervêm aspetos turísticos, culturais, desenvolvendo-se normalmente por caminhos bem definidos, sinalizados com marcas e códigos internacionalmente aceites”*.

O conceito de pedestrianismo é considerado multifacetado, pois poderá se enquadrar entre diversas temáticas como os desportos de natureza, devido a ser um ato de andar a pé ao ar livre, em que o objetivo maior é partir à descoberta de um lugar enquanto se faz exercício físico e se desfruta da natureza e sossego, de forma prática, e que pode ser adaptada a todas as faixas etárias. Assim, o Pedestrianismo pode ser compreendido como uma atividade saudável, de observação da natureza e, logo, com uma vertente educativa que, quando em zonas rurais e urbanas, permite conhecer a cultura e património local (Lima, 2012; Rocha, 2014; Brandão, 2015, Cunha, 2013 Antunes, 2017).

Analisando todos os elementos que poderão ser associados a este conceito, é compreensível que o pedestrianismo seja considerado como um produto ou atrativo turístico para a promoção dos territórios.

Caracterizados pela passagem e aproveitamento de caminhos tradicionais e antigos, os percursos pedestres na sua maioria são dotados de sinalética, para que todos os praticantes sejam capazes de compreender os sinais com facilidade. Esta sinalética encontra-se organizada consoante a tipologia do itinerário e a sua distância: Grande Rota (GR), Pequena Rota (PR) ou Percursos Locais (PL), devendo igualmente existir outras informações sobre o mesmo como a sua localização, dificuldade e duração (Antunes, 2017; Lima, 2012; Brandão, 2012).

Os percursos podem ser guiados ou autoguiados. O percurso autoguiado decorre através de percursos com marcação no terreno, em que o pedestrianista é capaz de guiar-

se de forma autónoma, podendo recorrer a folhetos ou painéis que estejam colocados ao longo dos mesmos. O percurso guiado é realizado com o acompanhamento de um guia que conheça o espaço onde se insere o percurso (Rocha, 2014; Braga, 2007). Este último será a forma aplicada neste estudo.

Em Portugal, a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP) é a entidade responsável pelo processo de homologação dos percursos pedestres, bem como a respetiva regulamentação da sinalização utilizada, sendo que em Portugal se registam cerca de 3500 km de percursos pedestres homologados, sendo que 71% dos mesmos são de Pequena Rota (Antunes, 2017, p.31, citando Tovar & Carvalho, 2013; Rocha, 2014; Cunha, 2013).

Para que um percurso seja homologado, este tem de ser aprovado pela FCMP e passar por cinco fases: a realização do *Projeto*, o seu *registo*, *implementação*, que depois de um processo de vistoria pela FCMP é *homologado*, sendo que a entidade responsável pelo percurso terá a seu cargo a *manutenção* do mesmo (Rocha, 2014).

O acompanhamento guiado de um turista durante a prática de pedestrianismo enquadra-se dentro do conceito de atividade de Animação Turística (AT) (Valente, 2012).

Segundo a OMT (1985) este conceito surge como uma necessidade de resposta à criação de “*atividades que se relacionam com os interesses manifestados pelos turistas*”, e que funcionam como formas de “*descanso, diversão e desenvolvimento do tempo livre*”.

Com isto, a AT é um conjunto de atividades que responde às necessidades de entretenimento do turista, baseando-se nos recursos existentes do lugar, sendo uma ferramenta de valorização do património e do próprio destino turístico, contribuindo para o aumento da estada média dos visitantes e, por conseguinte, para o desenvolvimento da economia local (Valente, 2012; Esteves, 2015).

Por isso, “*a Animação Turística é uma área de atuação composta por um conjunto de atividades que possibilitam uma ligação entre os turistas e os territórios visitados, funcionando como um instrumento de divulgação cultural, promoção e interação*” (Pinto, 2016, p.25).

Neste sentido, a AT é definida com diversas finalidades: Educativa, Cultural, Social e Económica, que devem contribuir para a satisfação do turista, e também para a valorização do património local que resultam no desenvolvimento da economia e na preservação da cultura e tradições locais (Almeida & Araújo, 2012).

Em Portugal, o exercício das empresas de atividades de AT é regulamentada pela primeira vez com o Decreto-lei 204/2000, de 1 de setembro de 2000, considerando estas como “ *as que tenham por objeto a exploração de atividades lúdicas, culturais, desportivas ou de lazer, que contribuam para o desenvolvimento turístico de uma determinada região*” (citado por Esteves, 2015, p.18).

Mais tarde, o Decreto-lei 95/2013, de 19 de julho de 2013 distingue, no artigo 3º, duas tipologias de atividade a AT: a) Atividades de Turismo de Ar Livre, que decorram predominantemente em “*espaços naturais*” e de “*vivências diversificadas de fruição, experimentação e descoberta da natureza e da paisagem*”; e b) Atividades de Turismo Cultural, “ *que promovam o contacto com o património cultural e natural através de uma mediação entre o destinatário do serviço e o bem cultural usufruído*” (citado por Pinto, 2016, p.28).

A atividade de Pedestrianismo pode ser utilizada nas duas tipologias. Contudo, a atividade prática realizada durante o estágio profissionalizante será enquadrada no Turismo de Ar Livre, considerando que esta é feita durante toda a sua duração ao ar livre e em pleno espaço natural, pelo que não foram utilizados nenhum tipo de bem cultural.

As empresas de AT para exercerem as suas atividades legalmente necessitam de estar inscritas no Registo Nacional de Agentes de Animação Turística (RNAAT), no qual estão divididas entre empresas de AT, com as duas atividades supracitadas anteriormente; e os agentes de Operação Marítimo-Turístico (rnt.turismodeportugal.pt).

Interpretação Ambiental (IA) é um conceito que surge na harmonia entre Educação Ambiental (EA), Pedestrianismo e AT, como uma resposta à necessidade de criar uma forma mais dinâmica e prazerosa de o turista conhecer e valorizar o património, com a finalidade de o educar e transformar o seu comportamento em relação a este (Santos & Peres, 2011).

EA é considerada pela *UNESCO* como um “*processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os torna capazes de agir individual ou colectivamente na procura de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros*” (citado por Valente, 2008, p.54).

Os objetivos da EA são a consciencialização e educação para a proteção do meio ambiente e do próprio planeta. Contudo, questiona-se a sua eficácia quando aplicada à atividade turística, sendo necessário partir em busca de um conceito que possa balancear

a educação e consciencialização do turista, e a criação de atividades lúdicas que façam com que o mesmo se divirta enquanto aprende (Valente, 2008).

“ *A Interpretação Ambiental é uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum dos visitantes, fazendo com que o Ecoturista seja informado, em vez de distraído, e educado, além de divertido*” (WWF, 2003, p.263).

Com base no último parágrafo, considera-se que a IA procura ser uma alternativa à EA, pois pretende sensibilizar o turista, aproximando-o da natureza, através de atividades de descoberta do património natural e cultural, apelando à consciência e à interpretação dos valores transmitidos na experiência nas mãos do próprio turista (Ikemoto et al, 2009; Lima, 2012).

Os recursos utilizados pela IA passam pela realização de *roteiros ou trilhos interpretativos*, explorando os recursos existentes no seu redor como forma de apelar às emoções do turista através da experiência e do próprio contacto com a natureza, sensibilizando para a sua valorização e proteção (Ikemoto et al, 2009; Peres & Santos, 2011).

Outra técnica da IA é a utilização de cenários do quotidiano do visitante, e a ligação da natureza à cultura e tradição local, para uma melhor compreensão da importância do ambiente para o desenvolvimento da própria humanidade e mais facilmente chegar à consciencialização e importância de práticas amigas do ambiente (Valente, 2008).

Para além disso, a IA procura transformar a experiência do turista em algo dinâmico, recorrendo igualmente a jogos, músicas e histórias que permitam despertar a imaginação do mesmo, pois para Ham (2005), estas atividades têm como requisitos a diversão, relevância, organização e deve possuir uma temática, para que no final o turista possa levar uma mensagem consigo.

O principal objetivo da IA é que o turista compreenda de forma acessível e lúdica a mensagem que lhe é dada, e sobretudo que fique satisfeito com a experiência que usufruiu, resultando numa nova aprendizagem, esperando que tenha aumentado o valor que tinha sobre o destino que visitou, de maneira a que se tenha divertido e que fique com vontade de repetir este tipo de atividade.

Em suma, a IA é um conceito que está associado à EA, e por isso apresenta algumas dificuldades quanto à sua consolidação sendo um conceito na vanguarda.

A IA, aplicada ao turismo, tem um grande potencial de desenvolvimento, sobretudo por ser um conceito multifacetado quanto aos seus objetivos, e por ser uma

forma dinâmica de valorizar o património natural e cultural, resultando numa atividade atrativa para o turista, e que poderá promover a sustentabilidade ambiental, social e económica do destino turístico, sendo considerado neste estudo como um meio de aprendizagem e de desenvolvimento do modelo ecoturístico aqui proposto.

1.5. Benefícios e Consequências do Ecoturismo

Através da revisão da literatura é perceptível a existência de benefícios do ecoturismo bem como consequências do mesmo. Segue na tabela abaixo os resultados sobre esta análise destas duas vertentes em diferentes cenários do desenvolvimento do Ecoturismo no território.

Para a conceção da tabela 3 foram selecionados três a quatro questões que fossem relevantes em relação aos benefícios e consequências do desenvolvimento do Ecoturismo, considerando três níveis de análise: económico, sociocultural e ambiental.

Ao nível económico, o Ecoturismo, tal como as restantes tipologias de turismo, são sinónimo de criação de novas empresas no destino turístico, de forma a potencializar os produtos locais e endógenos e beneficiando a população, proporcionando-lhes um aumento das ofertas de emprego. Contudo, o turismo pode atrair empresas multinacionais que, por sua vez, trazem consigo uma equipa composta por trabalhadores de outros países, acabando por não contribuir para uma distribuição equitativa das receitas geradas pelo turismo para todos aqueles que se encontram envolvidos neste processo (Cobinnah, 2015).

Tabela 3: Benefícios e Consequências do Ecoturismo

Benefícios	Consequências
Nível Económico	
<ul style="list-style-type: none"> - Criação de novas empresas - Comercialização de produtos locais - Criação de emprego 	<ul style="list-style-type: none"> - Má distribuição das receitas geradas turísticas - Captação de Empresas Multinacionais - Uso do Prefixo <i>Eco</i> para empresas com condutas falsas da prática ecoturística - Sazonalidade
Nível Sociocultural	
<ul style="list-style-type: none"> - Maior qualidade de Vida - Fixação da População - Preservação da Cultura - Interação com outros povos (Cosmopolitismo) 	<ul style="list-style-type: none"> - Expropriação (afastamento do povo das áreas naturais) - Contratação de mão-de-obra estrangeira (Não inclusão da comunidade local) - Aculturação (descaracterização da identidade local)
Nível Ambiental	
<ul style="list-style-type: none"> - Receitas para a Conservação da Natureza - Valorização do ambiente - Preservação da natureza 	<ul style="list-style-type: none"> - Degradação do património - Sobrecarga dos destinos - Poluição

Fonte: Elaboração própria

Uma das consequências do aumento da procura pela prática turística amiga do ambiente que se encontra associada ao Ecoturismo, é o aproveitamento das empresas do uso do prefixo “eco-“ como estratégia de marketing verde, de forma a atrair clientes sobre a indução de que esta defende e pratica a sua atividade de maneira sustentável, o que nem sempre se verifica na realidade (Hintze, 2010).

Ao nível sociocultural é esperado que os benefícios económicos promovam uma maior qualidade de vida, fixando a população, preservando a cultura e identidade local, e permitindo a interação com outros povos. Por conseguinte, a introdução do Ecoturismo e destas benesses poderá afetar de forma passiva na medida em que o contacto com o turista trará a introdução de novos hábitos culturais, existindo a possibilidade de adulterar a identidade e tradições locais – aculturação.

A criação de reservas ou parques naturais em certas situações pode limitar o acesso da povoação aos seus recursos endógenos, bem como serem expulsos da sua zona onde vivem- expropriação. Isto acontece sobretudo às tribos indígenas em África e na Amazônia, no qual a criação de áreas protegidas e a ausência de acesso às plantas e alimentos que tradicionalmente se alimentam, acabam por passar dificuldades e por consequência não vêm a prática da atividade turística com bons olhos (Cobinnah, 2015).

Ao nível ambiental existem igualmente prós e contras, pois a prática do Ecoturismo pretende ajudar na conservação e proteção da natureza e, sobretudo, transmitir ao turista a importância de valorizar o ambiente e o planeta através de atividades lúdicas ou profissionais, consoante o perfil do mesmo. No entanto, a prática do Ecoturismo trará consequências de forma voluntária ou maioritariamente involuntárias como a degradação do património natural e cultural existente ou a poluição causada pelo uso de transportes para chegar ao destino. Estas questões são alvo de uma busca contínua para o melhoramento da prática ambiental na implementação do Ecoturismo, no qual o planeamento e a gestão do destino tem um papel fundamental.

1.6. Considerações

O estudo do Ecoturismo bem como da definição do ecoturista é um desafio permanente, sendo que manter-se-á continuamente em desenvolvimento, pois nunca existirá uma definição conclusiva sobre esta temática, que possa ser capaz de satisfazer todas as partes. A falta de critérios fixos e exatos e a semelhança com outros tipos de turismo são dificuldades presentes que tornam necessário um maior aprofundamento sobre esta questão (Sharpley, 2006; Weaver, 2002).

O Ecoturismo em Portugal ainda se encontra por reconhecer ao nível do desenvolvimento estratégico do turismo nacional, apesar da existência de inúmeras empresas e alojamentos, e também ecomuseus, que se encontram a crescer em Portugal com base no Ecoturismo, como por exemplo a Associação sem fins lucrativos *Lousitânea*, na Serra da Lousã.

A vertente humanista defendida neste estudo pretende assimilar e organizar as características que foram referenciadas por vários autores como as bases do Ecoturismo, e que o esquema defendido possa ajudar na clarificação dos pilares-base deste conceito.

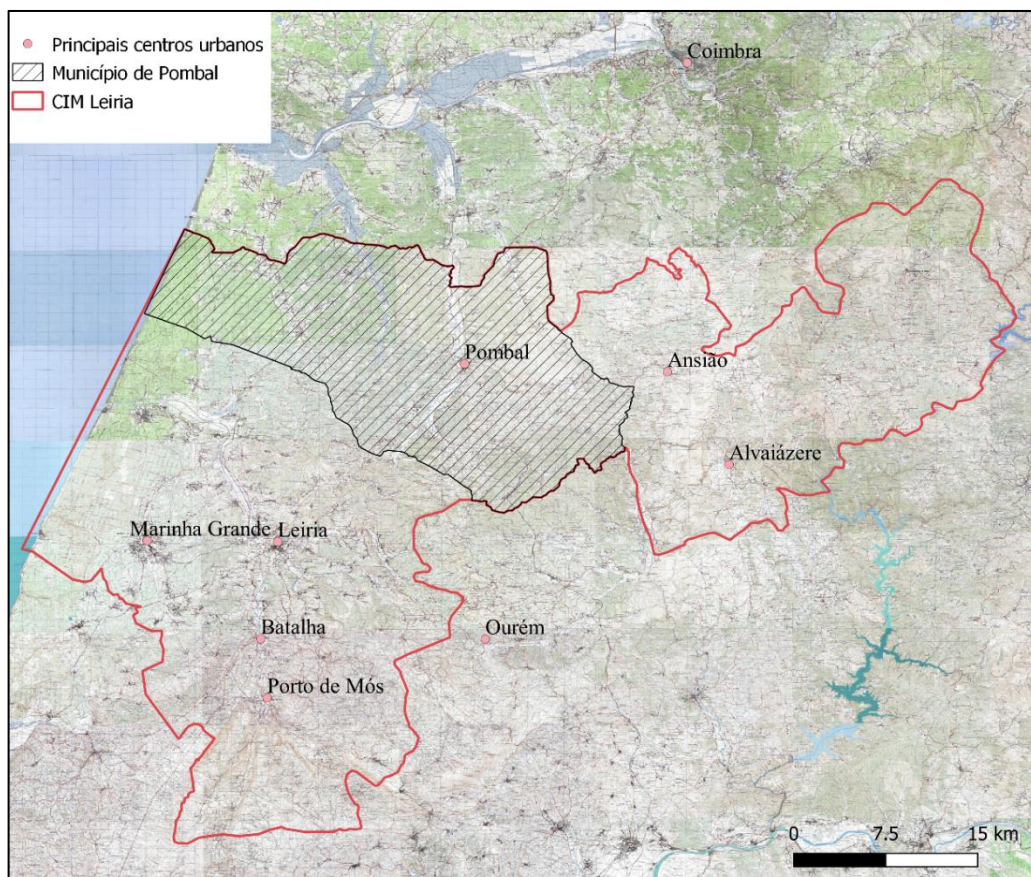
O desenvolvimento turístico num território traz sempre benesses e consequências, pelo que importa ter uma noção de equilíbrio do destino, com base na gestão e ordenamento do turismo no território, em que através da sustentabilidade possa existir vantagens para todas as partes interessadas neste processo.

II. Pombal e o Turismo

2.1 O Concelho de Pombal

O concelho de Pombal enquadra-se na Região Centro, pertencendo à Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria e faz fronteira com os concelhos da Figueira da Foz e de Soure, a norte, com os concelhos de Ansião e Alvaiázere a este, com os concelhos de Ourém e Leiria a sul, e com o Oceano Atlântico a oeste, possuindo uma faixa costeira com grandes potencialidades ao nível do turismo e da indústria.

Figura 4: Localização do Concelho de Pombal enquadrado na Região de Leiria e na Zona Centro Litoral do País



Fonte: Elaboração própria.

Um concelho com uma área de 626 km², Pombal é constituído por 17 freguesias: Abiúl, Albergaria dos Doze, Almagreira, Carnide, Carriço, Guia, Ilha, Louriçal, Mata Mourisca, Meirinhas, Pelariga, Pombal, Redinha, Santiago de Litém, São Simão de Litém, Vermoil e Vila Cã, sendo que a maior é a de Pombal, sede de concelho, e a menor a freguesia de Meirinhas. O facto de estas freguesias estarem entre a orla marítima e a Serra do Sicó confere a esta região grandes diferenças sociais, económicas e culturais dentro do próprio concelho.

Em termos estratégicos, situa-se parcialmente à mesma distância do Porto e Lisboa, no qual as boas acessibilidades permitem vantagens como um espaço propício à instalação de unidades industriais e da sua população, promovendo o fomento económico da região e a criação de emprego para a população que ali vive (Município de Pombal, 2015).

2.1.1. Acessibilidades:

Tabela 4: Sistema de transportes e Vias de comunicação

Indicadores	Quantidade:
Aérea	
Aeroportos:	0
Terrestre	
Autoestradas:	2
Estradas nacionais:	4
Estradas municipais:	2
Marítima	
Portos	0

Fonte: Elaboração própria

O concelho de Pombal não possui nenhum aeroporto mas encontra-se aproximadamente à mesma distância de Lisboa e do Porto.

A rede rodoviária destaca-se por passar 2 autoestradas, a A1 e a A17, e dois itinerários complementares: IC2 e IC8. Esta rede permite a deslocação ao concelho com grande facilidade. Existe também uma estrada de interesse turístico denominada por Estrada Atlântica, com uma via de cicloturismo que liga Pombal (freguesias de Carriço Grou) à Nazaré no qual o seu movimento tem vindo a aumentar.

O concelho de Pombal não possui nenhum porto, sendo o mais próximo o Porto da Figueira da Foz, a 40 km de distância do centro do concelho, em que através da A17 e da EN 109, permite o rápido transporte de cargas até à Figueira da Foz e Aveiro.

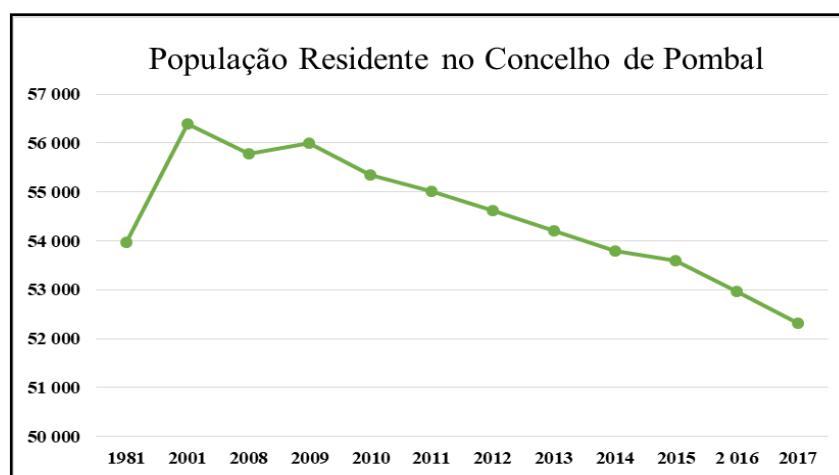
2.1.3. Demografia

Atualmente, Pombal possui cerca de cinquenta e dois mil e trezentos habitantes. A análise do gráfico sobre a evolução da população residente entre 1981 e 2017 demonstra um aumento da população até 2001 e, posteriormente, é possível identificar a diminuição da população residente até 2017, fenómeno que demonstra uma tendência negativa quanto ao número de habitantes no concelho.

Segundo os dados dos censos de 2011, a densidade populacional é de 88,2 habitantes por km², sendo um concelho maioritariamente rural, em que o índice de envelhecimento é cada vez maior, existindo atualmente 170 idosos por cada 100 jovens,

assistindo-se a um aumento da taxa de envelhecimento, que não é de todo diferente do contexto nacional (PORDATA, 2018).

Figura 5: Evolução da População residente do Concelho de Pombal entre 1981 e 2017



Fonte: Elaboração própria. Dados: PORDATA, 2018.

2.1.4. Principais Setores de Atividade

A posição geográfica do concelho de Pombal e as suas boas acessibilidades tornam este concelho propício ao fomento industrial. As indústrias que primeiro surgiram em Pombal foram as indústrias ligadas à resina, com Manuel Henriques Júnior que deu um grande contributo para o desenvolvimento económico do Concelho, entre outras indústrias ligadas à extração de madeira e transformação da mesma.

Atualmente o concelho de Pombal possui indústrias de diversos setores e de marcas conhecidas da área alimentar como a *Cuétara* ou a *Sumol+Compal*, entre outras áreas como a tecnologia, a metalomecânica e a indústria de moldes.

Os sinais dessa realidade encontram-se assinalados na figura 6, analisando os sete principais setores da atividade económica que dão um maior contributo para o volume de negócios no Concelho de Pombal.

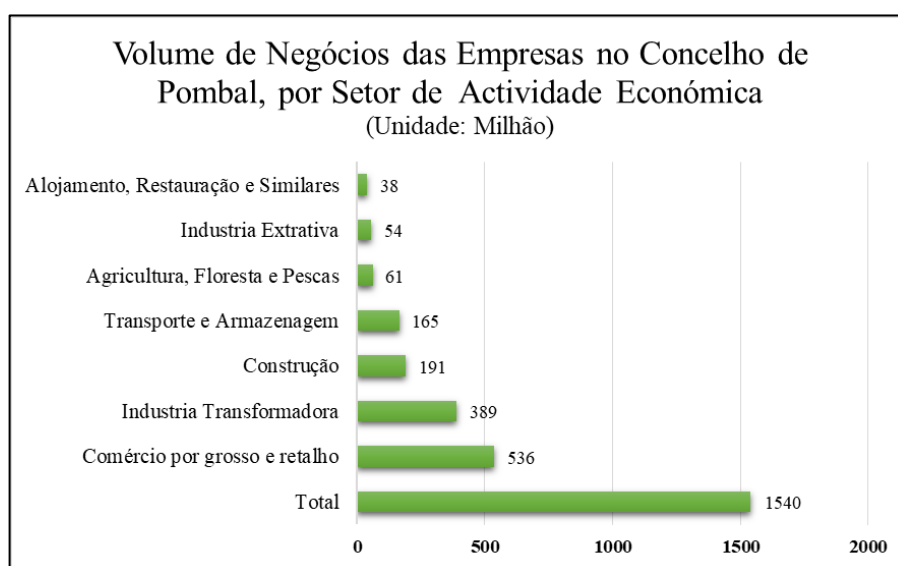
Segundo os dados do PORDATA (2018), o volume de negócios total das empresas no concelho de Pombal terá sido de 1540 milhões de euros. Dos vários setores de atividade económica responsáveis por este número, foram selecionados aqueles que mais contribuíram para este resultado.

O Comércio por grosso e retalho surge em primeiro lugar, seguido da Indústria transformadora, comprovando que a função de Pombal como cidade e como concelho é sem dúvida industrial. Segue-se a Construção e o Transporte e Armazenagem, relacionando-se com as boas acessibilidades que distinguem este território. A Indústria

Extrativa surge em quinto lugar relacionado com a extração de calcário nas pedreiras da Serra de Sicó, no qual deixam um grande impacto visual na paisagem da serra, sendo que poderiam existir outras formas de substituir as receitas geradas pela extração, como por exemplo o turismo.

A Agricultura, Floresta e Pescas surge em sexto lugar, contrastando com a baixa densidade populacional existente, fruto da existência da Serra do Sicó e da Mata Nacional do Urso, espaços de natureza e floresta ricos em recursos, que poderiam ser direcionados para este setor, através de produtos endógenos como a produção de azeite na serra, ou a pastorícia. Contudo, a população tende a ser cada vez menor e mais envelhecida, proporcionando a baixa mão-de-obra para este setor, igualmente derivado aos polos industriais do concelho e da emigração que sempre assolou este território (Eusébio, 2007).

Figura 6: Volume de negócios das Empresas no Concelho de Pombal, por setor de Atividade Económica em 2017



Fonte: Elaboração Própria. Dados: PORDATA, 2018.

Para se compreender o papel do turismo no Concelho de Pombal, o setor do Alojamento, Restauração e similares, indicador onde mais se adequa a análise do papel que o turismo tem na economia, este surge em sétimo lugar, com um volume de negócios de cerca de 38 milhões, considerando este resultado bastante positivo.

Contudo, quando comparado com o volume de negócios que os setores do Comércio e da Indústria contribuem para o concelho, o setor do Alojamento e Restauração tem um papel menor para o fomento da sua economia, pelo que lhe é dada pouca importância ao nível económico, e isso reflete-se igualmente nas políticas e estratégias do Município, quando comparadas com outras regiões.

2.2. Oferta Turística no Concelho de Pombal

Apesar de o Turismo ter um papel secundário para o desenvolvimento económico do concelho, Pombal possui uma diversidade e uma grande quantidade de recursos que são ou poderão transformar-se em atrativos turísticos.

Tabela 5: Recursos com potencial turístico no Concelho de Pombal

	Tipologia:	Recursos de Maior Interesse:
Património Histórico-cultural	Monumentos:	- Castelo de Pombal - Torre do Relógio Velho
	Igrejas:	- Igreja Matriz de Pombal - Igreja do Cardal - Convento do Louriçal - Capela da Nossa Senhora da Estrela
	Museus:	- Museu Marquês de Pombal - Museu de Arte Popular Portuguesa
	Outros:	- Quinta da Gramela - Quinta de Santana - Ponte Românica da Redinha - Aldeia do Vale - Casas da Guarda Florestal da MNU
Património Natural	Sítio de Importância Comunitária Terrestre:	Serra do Sicó
	Sítio de Importância Comunitária Marinha:	Sítio Maceda- Praia da Vieira
	Reserva Ecológica Nacional:	Mata Nacional do Urso
	Faixa Costeira:	Praia do Osso da Baleia
Património Imaterial	Gastronomia:	- Queijo do Rabaçal - Cabrito e Borrego - Bolos e Morcelas de Sangue - Papas de Sarrabulho
	Vinhos:	- Vinho das Terras de Sicó
	Artesanato:	- Cestaria: Arte do Bracejo da Ilha
	Festas e Romarias:	- Festas do Bodo - Festa de Nossa Senhora da Estrela - Feira de Artesanato de Pombal - Feira de Atividades Económicas da Guia (FAGO)
Espaços de Lazer e Cultura	Espaços de cultura	- Teatro Cine de Pombal - Biblioteca Municipal de Pombal - Centro Municipal de Exposições
	Espaços de Desporto	- Zona Desportiva de Pombal: Campo de Ténis, Futebol, Basquetebol e atividades radicais; - Piscinas Municipais
	Parques e Zonas de Lazer	- Bioparque da Charneca - Jardim do Cardal - Parque Verde do Açude - Fonte da Pedra

Fonte: Elaboração própria.

. Na Tabela 5 é apresentado alguns resultados sobre o levantamento desses recursos, selecionando aqueles que poderão ter maior interesse turístico.

Pombal é dotado de uma grande história, no qual foi deixado um valioso legado patrimonial e arquitetónico. Prova disso é a existência do Castelo de Pombal, construído no século XII (1156) por D. Gualdim Pais, com um papel defensivo na linha do Mondego, a par com os castelos de Montemor-o-Velho, Coimbra, Soure, Lousã, Penela e Buarcos.

Salienta-se a Torre do Relógio Velho, que foi mandada construir no reinado de D. Pedro I, para a recolha de tributos devidos pelos judeus e mouros, rendimentos próprios da coroa, em dia de São Martinho. Esta passou a dispor no reinado de D. Manuel I, em 1509, de um relógio mecânico e de uma sineta para o toque das Trindades fosse sempre dado a horas certas, e depois transferido para a cadeia em 1776, pelo Marquês de Pombal (Eusébio, 2007).

O Marquês de Pombal deixou igualmente a sua marca na região, com a Quinta da Gramela, que herdou do seu tio, na qual mandou criar a Real Fábrica de Chapéus da Gramela, de onde os seus cereais eram guardados no Celeiro, que mandou erigir no centro da cidade, paralelamente a Cadeia.

Foi no centro da cidade, e junto à Igreja Matriz que este, quando se retirou da vida da corte real, ali viveu até à sua morte.

Figura 7: Museu de Arte Popular Portuguesa e Igreja Matriz



Fonte: Registo próprio

Hoje em dia a Cadeia e o Celeiro deram origem ao Museu Municipal do Marquês de Pombal, e o Museu de Arte Popular Portuguesa, este último fruto da doação de cerca de duas mil peças de artesanato e arte popular portuguesa que foram doadas ao Município de Pombal por Nelson Lobo Rocha, um pombalense que se dedicou por mais de 30 anos à descoberta do Artesanato Popular Português.

Possui um vasto património religioso por todo o território, onde o Convento do Louriçal e a Igreja Matriz de Pombal sobressaem pela riqueza existente no seu interior, seguido da Igreja do Cardal, de estilo barroco, que deu origem às Festas da Nossa Senhora do Cardal, mais conhecido por Festas do Bodo, uma das Festas e Romarias mais conhecida no concelho.

Temos igualmente vilas e aldeias de grande valor histórico, como por exemplo a aldeia de Redinha, no qual podemos encontrar uma ponte romana, entre outros vestígios desta povoação, e também a Aldeia do Vale, uma aldeia em plena Serra do Sicó, que mantém ainda as suas características identitárias de uma típica aldeia serrana.

Quanto ao Património Natural, a Serra do Sicó é um dos sítios da Rede Natura 2000, um território com uma enorme biodiversidade a nível da fauna, com os morcegos, da flora, pelas orquídeas selvagens, e sobretudo ao nível da geologia, com formas cársticas singulares na paisagem, como as buracas, as grutas, dolinas e o canhão do Vale do Poio, que tornam este lugar propício a diversas atividades de Turismo de Natureza como o Pedestrianismo, a Escalada e a Espeleologia.

Atualmente, a Resolução do Conselho de Ministros n.º 17/2019 aprova a inclusão da faixa litoral entre Maceda e Praia da Vieira na lista nacional de sítios da Rede Natura 2000, de forma a proteger o *habitat 1110*: Bancos de areia permanentemente cobertos por água do mar pouco profunda, e o *habitat 1170*: Recifes, e proteger espécies marinhas como o Boto (*Phocoena phocoena*) e o Roaz (*Tursiops truncatus*) (Diário da República, 1.ª série — N.º 16 — 23 de janeiro de 2019). Esta questão poderá trazer no futuro novas potencialidades com base na conservação da natureza e educação ambiental, para o desenvolvimento do Ecoturismo na região litoral, a par com a Mata Nacional do Urso.

Ao nível da Gastronomia e Vinhos, a Serra do Sicó traz uma grande influência das zonas mais serranas do concelho, sendo que a produção do Queijo do Rabaçal, do Azeite e do mel das Terras do Sicó é bastante comum na região. Pratos de Carne de Borrego e de Cabra estendem-se por todo o concelho, sendo preparado de diversas formas. Os Bolos e Morcelas de Sangue são produtos da Região das Freguesias da Ilha e do Carriço, que têm uma grande ligação histórica à atividade rural, característica daquele território. Quanto à doçaria, os produtos são vastos, temos os biscoitos do Louriçal, os Cardalinhos, a Queijada da Ti Maria da Rata, a Fogaça, entre outros (Lopes, 2002).

O artesanato mais conhecido é a arte do Bracejo da Ilha que, através do Bracejo, uma erva vulgar na região, são confeccionados cestos, entre outros objetos que eram utilizados na vida quotidiana do mundo rural.

Dotado de diversas infraestruturas propícias à prática de atividades de lazer, os espaços mais conhecidos para este fim são o Teatro-Cine de Pombal, pelas atividades culturais existentes durante todo o ano, a Biblioteca Municipal, espaço de acesso à cultura, a Expocentro, espaço onde se realizam diversos eventos como a Feira de Artesanato de Pombal, e a Zona Desportiva de Pombal que é um atrativo para diversas atividades desportivas e que com base na agenda do município, tem captado diversos eventos desportivos nacionais e internacionais.

2.2.2 Alojamento e Empresas de Animação Turística:

Durante um estudo no âmbito do Mestrado em Ecoturismo em 2017 foi realizado um levantamento sobre o Sistema de Alojamento em Pombal. Com base nessa recolha e nas informações atuais presentes no Registo Nacional de Turismo (consultado em março de 2019), apresenta-se de seguida a evolução do Alojamento em Pombal e as suas principais características:

Tabela 6: Registo de Empreendimentos Turísticos e Unidades de Alojamento Local no Concelho de Pombal entre 2017 e 2019

Ano:	Número de Empreendimentos:		Nº de unidades de alojamento:		Capacidade:	
	2017	2019	2017	2019	2017	2019
Indicadores:						
Hotéis***	2	2	77	77	144	144
Hotéis**	2	2	53	53	102	102
Empreendimentos de Turismo em Espaço Rural:	4	3	20	17	41	35
Parques de campismo:	1	1	-	-	165	140
Total de Empreendimentos turísticos:	9	8	150	147	452	421
Alojamento Local	17	36	112	228	112	300
Total:	35	44	262	375	705	721

Fonte: Elaboração própria. Dados: Registo Nacional de Turismo, consultados em 2017 e 2019.

Existem no concelho de Pombal duas unidades hoteleiras de duas estrelas e duas de três, não se registando unidades hoteleiras de quatro ou cinco estrelas. Perdeu-se um empreendimento de Turismo em Espaço Rural de 2017 para 2019, tendo atualmente somente três unidades.

Pombal apenas possui um Parque de Campismo, *O Tamanco*, localizado na freguesia do Louriçal, e não se regista nenhum parque de caravanismo.

Em relação ao número total de Empreendimentos Turísticos, entre 2017 e 2019 perdeu-se uma unidade hoteleira e reduziu-se a sua capacidade conjunta. A oferta de Alojamento não abrange todas as categorias existentes, e a presença de apenas um parque de campismo leva a que se classifique a sua oferta como sendo frágil e com necessidades de desenvolvimento.

Por sua vez, entre 2017 e 2019, o Alojamento Local viu aumentar de 35 para 44 empreendimentos, tendo um aumento significativo da sua oferta e capacidade de alojamento, contribuindo para o aumento da oferta hoteleira. Esta alteração no prazo de dois anos demonstra que o Concelho de Pombal se encontra a evoluir a nível turístico, pois se existe um aumento da oferta, existe respetivamente um aumento da procura turística, que será abordado no ponto 2.3.

O sistema de Alojamento Turístico encontra-se em desenvolvimento e tem potencial para a criação de novas e diversas unidades hoteleiras.

Tabela 7: Empresas e atividades de Animação Turística Oferecidas no Concelho de Pombal

Indicadores:	Quantidade:
Nº de Empresas de Animação Turísticas em Pombal:	6
Atividades de ar livre/ aventura:	
Atividades de <i>teambuilding</i> :	1
Atividades de Orientação:	1
Caminhadas e outras atividades pedestres:	1
Passeios em todo o terreno:	1
Atividades culturais/tour paisagístico e cultural:	
Atividades que se desenvolvam exclusivamente em ambiente urbano de percursos pedestres	1
Rotas temáticas e outros percursos de descoberta do património	2
Atividades e experiências de descoberta do património Etnográfico	2
Atividades aéreas:	
Experiências de Paraquedismo	1
Total de Atividades de Animação Turística oferecidas:	10

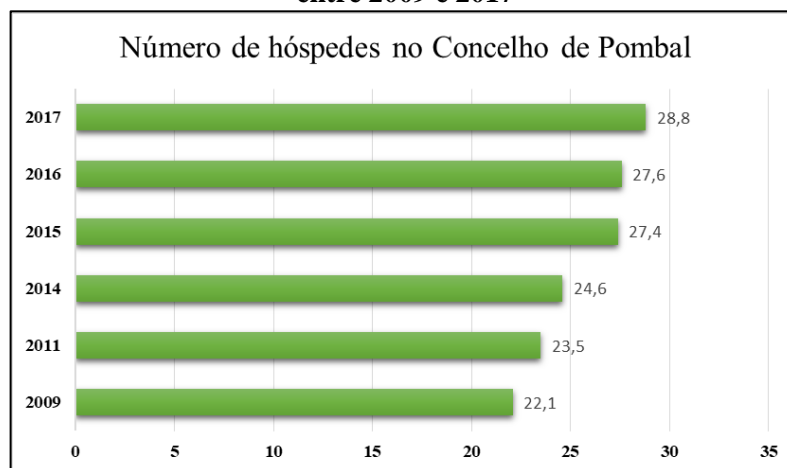
Fonte: Elaboração própria. Dados: Registo Nacional de Turismo, consultados em 2019.

Ao todo, no concelho de Pombal encontram-se registadas seis empresas de animação turística, sendo que nem todas atuam no território, neste caso, as empresas marítimo-turísticas. No total são dez atividades oferecidas, sendo que as que se repetem por duas empresas são as *Rotas temáticas e outros percursos de descoberta do património* e as *Atividades e experiências de descoberta do património Etnográfico*, concluindo que as atividades mais praticadas no concelho serão as atividades de *Touring Cultural* e *Paisagístico*.

2.3. Procura Turística no Concelho de Pombal

Para melhor caracterizar a procura turística no concelho de Pombal, foram utilizados diversos indicadores com base no alojamento turístico, bem como nos dados sobre o número de visitantes do Posto de Turismo e Castelo de Pombal.

Figura 8: Número de hóspedes total nas unidades de alojamento do Concelho de Pombal entre 2009 e 2017



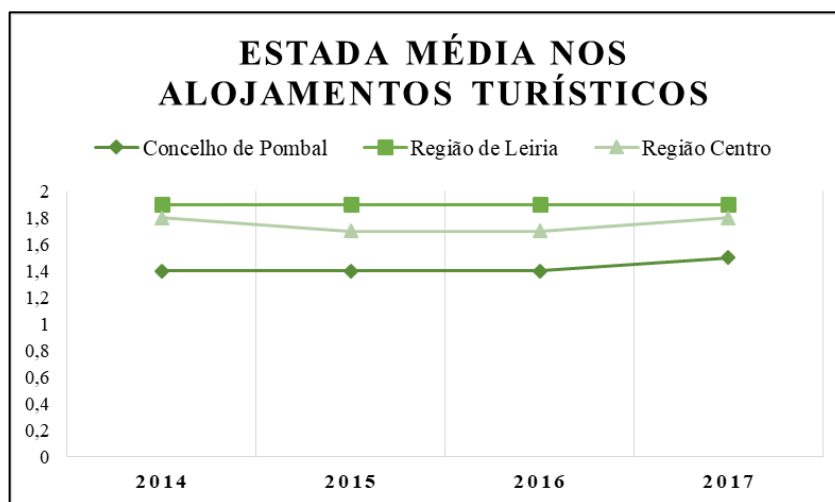
Fonte: Elaboração própria. Dados: PORDATA, 2018.

O gráfico sobre o número de hóspedes nas unidades de alojamento no Concelho de Pombal entre 2009 e 2017 (figura 8) revela o aumento sucessivo do número de hóspedes, sendo que os últimos dados apontam para cerca de vinte e nove mil hóspedes em 2017. O número de hóspedes em 2017 apresentado corresponde a cerca de 11% do número de hóspedes da Região de Leiria, e a menos de 1% (0,76%) do número de hóspedes da Região Centro desse mesmo ano que regista cerca de 3 milhões e 805 mil hóspedes (PORDATA, 2018).

Isto significa que o Concelho de Pombal ao nível do número de hóspedes possui apenas uma pequena percentagem do alojamento registado na região Centro, e que tem potencial de mercado para aumentar a sua ocupação. No entanto, como foi visto, a oferta hoteleira existente no território assume grandes limitações para o desenvolvimento turístico do concelho, podendo ser um entrave na captação de uma maior percentagem de hóspedes que pernoitam da Região de Leiria e da Região Centro.

Em relação à estada média, o concelho de Pombal está abaixo da média da Região de Leiria, que se encontra a liderar (estada média de 1,9 dias) e da Região Centro, que se posiciona ligeiramente abaixo (estada média de 1,8 dias). No entanto, a sua estada média aumentou de 1,4 para 1,5 dias, apontando para um crescimento gradual deste indicador, o que sugere o aumento do tempo de permanência por parte do turista em Pombal, sugerindo uma evolução progressivamente positiva num cenário futuro

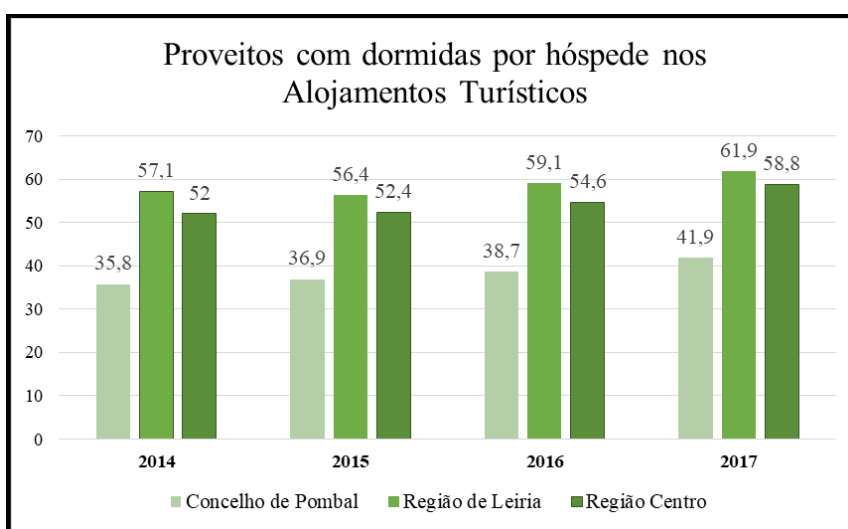
Figura 9: Estada Média nos Alojamentos turísticos em Pombal, Região de Leiria e Região Centro, entre 2014 e 2017



Fonte: Elaboração própria. Dados: PORDATA, 2018.

Em relação aos proveitos com dormidas por hóspede nos Alojamentos Turísticos, a Região de Leiria (61,9 euros) encontra-se acima da média da Região Centro (58,8 euros), e o concelho de Pombal tem um proveito muito abaixo das duas regiões (41,9 euros). No entanto, entre 2014 e 2017 é notório o aumento progressivo dos proveitos, sendo que a tendência aponta para que este número continue a crescer gradualmente nos próximos anos.

Figura 10: Proveitos com dormidas por hóspede em Pombal e nas Regiões de Leiria e Centro, entre 2014 e 2017

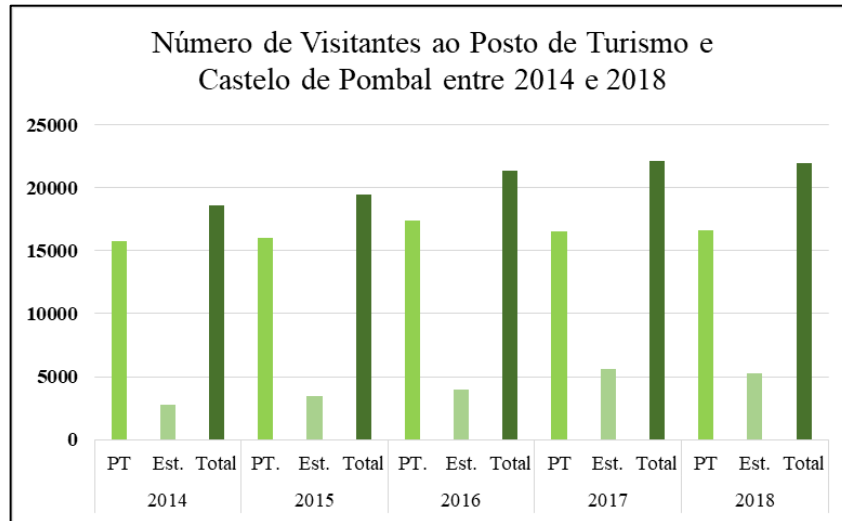


Fonte: Elaboração própria. Dados: PORDATA, 2018

Apesar de Pombal estar posicionado, em relação às variáveis apresentadas, abaixo da Região de Leiria e da Região Centro, o facto de existir um aumento gradual e sucessivo sugere que o concelho se encontra num desenvolvimento positivo quanto ao turismo, e

que ainda tem potencial de crescimento para alcançar o nível das regiões turísticas onde se enquadra.

Figura 11: Número de Visitantes no Posto de Turismo e Castelo de Pombal entre 2014 e 2018, por público nacional, estrangeiro e total.

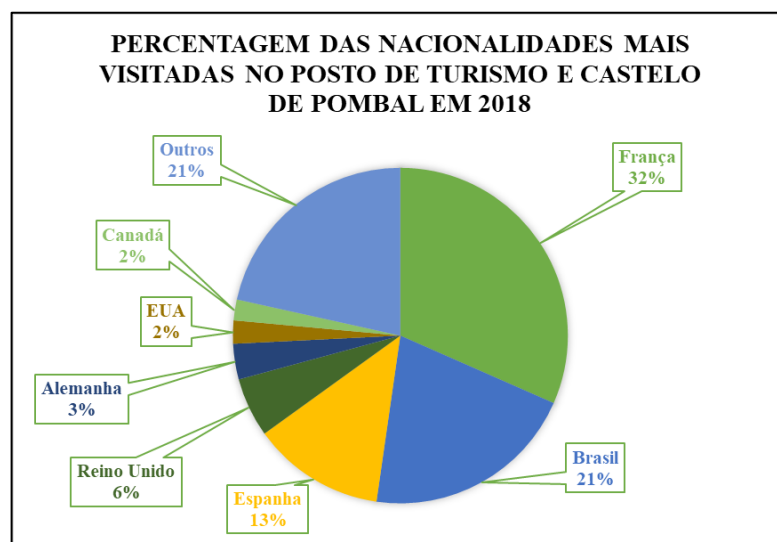


Fonte: Elaboração própria. Dados: Município de Pombal, 2019.

O Posto de Turismo de Pombal situa-se no Castelo de Pombal, por se considerar que este é o ponto de maior atração turística do concelho, justificando assim a sua localização para um maior controlo do número de Turistas em Pombal. Entre 2014 e 2016 houve um aumento gradual do número de visitantes, sendo que nos anos de 2017 e 2018 o Posto de Turismo e Castelo de Pombal receberam cerca de 22 mil visitantes ao ano.

O turista nacional é o que mais visita este espaço, sendo que o turista estrangeiro apenas ocupa uma pequena percentagem das visitas.

Figura 12: Nacionalidades que mais visitaram o Posto de Turismo e Castelo de Pombal, em percentagem.

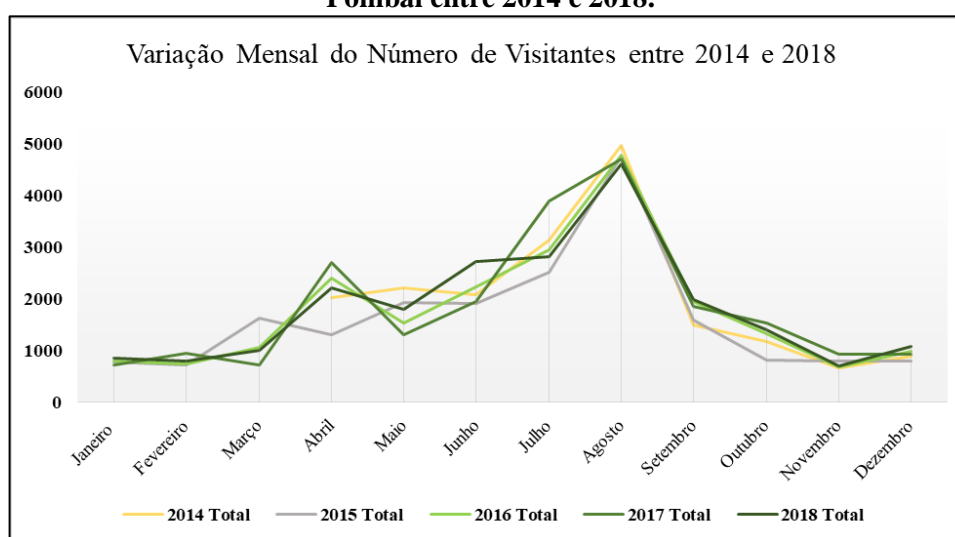


Fonte: Elaboração própria. Dados: Município de Pombal, 2019.

Dentro do Turista Estrangeiro, a maior percentagem vem de França (32%), seguido do Brasil (21%), em terceiro lugar Espanha (13%) e em quarto lugar o Reino Unido (6%), seguido da Alemanha (3%) e dos Estados Unidos (2%), sendo que os restantes 21% pertencem a turistas de diversas nacionalidades que não obtiveram uma relevância percentual para se fazerem representar na figura 12.

A figura 13 pretende analisar quais os meses que têm o maior número de visitantes, sendo que aqueles que registam maiores picos de crescimento são os meses de Abril, no qual é realizado anualmente a Feira Medieval no castelo, e de Agosto, onde retornam muitos emigrantes a Portugal.

Figura 13: Variação Mensal do Número de Visitantes no Posto de Turismo e Castelo de Pombal entre 2014 e 2018.



Fonte: Elaboração própria. Dados: Município de Pombal, 2019.

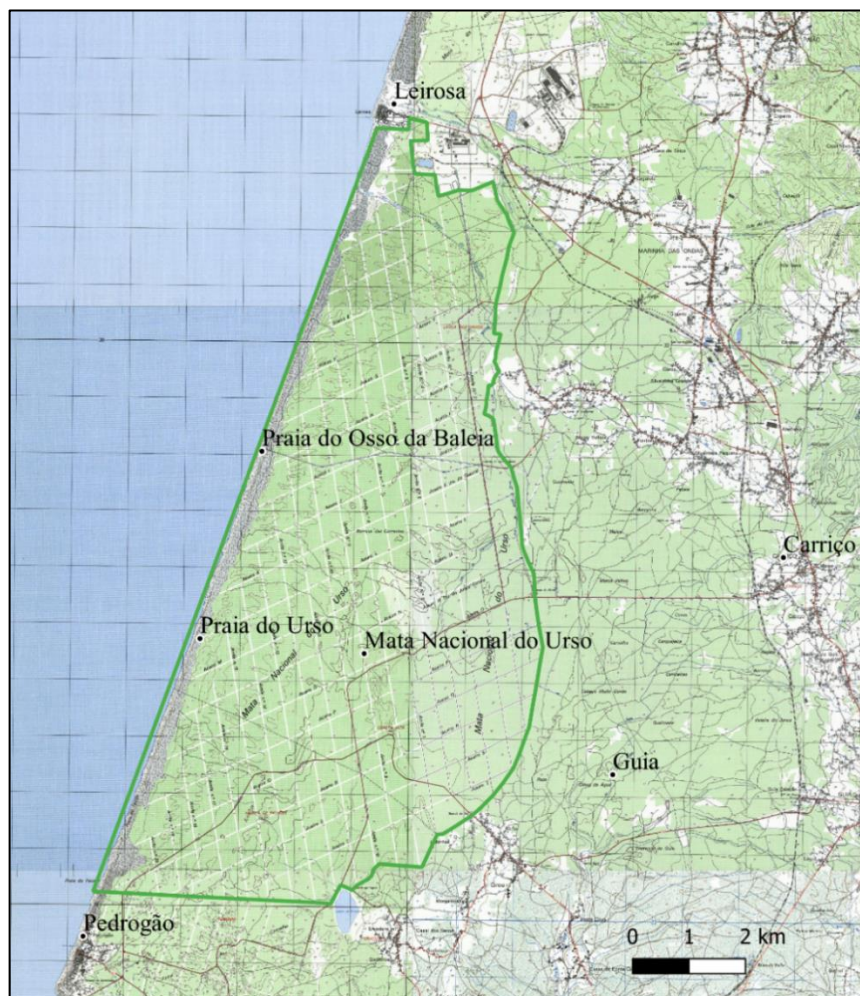
Após Abril, o mês de Maio sofre um ligeiro decréscimo, voltando o número de visitas a crescer progressivamente entre junho e agosto, onde se registam em 2018 cerca de 4600 visitantes, voltando o número de visitantes a descer de forma drástica para setembro, com cerca de 2000 visitantes, diminuindo ligeiramente para outubro, sendo que depois os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro acabam por estagnar, recebendo uma média de 850 visitantes por mês, voltando a subir novamente em março, acabando por tornar este cenário cíclico, com altos e baixos, apontando para a existência de sazonalidade no Turismo do Concelho.

Capítulo III: A Mata do Urso e o Ecoturismo: Origens e principais recursos.

A Mata Nacional do Urso (MNU) é uma floresta que compreende o antigo Pinhal do Urso e as dunas entre a Praia da Leirosa, a norte, e a praia do Pedrogão, a sul.

Foi uma das primeiras pertencentes ao Estado Nacional a ter um plano de ordenamento, encontrando-se dividida em talhões, compartimentados por aceiros e arrifes. Integra atualmente o *Plano Regional de Ordenamento Florestal do Centro Litoral [PROF CL]* e as mesmas sub-regiões homogéneas [SRH]. É também condicionado pelo *Plano de Ordenamento da Orla Costeira* e pela *Estratégia Nacional de Conservação da Natureza* e integrando o *Plano Diretor Municipal [PDM]* das autarquias onde se insere: Pombal, Figueira da Foz e Leiria.

Figura 14: Localização geográfica da MNU



Fonte: Elaboração própria

Com uma área total de 6102,46 ha, cerca de dois terços da mata (4517,46 ha) enquadram-se no Concelho de Pombal, constituindo um território com uma importância económica, ambiental e cultural para o seu município e para a sua população residente.

Neste espaço podemos encontrar a Praia do Osso da Baleia, considerada desde 1998 Praia Dourada, devido a apresentar valores singulares do ponto de vista geológico, florístico, faunístico, paisagístico e patrimonial, e também outros espaços de lazer, que o Instituto de Conservação da Natureza e da Florestas [ICNF] e o Município de Pombal tem procurado dinamizar.

Em 2004 recebeu o galardão Bandeira Azul renovando-se o mesmo título, ano após ano. Desde 2005, a praia recebeu também o galardão Praia Acessível, oferecendo condições e infraestruturas para pessoas com mobilidade condicionada

Neste sentido, procura-se abordar neste capítulo a importância deste espaço florestal para o Concelho de Pombal, de modo a reconhecer a existência de recursos com potencial na MNU que poderão ser valorizados através do Ecoturismo.

3.1 Origem

Ao longo dos séculos, a Mata Nacional do Urso foi evoluindo em relação à extensão do seu território e cultivo, e também quanto aos seus órgãos de gestão:

“Propriedade e sua origem: Compreende esta propriedade o Pinhal do Urso fez parte do Couto do Louriçal, pertença do antigo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e, por doação de El-rei D. João III, passou para a Universidade de Coimbra.

Em 1837 passou este Pinhal para o domínio do Estado, ficando considerado desde então como Mata Nacional, e as dunas compreendidas ente as Dunas de Pedrógão e o Rego da Leirosa, hoje em parte já arborizadas” (ICNF, 2010, p.75).

Tudo indica que este pinhal já existisse anteriormente ao Séc. XIII, aquando o Rei D. Dinis mandou cultivar o Pinhal de Leiria para intensificar a sua produção, para que a madeira que ali crescesse servisse para a construção de barcos para as expedições na época Descobrimientos mas, igualmente, para funções de lazer, como as caçadas reais (Rego, 2001).

Inicialmente pertencia ao Couto do Louriçal, que estava integrado no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Posteriormente, durante o Séc. XVI e, com a extinção das ordens religiosas em 1834, o rei D. João III doou este território à Universidade de Coimbra, sendo a mata denominada de “Pinhal da Universidade” (Eusébio, 2007).

Já no século XIX, em 1837, este pinhal passou para o domínio do Estado, cuja gestão estaria a cargo da Administração Geral das Matas do Reino, sediada na Marinha Grande e criada em 1824 (Silva & Leitão, 2000).

É com esta última mudança que começam a ser feitos os primeiros passos ao nível do ordenamento da Mata e, em 1894, surge o primeiro plano de ordenamento da Mata Nacional do Urso.

Nos tempos mais recentes, a MNU dependeu dos Serviços Florestais da Figueira da Foz até que, em 1997, passou para a gestão dos Serviços Florestais sedeados na Marinha Grande (ICNF, 2010).

3.2. Ordenamento da Mata

Com base na análise do *Plano de Gestão Florestal das Matas Nacionais do Urso e do Pedrógão*, elaborado em 2010 pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), foi possível perceber a evolução da Mata Nacional do Urso desde o seu primeiro plano de ordenamento:

Tabela 8: Análise da evolução do ordenamento da Mata Nacional do Urso:

	1894	1933	1984	2010
Área arborizada:	1319,75 ha	3943,30 ha	5981,05 ha	5907,31 há
Edifícios e terrenos de cultura (área social):	7,00 ha	6,22 ha	5,45 ha	6,29 há
Lagoas, pântanos e cobertos de água:	3,30 ha	16,16 ha	1,26 ha	-
Terrenos improdutivos:	22,90 ha	1926,87 ha	77,50 ha	-
Caminhos aceiros, arrifes, depósitos, viveiros, etc.	33,64 ha	71,06 ha	-	188,86 ha
Área Total:	1386,59 ha	5963,61 ha	6065,26 ha	6102,46 ha

Fonte: Elaboração própria. Dados: ICNF, 2010.

Entre o primeiro plano, em 1894 e o plano seguinte, em 1933, existiram grandes alterações ao nível da área total da mata: passamos de 1387 ha para cerca de 5963 ha, fruto de uma grande acumulação de areias que foram se anexando ao território. Nesse sentido observa-se que existe um aumento dos terrenos improdutivos para cerca de 1 terço da mata (1927 ha), possivelmente sendo parte constituinte das dunas que faltavam arborizar até 1936, notando que em 1984 este dado volta a decrescer.

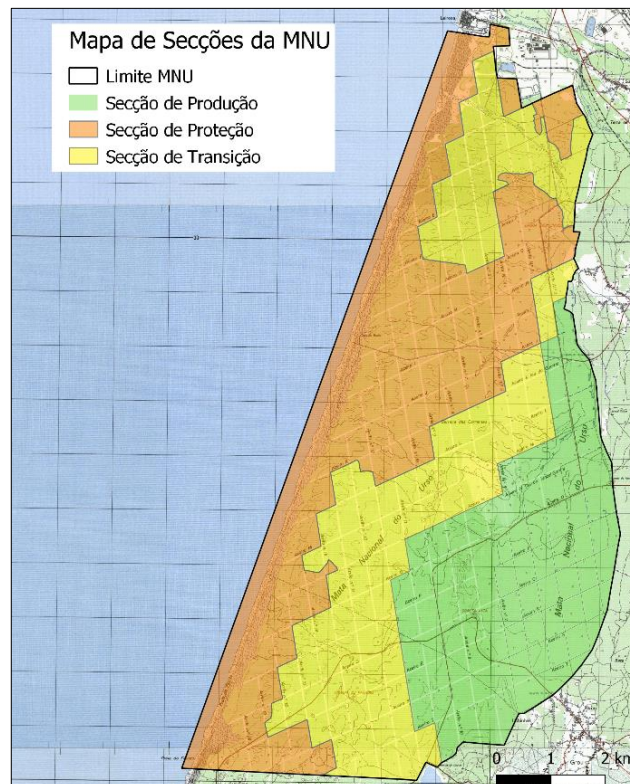
Assiste-se a um aumento progressivo da rede viária de circulação na mata, fruto da abertura deste território ao lazer, através da Estrada Atlântica, e também da rede viária para uso das 2 indústrias que ali se implementaram: a *Celbi*, e a *Renoeste*.

Entre 1894 e 1933 verifica-se um grande aumento ao nível das zonas húmidas de 3 para 16 ha, existindo uma redução em 1984, devido à exploração do aquífero da mata para fins industriais.

3.2.1. Funcionalidades

A Mata Nacional do Urso encontra-se organizada por talhões e aceiros de forma a facilitar a sua gestão. Outra ferramenta de controlo da mesma é a divisão do território pela qualidade do arvoredo e pelas funções no qual cada território se enquadra, sendo esta distribuída por três secções: Produção, Proteção e Transição:

Figura 15: Distribuição das secções na MNU



Fonte: Elaboração própria. Dados: ICNF (2010).

- **Secção de Produção:** ocupa cerca de 30% da área florestal com funções de aproveitamento do coberto florestal para fins industriais. Encontra-se nos talhões mais antigos da mata, protegida dos ventos pela crasta alta, uma zona de maior relevo, permitindo uma melhor produção de pinheiro-bravo, para diversos aproveitamentos industriais. É nesta secção que a mata produz a sua maior receita para investir posteriormente nos trabalhos florestais e de conservação das restantes secções;

- **Secção de Proteção:** ocupa cerca de 36% da área florestal da mata, tendo como principal função a proteção e conservação dos corredores ecológicos do litoral e das lagoas. Um dos objetivos mais importantes é proteger as zonas de areal mais recentemente fixados, devido à sua grande fragilidade enquanto ecossistema.

- **Secção de Transição:** ocupa cerca de 34 % da área florestal, e diferencia-se por ser uma “zona tampão” entre as áreas de proteção e produção, procurando “*promover ambas as funções, tratando-se genericamente de pinhal com qualidade média, com*

necessidade de um tratamento específico e cortes de renovação”, visando fundamentalmente a sua melhoria, renovação e o aumento da biodiversidade (ICNF, 2010, p. 62; Fabião, 2006).

Para além destas secções, a Mata Nacional do Urso tem outras funções de carácter ambiental como o sequestro de carbono, e também a nível da hidrologia, visto que acarreta um grande aquífero no seu subsolo com uma grande importância a nível socioeconómico e ambiental.

As lenhas, a caruma, as pinhas e os matos são produtos que as populações residentes na periferia continuam a procurar e a retirar, infelizmente não com tanta regularidade como há décadas atrás, tal como a procura por cogumelos, que tem visto a sua vegetação decrescer e sendo cada vez mais difícil de encontrar na mata (ICNF, 2018; LPN, 2007).

3.3. Caracterização do Clima, Relevo e do Solo

3.3.1. Clima

A MNU enquadra-se no clima temperado mediterrâneo, caracterizado pela influência da proximidade do mar. As características fundamentais deste tipo de clima são um Verão quente e seco e um Inverno de temperaturas suaves e em regra pluvioso. Segundo o Plano de Gestão Florestal da Mata, a temperatura e a precipitação apresentam uma forte variação sazonal:

Temperatura: Os valores médios de temperatura do ar variam regularmente ao longo do ano, com o máximo em Agosto (média de 24 °C) e o mínimo em Janeiro (média de 5,8°C), sendo que os meses mais quentes do ano registam-se em Junho, Julho, Agosto e Setembro e o mês com temperatura mais baixa regista-se em Janeiro. A temperatura média anual ronda os 14,7 °C. No mês de Agosto registam-se por vezes temperaturas que podem ir até aos 40°C, que torna a humidade relativamente baixa e mais suscetível à propagação de incêndios;

Precipitação: os seus níveis concentram-se sobretudo entre os meses de Outubro e Abril, apresentando um total anual médio da ordem dos 812mm;

Vento: predomina dos quadrantes de Norte e Noroeste. A velocidade média do vento é maior nos meses de Verão, e a humidade relativa do ar é mais elevada em Dezembro e Janeiro, e em Junho, Julho e Agosto apresentam os valores mais baixos (ICNF, 2010).

3.3.2. Relevo

O relevo da MNU é pouco acidentado, considerando esta zona enquadrada no nível basal, onde as altitudes não ultrapassam a média dos 50 m, excepcionalmente atingindo os 88 metros na Crasta Alta, que separa sensivelmente a secção de transição a oeste e a secção de produção a este.

Paralelamente à linha de costa, existe um cordão de dunas frontais (primárias) com uma altitude média de cerca de 10m. Este cordão teve a sua origem na técnica do ripado móvel, tendo a duna primária sido construída artificialmente para impedir a entrada das areias empurradas pelos ventos marítimos, funcionando como barreira de proteção. Por vezes, aparece um segundo cordão que terá a sua origem na redução da capacidade de transporte do vento ao entrar na zona de abrigo pelo primeiro cordão (ICNF, 2010).

Figura 16: Dunas do Urso, de relevo pouco acidentado, finalizando com as dunas primárias ao fundo da paisagem



Fonte: Registo pessoal

3.3.3. Solos

Os Solos da MNU são classificados como *podzóis*, compostos por aluviões, areias de dunas e areias de praia, pertencente à *Orla Mesocenozóica Ocidental* com textura grosseira e materiais pouco consolidados e, por isso, apresentam uma permeabilidade média a elevada, possuindo características favoráveis ao armazenamento de águas subterrâneas (Cerqueira, 2001).

O tipo de solo encontrado nas dunas litorais é um solo muito pobre em matéria orgânica, mais ou menos ácido, com fraco poder de retenção, boa permeabilidade e é um

substrato bastante móvel, cuja fixação é possível através da evolução da cobertura vegetal (Canteiro, 1995).

Assim, constata-se a razão para a baixa recetividade da maioria das espécies arbóreas para este território, sendo o Pinheiro – bravo (*Pinus pinaster*) que melhor resiste neste tipo de solo. Não obstante à presença da Acácia (*Acácia longifólia*), que igualmente se consegue adaptar a vários tipos de solo, carecendo de vigilância da ocupação e propagação da mesma.

Figura 17: Eucalipto de grande dimensão junto à Casa da Guarda Florestal do Norte, Carriço



Fonte: Registo próprio

O eucalipto (*Eucalyptus globulus*) tem maiores dificuldades de adaptação em grande parte da MNU, devido à grande quantidade de água que necessita para a sua produção. Portanto, este apenas consegue singrar junto de zonas mais húmidas, nomeadamente perto das valas e lagoas.

O Diapiro de Monte Real, onde se enquadra grande parte do território da MNU, é de composição salífera, por um sistema de camadas espessas de Salgema, um mineral que pode ser utilizado para diversos fins industriais.

A existência desta cavidade apresenta uma boa capacidade de armazenamento em segurança para o gás natural, começando a ser explorada no final do século XX, através da utilização da água do aquífero para o processo de lavagem pressurizada de algumas jazidas – *processo de lixiviação*, no qual é retirado o salgema, aproveitado para fins

industriais e posteriormente é armazenado o gás natural. Estas jazidas são as maiores reservas naturais de gás natural a nível nacional, sendo o subsolo da MNU de grande importância estratégica para o país (Alves, 2015).

3.3.4. Hidrologia

A MNU situa-se na bacia hidrográfica do Lis e na sub-bacia do Litoral Lis, mas a sua drenagem fluvial é pouco significativa, sendo o seu principal recurso as águas subterrâneas.

O Sistema Aquífero da Mata do Urso é a designação dada ao Sistema Aquífero Leirosa-Monte Real (código - 010 do INAG), na área pertencente ao concelho de Pombal, abrangendo parte das freguesias de Carriço e Guia (Almeida *et al*, 2000).

Figura 18: Poços verticais da CELBI junto a dunas primárias na MNU



Fonte: Registo próprio

O sistema de reservas de água subterrâneas é de grande importância para o abastecimento de água no concelho de Pombal e também para fins industriais, como é o caso da sua utilização por parte da *CELBI* (figura 18) e da *RENOESTE*, começou a ser explorado na década de 60 pela fábrica de Celulose Beira Industrial no processo de produção de pasta de papel e, desde 2001, pela REN Armazenagem, para a construção de cavernas em profundidade para o armazenamento de gás natural, no Carriço (Município de Pombal [CMP], 2015; Carneiro, 2015).

3.4. Valores ambientais de interesse na MNU

3.4.1. Habitats

A MNU encontra-se classificada como Biótopo *CORINE*, tratando-se de uma área com interesse ambiental, delimitada pela União Europeia no âmbito do projeto

Coordination of Information on the Environment Land Cover (Comunidade Económica Europeia [CEE],1991).

A maioria biótopos passou a ter estatuto de proteção estando integrados na Rede Natura 2000. Apesar das características que serão apresentadas de seguida, a MNU não integrou esta rede, desconhecendo-se as razões para tal, considerando o grau de enorme sensibilidade deste território, contemplado por 2 corredores ecológicos de grande interesse ambiental. Urge portanto, reconhecer a sua importância e procurar proteger esta floresta e faixa costeira o melhor possível, não só através da sua conservação como também através da promoção do Ecoturismo e valorização do património

Tabela 9: Habitats Naturais designados pela Diretiva Habitats registados na MNU

Código:	Designação:
1410	Prados salgados mediterrânicos (<i>Juncetalia maritimi</i>)
2110	Dunas móveis embrionárias
2120	Dunas móveis do cordão litoral com <i>Ammophila arenaria</i> (dunas brancas)
2130*	Dunas fixas com vegetação herbácea (dunas cinzentas) <i>Crucianellion maritimae</i>
2150*	Dunas fixas descalcificadas eu-atlânticas (<i>Caluno-Ulicetea</i>)
2170	Dunas com <i>Salix arenaria</i>
2230	Prados dunares de <i>Malcomietalia</i>
2250*	Matos litorais de zimbros (<i>Juniperus spp.</i>)
2260	Dunas com vegetação esclerófita (<i>Cisto-Lavenduletalia</i>)
2270*	Florestas dunares de <i>Pinus pinea</i> e /ou <i>Pinus pinaster</i>
3110	Águas oligotróficas muito mineralizadas das planícies arenosas atlânticas com vegetação anfíbea de <i>Lobélia</i> , <i>Littorella</i> e <i>Isoetes</i>
4020*	Charnecas húmidas atlânticas meridionais de <i>Eriça ciliaris</i> e <i>Erica tetralix</i>
6410	Prados de molínias em calcário e argila (<i>Eu-molinion</i>)
6420	Prados mediterrânicos de ervas altas e juncos (<i>Molinion- Holoschoenion</i>)
6431	Comunidades pioneiras de ervas altas de orlas de cursos de água em planície

* habitats prioritários Fonte: Elaboração própria. Dados: CMP, 2015.

Através da tabela 9, podemos compreender a diversidade e riqueza de habitats que a MNU apresenta. Destaque para a importância dos habitats intradunares e dunares, cuja maioria se encontra no corredor ecológico do litoral, ao qual urge preservar, atendendo atualmente às dificuldades climáticas que têm vindo a surgir, assistindo a uma intensificação dos agentes erosivos (fig. 19), como é o exemplo do aumento de tempestades marítimas e dos ventos mais agressivos que colocam estes habitats em perigo, bem como o impacto que pode ter na vida animal e na flora existente.

A maioria destes habitats é acessível e visível através dos caminhos que foram feitos pelo Homem, tanto para a organização da MNU, como para o acesso ao cordão dunar, a fim de se deslocarem à praia para atividades de recreio e lazer. Por estas razões importa consciencializar a população local e os visitantes deste espaço para as boas práticas ambientais neste território.

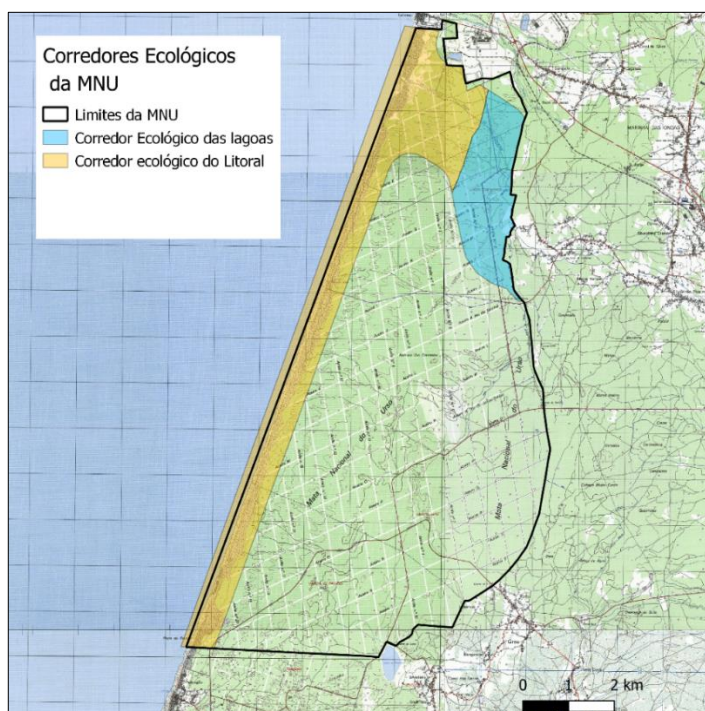
Figura 19: Impacto dos agentes erosivos nas dunas primárias da praia do Osso da Baleia



Fonte: Registo próprio

3.4.2 Corredores ecológicos

Figura 20: Corredores Ecológicos presentes na MNU



Fonte: Elaboração própria

Corredor ecológico do litoral: é neste corredor onde se situam a maioria dos habitats ocorrentes na MNU, inclusivamente alguns que se registam com maior raridade no país como é o caso das Dunas com *Salix arenarea*, uma planta rastejante que se pode encontrar com bastante frequência. Na praia do Osso da Baleia, podemos observar com melhor precisão as características deste “complexo” cordão dunar, e encontrar algumas espécies que representam muito bem este território como é o caso da Camarinha (*Corema album*). Este corredor é considerado de grande sensibilidade, tratando-se de um cordão relativamente recente, derivado do acumular de sedimentos fluviais e marítimos nos

últimos 3 a 4 séculos, que foram arborizados no final do século XIX e XX pela ação humana, com o reforço e construção de dunas primárias por paliçadas no seu interior.

Corredor Ecológico das Lagoas: nos Invernos mais chuvosos, a água acabava por exceder a capacidade de infiltração do aquífero, ficando à superfície. Assim, houve a necessidade de instalar um sistema de valas de escoamento das águas pluviais, as quais são encaminhadas para uma vala principal que, passando pelas lagoas de S. José, Correntes e Linhos segue para o ribeiro do Estrumal e desagua no Atlântico.

Figura 21: Foz da Vala do Rego do Estrumal



Fonte: Registo próprio

Esta Vala desde o seu começo até à foz tem designações diferentes consoante o troço, sendo conhecida como Vala da Regueirinha, Vala do Juncal Gordo, Vala de São José/Vala Lagoa dos Linhos, Vala dos Moinhos, e no troço final por Vala ou Ribeiro do Estrumal ou Estremal. O Rego do Estremal, denominação atribuída por fazer “extrema” dos concelhos de Figueira da Foz e Pombal, é pois, a fronteira natural que separa os dois concelhos

Com início no talhão 263 da MNU, passando por diversos talhões, terminando no talhão 213, após a água se infiltrar ao longo deste vasto trajeto, salientando a presença de galerias ripícolas, que introduzem um aumento de biodiversidade nas manchas contínuas de pinhal, originando pólos importantes de fixação de espécies animais e vegetais que sobressaem relativamente aos espaços envolventes, constituindo uma mais-valia ambiental e paisagística de grande importância.

Atualmente são dos habitats mais alterados e ameaçados pela ação humana no país, sendo que, no caso da lagoa das Correntes (fig.22), de menor dimensão, devido às captações utilizadas para fins industriais (indústria de celulose), esta lagoa seca

frequentemente no Verão, devendo existir um estudo mais aprofundado sobre o impacto ambiental destas captações (REN Armazenagem S.A., 2010; Fabião *et al.*, 2006).

Figura 22: Trabalho de campo na Lagoa das Correntes



Fonte: Registo próprio

De pequena dimensão, esta lagoa localiza-se no talhão 64 da MNU. Foi limpa e desassoreada em 2004, permitindo que viaturas e também helicópteros aí se possam abastecer no caso de incêndios a norte da MNU. Encontra-se igualmente rodeada de acácias, bem como por lagostins no seu interior, impedindo o desenvolvimento de outras espécies em seu redor, pelo que estes dois factos servem como indicadores para a necessidade de uma futura recuperação da mesma.

A Lagoa de São José é a primeira lagoa a surgir na vala do estrumal, encontrando-se “num estado avançado de assoreamento”, fenómeno comprovado por observação direta, e fortemente descaracterizado do restante ecossistema da MNU, presenciado por acácias (*Acacia longifolia*) e eucaliptos (*Eucalyptus globulus L.*) (fig.23).

Figura 23: Estado atual da Lagoa de S. José



Fonte: Registo próprio

Foi alvo de intervenção na década de 2000 pela tentativa de remoção das mesmas e colocação de espécies autóctones, acompanhado da implementação de um percurso de natureza para conhecer este território (Fabião, 2006).

Atualmente verifica-se que esta lagoa e respetiva área envolvente se encontra bastante degradada devido à passagem de um incêndio em 2017, e da tempestade *Leslie* em 2018, afetando negativamente este território e destruindo grande parte do ecossistema ali existente, bem como do percurso implementado.

A formação da Lagoa dos Linhos deveu-se à interposição de uma comporta na vala de alimentação, condicionando assim o alagamento de uma área com aproximadamente 10 ha.. Esta lagoa é considerada pela CMP como um importante refúgio ornitológico, sendo onde se encontra a maioria das espécies animais e vegetais registadas para a MNU (Município de Pombal, 2015; Fabião *et all*, 2006).

Figura 24: Lagoa dos Linhos



Fonte: Registo próprio

Até meados da década de 30, esta lagoa possuía aproximadamente 16 ha de área, ao nível do plano máximo de água, sendo um importante local de repouso e nidificação de aves aquáticas. A partir dessa altura, houve uma drenagem da lagoa (principalmente devido à ruptura da comporta da vala de descarga) e das zonas apaúladas envolventes, sendo que a captação de água pela *CELBI* em finais dos anos 60 do séc. XX poderá ter sido um dos fatores para um abaixamento significativo da água da lagoa, havendo ainda a instalação de espécies lenhosas de crescimento rápido, principalmente eucaliptos e acácias, que causaram uma vegetação aquática densa e abundante, diminuindo o plano de água da mesma (Fabião *et all*, 2006).

Importa estarmos atentos às alterações deste corredor, tendo em conta a secagem da ribeira, e também o controlo de plantas invasoras, devendo existir o aprofundamento

do estudo ambiental deste espaço, constatando as dificuldades de proteção do mesmo, e equacionando soluções para a melhoria do estado das mesmas no qual o Ecoturismo pode ter um papel fundamental na sua promoção e conservação.

3.4.3. Flora

Existe um vasto conjunto de espécies vegetais presentes na MNU, pelo que serão referenciadas na tabela 10, as espécies mais comuns existentes na floresta de pinheiro (*Pinus pinaster*).

Tabela 10: Espécies de flora com maior abundância na MNU

	Nome Comum	Nome científico	Observações:
Árvores:	Pinheiro-bravo	<i>Pinus pinaster</i>	Espécie dominante
	Samouco	<i>Myrica faya</i>	Espécie frequente em zonas do litoral sudoeste da península ibérica e das ilhas
	Acácia	<i>Acácia longifolia</i>	Espécie invasora
	Salgueiro	<i>Salix alba</i>	Especie visível na orla costeira, bem como junto às lagoas da MNU
	Medronheiro	<i>Arbustus unedo</i>	
	Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	Espécie visível junto aos cursos de água de MNU, existindo alguns exemplares de idade secular;
Arbustos	Tojo	<i>Ulex parviflorus</i>	
	Giesta	<i>Cytisus scoparius</i>	
	Urze	<i>Calluna vulgaris</i>	
	Zimbro	<i>Juniperus oxycedrus</i>	Espécie com interesse económico devido à utilização das suas bagas na gastronomia;
	Camarinheira	<i>Corema album</i>	Espécie da zona sul da Europa, conhecida pelas suas bagas brancas, com potencial para diversos usos;
Plantas	Feto	<i>Pteridium aquilinum</i>	
	Erva- pinheira	<i>Sedum sediforme</i>	Espécie de interesse estético
	Cardo- marítimo	<i>Eryngium maritimum</i>	Espécie nativa da Europa típica de zonas costeiras;
	Junco	<i>Juncus effusus</i>	Encontra-se perto de zonas húmidas. Era utilizado para colocar no chão das casas antigas na região;
	Estorno	<i>Ammophila arenaria</i>	Responsável pela fixação das dunas
	Chorão - das praias	<i>Carpobrotus edulis</i>	Espécie invasora.

Fonte: Elaboração própria. Dados: CMP, 2015; LPN, 2007; Pereira, 2000 e observação direta.

O pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) é a espécie dominante nesta floresta, considerado por muitos como uma espécie indígena de Portugal (*Anexo às fichas dos habitats de pinhal: 2180, 2270 e 9540 - Plano Sectorial da Rede Natura 2000*).

Esta espécie é a imagem das zonas da costa Litoral Portuguesa, desde o Pinhal de Leiria, e as Matas Nacionais do Pedrógão, do Urso, da Leirosa e de Quiaios, sendo que o verde da paisagem confere um valor estético para apreciação e desfrutar da natureza nos

seus espaços de lazer. As florestas de pinheiro tem um grande valor económico devido às potencialidades do pinheiro para a produção de madeira, resina e afins. Relativamente à prática de lazer, esta floresta confere uma zona de sombra, no qual a sua vegetação rasteira permite a realização de atividades desportivas e de descoberta da natureza em perfeita harmonia. Lembra-se ainda a existência dos pinheiros “serpente, contorcidos pela ação dos ventos salgados que sopram do mar”, localizados na orla costeira.

Dentro das espécies mencionadas na tabela 10, podemos atender à multiplicidade de subespécies das mesmas, o seu valor paisagístico, bem como o seu papel para a biodiversidade e valor económico, através de diversas utilidades, como a gastronomia, através do uso da camarinha (*Corema album*) (figura 26) e do zimbro (*Juniperus oxycedrus*), e ainda de cogumelos selvagens presentes na MNU (Plano Regional de Ordenamento Florestal Centro-Litoral [PROF CL], 2018).

A presença de espécies invasoras é comum na MNU, sendo que a mancha ocupada por estas espécies depende muito, estando muitas vezes relacionada com os espaços de maior facilidade de acesso pelas pessoas, ou junto dos cursos de água.

Figuras 25 e 26: Pinheiro-serpente e Camarinha presentes na MNU



Fontes: Registo próprio

Ao nível dos habitats de dunas na MNU, na faixa costeira verificou-se em trabalho de campo a presença de variadas espécies comuns da península ibérica e do mediterrâneo como: o cardo-marítimo (*Eryngium maritimum*), o estorno (*Ammophila arenaria*), a perpétua-das-areias (*Helichrysum italicum*), o sapinho-das-praias (*Honckenya peploides*), a boca-de-lobo (*Antirrhinum linkianum*), a morganheira-das-praias (*Euphorbia paralias*), couve-marinha (*Calystegia soldanella*), a luzerna-das-praias

(*Medicago marina*), a granza-marítima (*Crucianella marítima*), a *Scrophularia frutescens*, entre outras, demonstrando a riqueza deste lugar e a sua necessidade quanto à sua proteção e preservação (fig. 27).

No referente às espécies da flora constantes do anexo B-II e B- IV do Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24/02, poder-se-á observar as presentes na tabela 12.

A existência de espécies consideradas de interesse comunitário na MNU, cuja conservação exige a designação de Zonas Especiais de Conservação, comprova a importância e a riqueza deste território, e a necessidade da sua valorização (CMP, 2015)

Tabela 11: Espécies com estatuto de proteção registadas na MNU

Código Espécie:	Nome Científico:
1644	<i>Armeria Rouyana</i>
1462	<i>Herniaria maritima</i>
1777	<i>Santolina impressa</i>
1618	<i>Thorella verticillatinundata</i>
1806	<i>Drosophyllum lusitanicum</i>
1731	<i>Verbascum litigiosum</i>

Fonte: Elaboração própria. Dados: CMP, 2015

Figuras 27 e 28: Espécies da flora presentes no cordão dunar da MNU e *Armeria rouyana* registada em trabalho de campo na MNU



Fonte: Registo próprio

3.4.4. Fauna

Considerando a MNU uma floresta de pinhal, poderão ser encontradas espécies como as apresentadas na tabela 13.

Dado a escassez de espécies vegetais de carácter alimentar do ponto de vista animal, o registo de mamíferos na MNU é relativamente pequeno, sendo que as espécies

que se apresentam são de carácter vulgar a nível nacional, à exceção da lontra e do toirão, sendo que as restantes encontram-se registadas com aptidão cinegética como é o caso do coelho, da lebre, saca-rabos, do javali e da raposa. Existem indícios da presença de gato-bravo (*Felis silvestris*) e de lontra (*Lutra lutra*) na proximidade das lagoas dos Linhos e das Correntes.

Tabela 12: Espécies mais frequentes das zonas de Floresta de Pinhal e de Lagoas na MNU

Mamíferos:	Aves	Répteis & Anfíbios
<ul style="list-style-type: none"> - Raposa (<i>Vulpes vulpes</i>)* - Gato-bravo (<i>Felis silvestris</i>) - Lebre (<i>Lepus granatensis</i>) - Coelho bravo (<i>Oryctolagus cuniculus</i>); - Saca-rabos (<i>Hesperestes ichneumon</i>) - Toirão (<i>Mustela putorius</i>)* - Javali (<i>Sus scrofa</i>) - Texugo-europeu (<i>Meles meles</i>) - Geneta (<i>Genetta genetta</i>) - Lontra (<i>Lutra lutra</i>)* 	<ul style="list-style-type: none"> - Cuco (<i>Cuculus canorus</i>) - Águia-cobreira (<i>Circaetus gallicus</i>) - Chapim-preto (<i>Parus ater</i>) - Açor (<i>Accipiter gentilis</i>) - Gavião (<i>Accipiter nisus</i>) - Pica-pau-malhado (<i>Dendrocopos major</i>) - Carriça (<i>Troglodytes troglodytes</i>) - Tentilhão (<i>Fringilla coelebs</i>) - Gaio (<i>Garrulus glandarius</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> - Cobra-de-água (<i>Natrix spp</i>) - Víbora-cornuda (<i>Vipera latastei</i>) - Lagartixa (<i>Podarcis spp.</i>) - Sapo-de-unha-negra (<i>Pelobates cultripes</i>) - Rã-de-focinho-pontiagudo (<i>Discoglossus galganoi</i>)*

Fonte: Elaboração própria. Dados: CMP, 2015; LPN, 2007; Correia, 1991.

* Espécies contantes do Anexo B.II, B.IV e B.V do Decreto-lei nº49/2005, de 24 de Fevereiro

À exceção do corredor ecológico das lagoas, a MNU tem uma fraca presença de espécies de répteis, sugerindo a existência de víbora-cornuda (*Vipera latastei*), a única espécie venenosa encontrada em Portugal, e a lagartixa (*Podarcis spp.*) (Correia, 1991).

A rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*), é classificada como “Quase Ameaçada” por se admitir que a sua área de ocupação apresente fragmentação elevada e um declínio continuado da área habitada. Endémica da metade Oeste da Península Ibérica, é residente em Portugal, ocorrendo em todo o país, geralmente nas imediações de pequenas massas de água com uma certa cobertura herbácea, preferindo terrenos encharcados, tais como prados e lameiros (CMP, 2015; ICNF,2010).

Regista-se a presença de várias espécies de aves de grande, médio e pequeno porte (fig. 29), sendo que o maior grau de biodiversidade se regista sobretudo junto à Lagoa dos Linhos, verificando-se junto destas espécies como o pato-real (*Anās platyrhynchos*), a galinhola (*Scolopax rusticola*) e a galinha d’água (*Gallinula chloropus*) (ICNF, 2010).

Verifica-se também a presença de espécies como o esquilo (*Sciurus vulgaris*), a lebre (*Lepus granatensis*) e o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), tendo sido

encontrado, por observação direta, sinais da sua existência na mata como os seus dejetos e pinhas roídas.

Figura 29: Vestígios da presença de avifauna junto à Lagoa dos Linhos



Fonte: Registo próprio

3.5. Considerações

A MNU é um espaço multifuncional que possui um património ambiental de grande importância, cujo facto se pode comprovar neste capítulo.

Constitui uma área florestal e faixa costeira de grandes dimensões e com enorme biodiversidade, sobretudo pela flora que apresenta.

Contudo, não integrando nenhuma rede ou estatuto que lhe confira proteção e reconheça o seu valor ambiental, é da maior importância realizar esforços para que se promova e divulgue as potencialidades ambientais deste território e a sua respetiva preservação e conservação. Esses esforços só podem ser realizados se de facto se conhecer o património natural ali existente, e é aqui que o Ecoturismo poderá ser útil, como forma de dinamizar o território como destino turístico, trazendo visitantes ao local, educando para o seu respeito, e contribuindo para a preservação dos mesmos.

Este tipo de esforços têm sido realizados através da implementação de percursos de natureza por parte do Município de Pombal, ao qual me proponho neste estudo o melhoramento dessa mesma rede, gerando novas possibilidades de conhecimento do património natural e cultural deste território através do pedestrianismo e da interpretação dos seus valores intrínsecos.

IV. Património Cultural e Imaterial: A Mata do Urso e a sua ligação à população local.

Existe escassez de estudo sobre o contributo da MNU para a construção da identidade e etnografia local. Contudo, podemos encontrar algumas semelhanças às populações da Marinha Grande, devido ao Pinhal de Leiria possuir as mesmas características naturais da MNU. Também a proximidade das populações de Guia e Carriço ao sul do concelho de Figueira da Foz permite que encontramos diversos hábitos culturais em comum, nomeadamente na gastronomia, demonstrando que a cultura não é definida por fronteiras.

Este capítulo tem como objetivo entender o valor da MNU para o desenvolvimento cultural, social e económico da população local, destacando as freguesias da Guia e do Carriço, através da consulta de documentação dos arquivos da região, e do contacto com a população local.

Encontrámos nesta região uma forte atividade industrial, à qual a população estava empregada e o levantamento de algumas práticas rurais e agrícolas que tinham como base os recursos da mata, e foram ainda identificadas lendas associadas a este território, para o qual os vestígios arqueológicos poderão evidenciar as vivências de povos ancestrais que até à data se desconhecem para este local.

4.1. A Importância da MNU para a população local

A MNU permitiu o desenvolvimento industrial da região, com destaque para as seções da indústria resineira, serração e indústria do vidro.

Guia, foi uma das localidades onde se concentrou o maior desenvolvimento industrial ligado à exploração de produtos da MNU. Nos finais do séc. XIX foi criada uma indústria vidreira, utilizando as areias da mata, bem como o seu material lenhoso para o fabrico do vidro (Rodrigues, 2006).

Aqui se concentraram pelo menos três serrações (fig. 30) e uma destilaria de pez, tudo de famílias diferentes, que deixaram uma grande marca para as pessoas da região, lembrando os tempos glórios de grande riqueza e do emprego que havia para a população (Rodrigues, 2010).

A região de Leiria, detentora das duas maiores manchas de pinhal do país, foi a âncora para o estudo e desenvolvimento do processo de extração da resina do pinheiro-bravo (*pinus pinaster*) (Pinho *et all.*, 2013).

Figura 30: Trabalho numa das serrações existentes na Freguesia de Guia



Fonte: Arquivo pessoal

Esta produção teve um crescimento significativo a partir do final da primeira metade do séc. XX, na qual o concelho de Pombal foi um dos principais produtores de resina a nível nacional. Tendo o seu apogeu na década de 30, o empresário mais emblemático foi Manuel Henriques Júnior, fundador do grupo Socer, foi o principal responsável por grande parte da produção de resina no concelho no Séc. XX, sendo um marco para o desenvolvimento industrial e económico de Pombal. (Piteira, 2007). No Lourçal e em Vieirinhos, existem também indicações da presença de indústrias resiníferas (Piteira, 2007; Guia de Portugal, 1927).

A produção industrial de resina deu emprego à população, sobretudo na arte da

extração da resina do pinheiro, com especial destaque para a Freguesia do Carriço, no qual ainda existem alguns trabalhadores conhecedores das práticas mais tradicionais.

Foi de tamanha importância esta atividade para aquela região, que foi colocado um monumento em homenagem ao resineiro, uma profissão que enche a população de orgulho e boas recordações dos tempos passados (fig. 31).

Na época, era o homem que trabalhava nas indústrias, sendo que a mulher e as crianças trabalhavam no mundo rural para que se pudesse obter outras fontes de sustento.

Figura 31: Monumento ao Resineiro na localidade de Fontinha, Carriço



Fonte: Registo próprio

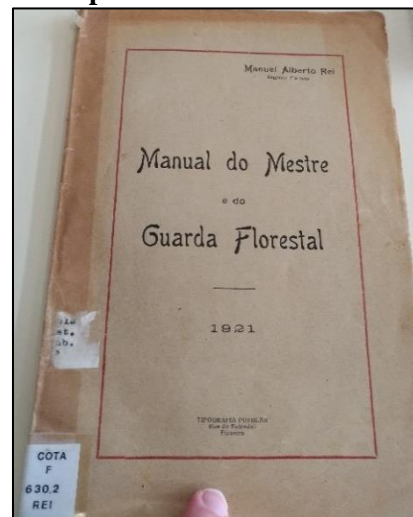
A mulher trabalhava sobretudo na agricultura, no seu “pedacinho de terra”, e a maioria do seu ganho económico seria conseguido na venda de legumes, frutas e animais (Rodrigues, 2006, 2010; Cadernos Condições Femininas, 1987).

Para aquecerem as suas habitações e poderem cuidar dos seus animais, recorriam à MNU, utilizando os seus excedentes como pinhas, caruma e paus caídos das árvores, contribuindo também para a limpeza florestal da mata. Estas práticas significam para aqueles que ainda se lembram, memórias da antiga rotina do mundo rural (Rodrigues, 2006; LPN,2007; pinhaldorei.net).

4.1.2. Os Serviços Florestais e o seu contributo para a Identidade local.

O acesso à MNU era controlado pelos guardas florestais, responsáveis pelo controlo do acesso das povoações. Para cada fronteira da MNU eram designados dias da semana para que se pudesse entrar na mata e prover dos seus recursos (pinhaldorei.net; Silva & Leitão, 2000). Desses serviços resta um património arquitetónico e alguns registos fotográficos que comprovam o papel da MNU, bem como dos Serviços Florestais para a formação identitária e cultural das populações em redor da mata.

Figura 32: Manual de formação para o Guarda Florestal



Fonte: Registo próprio

Figura 33: Controlo de fronteira da MNU na Guarda Florestal do Norte



Fonte: Registo próprio datado de Abril de 2017

Os Serviços Florestais da mata eram dotados de diversas infraestruturas, distribuídas por oito pontos estratégicos, com funções de proteção e controlo de entradas na MNU. Cada um desses pontos era dotado de uma Casa da Guarda Florestal, destinadas ao alojamento dos trabalhadores destes serviços.

Na Casa da Guarda do Norte, junto a Carriço, supõe-se que esta seria a sede, pois para além da habitação, tinha outras infraestruturas e serviços que se diferenciam das restantes: a Casa da Administração, o Arquivo e a Eira para secagem do penisco e respetivo armazenamento (fig.34) (ICNF, 2010 p.48; Cadernos do Ressurgimento Nacional, s.d.).

Figura 34: Registo fotográfico do processo de recolha e secagem do penisco na MNU



Fonte: Cadernos do Ressurgimento Nacional (s.d.)

Para confirmar a verossimilidade destes factos foram encontrados alguns registos fotográficos da prática de seca do penisco na MNU, bem como a deslocação ao terreno e verificação da presença dos edifícios (figuras 35 e 37), mais precisamente a existência da eira e da arrecadação existente para o armazenamento das sementes, onde se verificou a presença de materiais para a sua prática, existindo ainda o armazenamento destas no seu interior (fig.37).

A existência da administração naquele espaço e da prática do processo de recolha e secagem do penisco são provas de que a presença dos serviços florestais terá sido uma fonte de emprego para as populações que habitavam na zona e, por conseguinte, com um impacto na economia, na cultura e na construção da identidade local.

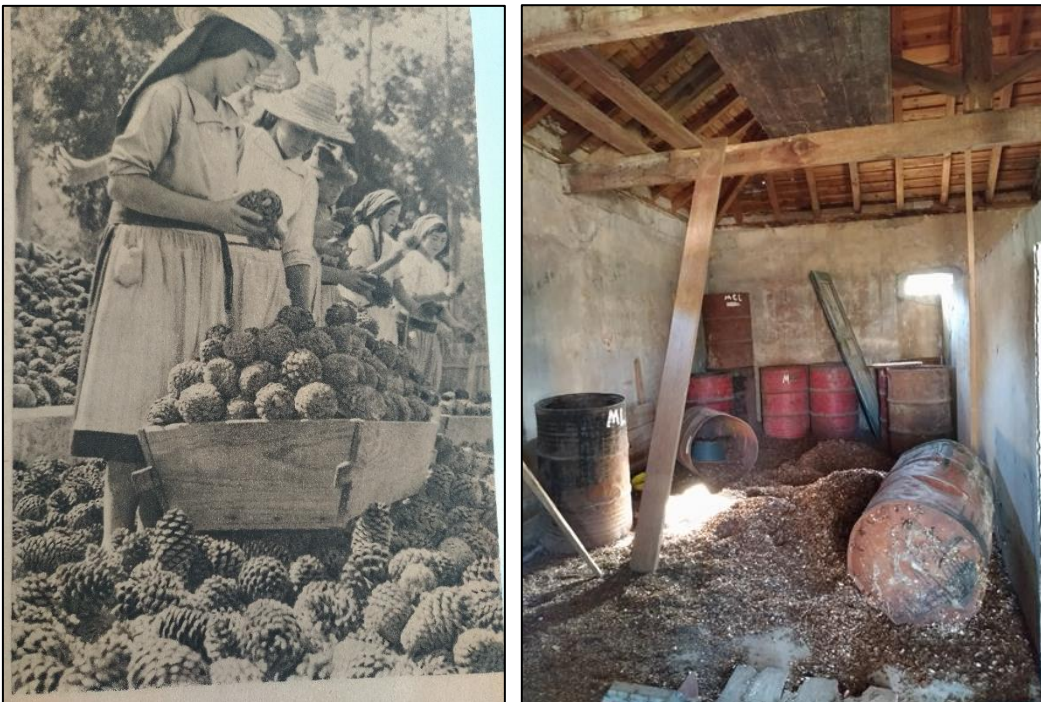
A figura 36 demonstra essa realidade através das vestes e dos instrumentos utilizados, que constituem as vestes e hábitos culturais existentes na região, verificando-se a importância dos Serviços Florestais e da MNU como ator na construção da identidade local, cuja história e factos poderão ser considerados como ativos turísticos para o desenvolvimento do ecoturismo neste território.

Figura 35: Verificação no terreno da presença da eira e do edifício de armazenamento de penisco.



Fonte: Registo próprio

Figuras 36 e 37: A Recolha da semente de penisco e respetivos vestígios da atividade



Fonte: Cadernos de Ressurgimento Nacional (s.d.); Registo próprio.

Contudo, o património imóvel evidenciado neste capítulo apresenta-se degradado e afetado pelos incêndios florestais de outubro de 2017, e também pelo facto de estarem inutilizados durante bastante tempo. Com isto, supõe-se que ter-se-á perdido diversa

documentação presente no edifício do arquivo e por consequência parte da memória relativa à MNU, importando agora procurar soluções para a sua recuperação, algo que terá de ser feito em rede, visto que são detentores destas propriedades a CMP, o ICNF e a Junta de Freguesia do Carriço (ICNF, 2010).

4.2. Gastronomia

Quanto à gastronomia, o acesso ao mar, apesar de ser relativamente perto, era bastante difícil por várias razões: a primeira, porque a MNU era um espaço controlado, e para se chegar ao mar teria de se passar pelo controlo da Guarda-florestal; outra razão seria a existência de fracos caminhos de acesso ao mar, visto que os solos são compostos por areias e dificulta o ato de caminhar.

Por isso, o peixe era uma opção à qual a população local teria que esperar que as vendedoras da zona – *as peixeiras*, chegassem com o peixe de outras zonas, nomeadamente da praia do Pedrógão e de Vieira de Leiria, muitas vezes recorrendo ao Carapau Seco, um produto típico da região oeste, no qual o carapau é aberto e secado ao sol para que se possa conservar durante mais tempo, sendo influenciada por culturas de outros locais do litoral português (Rodrigues, 2010).

Recorriam sobretudo à criação de animais para consumo próprio, nomeadamente coelhos, galinhas, ovelhas, cabras e porcos. Estes últimos eram alvo de tradições e costumes na região. Matava-se uma a duas vezes por ano e tinham o hábito de ser um dia de festa onde se reunia a família e amigos mais próximos. Durante esse dia preparava-se a carne para as chouriças, faziam-se as morcelas e os bolos de sangue, ou tortacho, como é mais conhecido e considerado típico da região este de Pombal (Moreiras, 2005; Lopes, 2002).

A Camarinheira (*Corema album*) é igualmente um produto simbólico da região. Localizado em zonas costeiras, representam as memórias de quando se deslocavam à praia, e estas pequenas bagas seriam recolhidas para consumo ou para a confeção de doces.

4.3. Lendas populares

Associado à cultura deste território sugeriram lendas que originaram algumas toponímias e contos populares na região. Apesar da existência da Mata do Urso ser anterior ao séc. XIII, D. Dinis foi o rei que mais se dedicou ao desenvolvimento dos

pinhais no litoral, sendo conhecido como o rei “Lavrador”. E foi graças a este que a MNU viu nascer o seu nome.

Terá sido no ano de 1301, D. Dinis teria retornado do Alentejo de uma batalha entre o poderio senhorial e o reino, ao qual, em vez de descansar, decidiu dar um passeio a cavalo pelo Pinhal do Rei, numa das zonas que até à data seria pantanosa e naquele momento estaria a ser recuperada para o cultivo do pinheiro.

De repente, o seu cavalo parou e D. Dinis acabou caído no chão não

percebendo o que estaria a acontecer. Do chão para o alto olhou e viu: *um urso! Um urso alto e robusto!* Segundo a lenda, este apenas trazia uma adaga para se defender, o que não o fez desistir de o enfrentar. Numa luta renhida, entre altos e baixos ao qual nenhum dos dois queria desistir, o rei Lavrador conseguiu, com um golpe fatal no peito do urso, derrotar-lo e salvar-se (Saraiva, 2003).

Assim se deu origem ao nome da MNU. Esta lenda encontra-se ainda representada na Igreja do Mosteiro de Santa- Clara- a- Nova, em Coimbra, um retábulo de relevo feito em madeira, que representa este ato de grandeza de D. Dinis.

Também a praia do Osso da Baleia viu nascer o seu nome pelos rumores das pessoas mais antigas da região, no qual dizem ter surgido uma baleia naquela zona onde hoje fica a praia, sendo a sua carne retirada para vários aproveitamentos, e que no fim, deixaram ficar o esqueleto da baleia por mais alguns tempos, devido à curiosidade da população que se deslocou até ao local para a ver (Moreiras, 2005).

E como quem conta um conto acrescenta sempre um ponto, existem diversos relatos populares diferentes desta história que se foram distorcendo da original, mantendo-se a incerteza até aos dias de hoje qual será a verdadeira.

O mundo do fantástico em relação às mais diversas histórias ligadas ao pinhal da região deu origem a prosas e poemas sobre este território, como é o caso de D. Dinis que foi poeta, bem como Afonso Lopes Vieira ou Aquilino Ribeiro, entre outros autores que assumem a existência de uma riqueza simbólica neste local.

Figura 38: Retábulo sobre a luta de D. Dinis e o Urso



Fonte: Registo próprio

O Tesouro dos Crúzios encontra-se retratado em várias obras, com especial destaque para a obra “ Uma Batalha Sem Fim” de Aquilino Ribeiro, no qual relaciona esta lenda com as ambições e lutas em prol da riqueza e de um futuro melhor.

Durante as Invasões Francesas, o medo instalou-se na população portuguesa, o que levou a que muitos escondessem os seus pertences mais valiosos dentro das paredes de suas casas. No caso das pessoas do litoral, as pessoas optaram por esconder as suas riquezas dentro das areias, e marcavam como referência uma árvore para que pudessem voltar a encontrá-los no futuro.

Na época, em que o Pinhal do Urso pertencia ao Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, o Prior Crúzio determinou que se recolhessem as riquezas do mosteiro e se levassem em três arcas, por três frades da sua confiança. Estes deveriam esconder os seus tesouros junto às areias do Pinhal do Rei (Saraiva, 2003).

Os frades haviam conseguido esconder o seu tesouro, mas no retorno ao mosteiro terão sido apanhados pelos militares franceses, e a verdadeira localização das arcas havia sido enterrada com os frades, pois eram os únicos que a sabiam. Segundo a população, o tesouro terá sido escondido nas dunas a noroeste da Ervideira, possivelmente entre o pinhal do Urso, o pinhal do Pedrógão e o pinhal do concelho (Saraiva, 2003; Ribeiro,1932).

Esta lenda deu origem a inúmeras buscas por parte da população ao encontro dos tesouros escondidos nestas bandas, pensando que, com base no cruzamento destas informações, a localização do tesouro dos crúzios seria na zona da Crasta Alta. A Crasta Alta é constituída como uma zona de relevo de grande altitude, seguida por um declive que cria a ideia de uma cova funda, ao qual os antigos chamam de Cova da Serpe.

Neste sentido, e visto que ninguém encontrava o tesouro, foi criado um conto popular da existência de um tesouro naquele lugar, guardado por três milhafres, representando os três frades, e que, apenas “*um homem de coração limpo, mãos e pés lavados em água salgada, sem pai nem mãe, e sem eira nem beira, seria capaz de o encontrar*” (freguesiadecarrico.pt).

Até à data estas são as lendas mais populares na região. Contudo, no âmbito da realização do estágio, foi realizado um levantamento a nível local de documentação e outras histórias que pudessem estar relacionadas com esta região. No livro “*Lendas do Pinhal II*”, de José Martins Saraiva, um escritor local, de 2003, no qual menciona a Lenda de Outavim.

A Lenda de Outavim remete-nos para a existência de uma antiga povoação fenícia que se terá fixado junto à foz do rio Lis e ao antigo porto de *Moher* (Moel), que terá desaparecido em 1531 por ação de um terramoto de grande intensidade que terá arrasado a zona onde esta povoação estaria, tendo originado a povoação de Vieira de Leiria.

Os povos Fenícios embora não aportassem com a finalidade de se fixarem permanentemente, acabaram por se estabelecer junto dos portos marítimos e foz de rios ao longo da costa portuguesa, como é o caso do rio Liz.

OTWDIM é uma palavra que significa provisões e futuros, ao qual indica que terá evoluído para o nome de Outavim, pois seria uma região de riqueza onde este povo decidiu ficar para usufruir das mesmas. Esta povoação decidiu-se fixar junto à foz do rio Liz que, no entanto, era inconstante e foi mudando a sua zona de desaguamento ao longo dos séculos, constando que na altura em que este povo terá chegado à região, a foz do rio se situaria mais a norte da posição atual, na zona da Praia do Osso da Baleia, sendo que posteriormente se foi contornando para o sentido sul, tendo sido fixada a sua foz na zona atual, por ação de construção e molhes de enrocamento apenas no século XIX (Saraiva, 2003).

O mais interessante desta lenda é que esta vai ao encontro de alguns achados arqueológicos que poderão comprovar a existência de uma povoação antiga na região identificada pela mesma.

Em 1965, um arqueólogo e geólogo russo que se dedicou ao estudo da paleontologia, geologia e arqueologia em Portugal (George Zbyszewsk), com foco na região litoral do país, através de prospeções, identificou a presença de indústrias líticas associadas a depósitos do quaternário, indicando uma ocupação daquele espaço no período mesolítico (ICNF, 2010).

Em 2007, durante os trabalhos arqueológicos de prospeção, no âmbito dos Estudos de Impacto Ambiental: EIA da Pedreira da Charneca da Guia, coordenados pela arqueóloga Maria Adelaide Pinto, foi identificada uma “mancha de materiais líticos distribuídos por uma área de cerca de 1500 m²”. Estes achados que integram a Tipologia de “Manchas de Ocupação” datados do período pré-histórico encontrar-se-iam junto a uma linha de água.

Outro vestígio arqueológico que demonstra a possibilidade de terem existido antigas povoações na zona onde situa a MNU foi identificado aquando da obra de assoreamento do pântano junto à Lagoa de S. José, em 1910. O engenheiro Manuel Alberto Rei, responsável pela arborização das dunas do Urso, Quiaios, bem como a Serra

da Boa Viagem, escreve num dos seus livros que terão sido encontrados durante os trabalhos para a abertura da vala de S. José, “*os trabalhadores puseram a descoberto as paredes desmoronadas de casa que tinham sobre elas uma camada de areia com uma espessura de mais de três metros*”, apontando para a existência de uma antiga povoação denominada de S. José (Reis, 1940, p93).

Terá existido junto à Lagoa de S. José, a Capela de Nossa Senhora do Desterro, originária do ano de 1720, mencionada no Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria, estando “*junto do Pinhal do Urso*”, numa localidade que se chamaria *Rio Covô*, composta por algumas habitações e a Casa da Guarda Florestal, onde era feita a devoção pela Rainha dos Anjos, pois “*esta casa da Senhora esta em hum deserto, assim não tem dia certo para a festividade*” (geocaching.com, 2019).

Isto vai ao encontro do estado da MNU anterior ao século XIX, antes de ser iniciado o processo de arborização de uma grande parte da mata, estando composta por dunas desertas. Segundo um testemunho oral registado para a criação de uma *geocache*, esta capela terá desaparecido pela ação do avanço das dunas, ou durante as invasões francesas. Este senhor terá sido Guarda-florestal no acesso do Juncal Gordo, e menciona que aquando das escavações para a criação de canais de ligação de água para as fábricas de celulose, “*viram à luz do dia nesse mesmo local diversas ossadas humanas e destroços da dita capela*” (geocaching.com, 2019).

Os factos históricos e vestígios arqueológicos apresentam algumas evidências sobre a existência de povoações antigas do período pré-histórico e proto-histórico, bem como dos finais do séculos XVIII ou XIV, no qual terão desaparecido pelo avanço das areias, demonstrando a ação violenta que o vento e a acumulação de areias e aluviões teria na altura, obrigando à florestação dos cordões dunares como por exemplo em Lavos, Figueira da Foz, com José Bonifácio de Andrade e Silva, e mais tarde com Manuel Alberto Reis. Tudo isto poderá contribuir para que, no futuro, sirva de motivo para um estudo arqueológico aprofundado para a MNU, sobre a possibilidade de ter existido povoações na região da mata, e quem sabe se não poderá ter sido a povoação de Outavim.

4.4. Considerações

A recolha destas informações leva-nos ao culminar da construção da identidade cultural destes lugares, nas quais estes valores culturais e tradições são representados na simbologia heráldica das duas freguesias que estão diretamente ligadas à MNU: Carriço e Guia.

Figuras 39 e 40: Brasão oficial das Freguesias de Carriço e Guia



Fontes: freguesiadecarriço.pt; jf-gim.pt.

A partir de ambos os brasões é perceptível o impacto que a MNU tem sobre a simbologia: a do Carriço podemos ver os pinheiros associados à mata, bem como a planta denominada de carriço (*Carex arenae*), que era vista com grande abundância naquela zona e deu origem ao nome da localidade, finalizando com o mar que simboliza a praia do Osso da Baleia.

O brasão da freguesia da Guia tem como simbologia as pinhas douradas, remetendo para o pinheiro; a burra, que é um instrumento próprio para a serragem da madeira, representando as atividades industriais da localidade, e novamente as ondas relacionadas com a proximidade à orla costeira.

Podemos concluir que os brasões das duas freguesias tem diversos símbolos associados aos valores culturais, no qual é mais notável no brasão guiense, bem como das suas características naturais que marcam a região, nomeadamente a presença do pinheiro e a proximidade ao mar, demonstrando mais uma vez o papel da MNU para a construção da identidade destas.

Este conjunto de tradições, costumes e lendas descritas neste capítulo, poderão ser aplicados na criação de roteiros culturais ou ecoturísticos que enriquece a história da MNU, e aumenta o interesse turístico dos visitantes, pois para além do património natural existente, o turista procura sempre a ligação do homem à natureza e as histórias por de trás.

V. Estágio no Município de Pombal e o Potencial Ecoturístico da Mata do Urso: Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

5.1. Estágio no Município de Pombal

O estágio profissionalizante, realizado no Município de Pombal, teve a duração de 800 horas, entre o dia 2 de Outubro e 21 de Março, durante cerca de seis meses.

Durante o estágio, foram realizadas diversas tarefas que contribuíram para o melhoramento das competências profissionais no campo comunicativo e académico, tendo em conta os objetivos propostos pelo plano de estágio.

5.1.1. Atendimento ao público nos Espaços Museológicos no Centro Histórico e no Posto de Turismo e Castelo de Pombal

Tabela 13: Tarefas realizadas no atendimento ao público nos Espaços Museológicos do Município de Pombal

	Museu Municipal Marquês de Pombal	Museu de Arte Popular Portuguesa:	Posto de Turismo e acolhimento no Castelo de Pombal:
Tarefas gerais	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura e vigilância dos espaços; - Acolhimento e controlo dos visitantes; 		
Tarefas específicas	<ul style="list-style-type: none"> - Transmitir ao visitante a vida e obra do Marquês de Pombal; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio na preparação de atividades educativas; - Dar a conhecer o património etnográfico e artesanato português; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar a conhecer a história do Castelo Pombal; - Prestar informações sobre as atrações turísticas do concelho; - Apoio nas atividades educativas;
Conclusões aplicáveis ao estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Papel do Marquês de Pombal na expansão industrial no concelho e no país; 	<ul style="list-style-type: none"> - Existência de património etnográfico e artesanato ligado à MNU; - Instrumentos de extração resineira; 	<ul style="list-style-type: none"> - Castelo de Pombal como principal ponto turístico do concelho; - Importância do castelo na expansão da cidade; - Desconhecimento do turista da existência de outras atrações turísticas no concelho.

Fonte: Elaboração própria.

A CMP é responsável pela gestão e preservação do património público com interesse histórico e cultural que representam a identidade do concelho. Assim, o Celeiro e a Cadeia do Marquês são hoje o Museu de Arte Popular Portuguesa (MAPP) e o Museu Municipal do Marquês de Pombal (MMP). O Castelo de Pombal foi também

recuperado e foi instalado o Posto de Turismo de Pombal dentro das suas muralhas, sendo aberto ao público em abril de 2014.

Para resumir aquilo que foi feito nos espaços turísticos geridos pela CMP, procurou-se explicar as principais tarefas realizadas, bem como as principais conclusões retiradas, que foram relevantes para este estudo (Tabela 13).

As tarefas realizadas no MAPP e no MMP foram imprescindíveis para o conhecimento da cultura e história local da cidade e do próprio concelho, fundamental para a avaliação do património cultural e etnográfico ligado à MNU, e também para compreender a forte ligação industrial existente e também o facto de o turismo ter um papel secundário na Economia do concelho.

O atendimento ao público possibilitou o contacto e receção dos visitantes nos espaços, e o acompanhamento de visitas por parte dos Técnicos de Turismo do Município a grupos de turistas, permitindo trabalhar as capacidades comunicativas e aprender mais sobre a interpretação do património, competências essas que puderam ser aplicadas na implementação do projeto em estudo.

5.1.2. Consulta e análise de projetos relacionados com a MNU e Faixa Costeira

Para aprofundar o estudo sobre o Ecoturismo na MNU, durante a realização do estágio foi sugerido que se fizesse uma análise de alguns dos projetos que foram considerados para a Mata Nacional do Urso e para a Faixa Costeira, que serão abordados de forma breve em seguida.

- Projetos ECOMATUR I e II

O Ecoturismo na MNU não é apenas uma ideia de hoje, pois foram planeados alguns projetos para a sua valorização com base neste conceito – o projeto *ECOMATUR - Ecoturismo na Mata do Urso*, projetado em duas fases: *ECOMATUR I* e *ECOMATUR II*.

i) O Projeto *ECOMATUR I* consistiu na valorização da Lagoa de S. José e da sua floresta envolvente, através várias ações como: a limpeza e desassoreamento da lagoa; controlo de plantas invasoras; introdução de 2500 árvores de diversas espécies autóctones; implementação de 75 ninhos artificiais para a avifauna; e por fim, a implementação de trilhos pedestres, com placas informativas acerca da flora e fauna existente, e criação de um folheto como ferramenta de apoio à sua realização.

Executado em 2006, este projeto resultou de um protocolo de gestão entre a Autoridade Florestal Nacional, (atual ICNF), e a CMP, para a implementação do Trilho

da Lagoa de S. José, com cerca de 2km, um percurso que contornava a vala e a lagoa de S. José, com marcações e infraestruturas e painéis informativos para a sua prática.

Este foi o primeiro projeto para a MNU que permitiu o aumento das atividades de lazer na mesma.

ii) O Projeto *ECOMATUR II* resultou do conjunto de propostas para a implementação de infraestruturas de alojamento para a MNU.

Em 2009, começam a ser feitos estudos para a futura possibilidade de construir um parque de campismo ecológico nessa zona – o *ECOMATUR II*.

Apontavam como vantagens competitivas a construção da Estrada Atlântica na zona, que poderia trazer mais gente à região, e porventura usufruírem deste novo parque. Para a implementação do projeto procedeu-se à aquisição ao ICNF (Direção geral dos Recursos Florestais na altura) de duas casas da Guarda Florestal do Juncal Gordo para serem reaproveitadas, valorizando a história local, onde seria instalada a receção, o restaurante e, em especial, um centro de interpretação ambiental. Este foi um processo longo e demorado, sendo uma das limitações para o desenvolvimento deste projeto.

Foram várias as reuniões sobre o *ECOMATUR II*, onde foram convidados diversos *stakeholders*, de modo a debater sobre futuras parcerias e consultar as suas opiniões acerca deste.

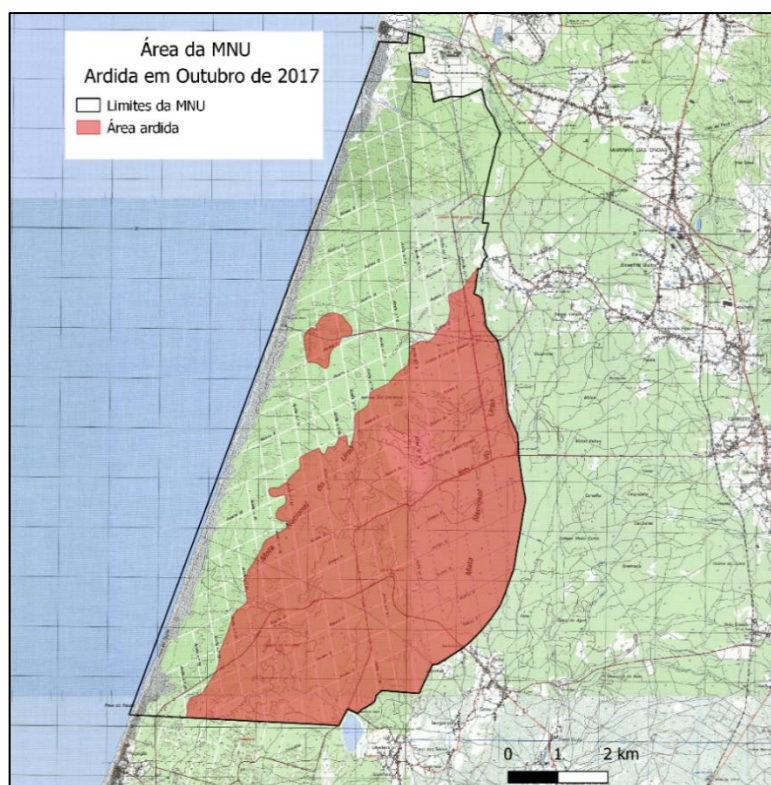
Em 2009 foi realizado um Estudo de Impacto Ambiental, para prosseguir com a implementação do projeto, obtendo vários pareceres favoráveis ao seu seguimento. No entanto, o resultado final do parecer da Avaliação de Impacte Ambiental foi condicionado, devido a várias questões que estariam por responder à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC), de carácter ambiental, e ainda sobre a gestão do espaço e a sua capacidade de carga.

A questão da gestão dos resíduos foi alvo de maior preocupação, visto ser necessário um grande cuidado para que estes não contaminem o aquífero da mata. Por isso, a empresa *TransGás*, responsável exploração das jazidas de salgema e de gás natural, pede para que o estudo seja mais aprofundado, de forma a entender se não terão impactos sobre os recursos da MNU utilizados por esta.

No ano de 2013, a CMP continua a adquirir casas florestais, nomeadamente no Grou, com a intenção de construir um centro de interpretação ambiental, e também a casa da Guarda do Norte para criação de um empreendimento turístico. Contudo este projeto nunca chegou a ser implementado, como ainda a implementação do parque de campismo

encontra-se por desenvolver, e que poderiam ter potencial para a valorização ecoturística da MNU.

Figura 41: Área da MNU afetada pelos Incêndios em Outubro de 2017



Fonte: Elaboração Própria. Dados: geocatalogo.icnf.pt

O Incêndio em outubro de 2017 destruiu grande parte da MNU (fig. 41), onde o local de implementação do parque de campismo, e o trilho da Lagoa de S. José foram destruídos. As Casas Florestais do Norte e do Juncal Gordo foram parcialmente destruídas, pelo que se considera que a recuperação e valorização futura destes espaços será um grande desafio para as entidades responsáveis num horizonte a longo prazo.

- Projeto de Valorização da Praia do Osso da Baleia e o Trilho da Baleia Verde

O Trilho da Baleia Verde (TBV), no âmbito do Projeto PROA – Projeto de valorização da Praia do Osso da Baleia, é um percurso pedestre com 3,9 km, de forma circular, em que se inicia junto ao parque de merendas do Osso da Baleia, e se desenvolve na Mata Nacional do Urso (MNU), para sul, utilizando caminhos pré-existentes, aceiros e arrifes, ao longo dos quais vai explorando, interpretando e valorizando a componente florestal.

Após a sua implementação em 2009, este percurso nunca foi homologado. No entanto, comprova-se o seu aproveitamento para o turismo de natureza através de vários eventos organizados pela CMP ou pelo Agrupamento de Escuteiros do Carriço, sendo que foi igualmente abordado no estágio a importância da sua homologação.

Com os flagelos dos incêndios de Outubro de 2017 e a Tempestade *Leslie*, foi fundamental o levantamento do estado do trilho (novembro de 2018), em relação ao estado de conservação das estações informativas, sinalética e estado de obstrução do percurso e qualidade paisagística.

Figura 42: Verificação do estado do TBV após a Tempestade *Leslie*



Fonte: Registo próprio

- Projetos propostos a candidatura para a requalificação da faixa costeira do Concelho de Pombal

Devido ao incêndio na MNU e o seu grande impacto ao nível paisagístico, foram realizados planos de projeto para candidatura de elegibilidade a fundos europeus alguns projetos para a requalificação da Faixa Costeira:

a) Projeto de Requalificação do Parque de estacionamento do Osso da Baleia, acesso e Circuitos Pedonais: projeto que pretende requalificar a zona de estacionamento da Praia, com vista a melhorar as condições de utilização e acesso à praia. Pretende-se um estacionamento organizado e com zonas específicas destinados aos veículos pesados e serviços públicos (Bombeiros e Polícia Marítima).

b) Projeto de Melhoramentos do Parque de Merendas da Praia do Osso da Baleia: projeto que pretende melhorar o atual parque de merendas da Praia do Osso da Baleia, procurando tornar-se num espaço mais atrativo, organizado, funcional e acessível aos seus utilizadores. Esta proposta pretende também enquadrar as suas infraestruturas de forma harmoniosa no espaço de natureza que é a Mata do Urso, através de materiais específicos para este objetivo.

c) Passadiço do Osso da Baleia- Praia do Urso: projeto de criação de um passadiço em madeira de ligação entre a praia do Osso da Baleia e a nova Praia do Urso. Com uma totalidade de cerca de 4,2 km, inclui 5 miradouros de observação da costa marítima e também da Mata Nacional do Urso.

Tendo em conta os inúmeros projetos de passadiços existentes ao longo do país nos últimos anos, e o seu sucesso comprovado, este projeto tem um enorme potencial de atratividade turística ao longo do ano.

Os projetos apresentados pretendem melhorar a qualidade das infraestruturas e espaços de lazer dos utilizadores da praia, bem como a possibilidade de existência de um novo ponto de atração turístico- os passadiços, que poderia funcionar como um atrativo turístico, bem como um ponto de ligação entre a Praia do Osso da Baleia e a nova praia prevista para o concelho: a Praia do Urso.

5.1.3. Revisão do Guia Turístico de Pombal

Durante o estágio profissionalizante, a Unidade de turismo encontrava-se no momento a rever os conteúdos para o novo Guia Turístico do Concelho de Pombal, pelo que foi dado o contributo na revisão de algumas questões relacionadas com a área do Turismo de Natureza, e algumas sugestões para o melhoramento do conteúdo informativo sobre a MNU e faixa costeira.

- Revisão do conteúdo informativo sobre a MNU

“A Mata Nacional do Urso constitui uma das maiores manchas naturais da região Centro. Situada no prolongamento do Pinhal de Leiria, esta abrange várias freguesias do concelho de Leiria, Pombal e Figueira da Foz, possuindo uma área total de 6.102 ha.

*Segundo consta, terá sido D.Afonso III a dar início à plantação dos pinheiros no século XIII, mas a origem do nome desta mata vem associada ao nome de D.Dinis, que foi quem intensificou a sua plantação. A sua origem está representada num retábulo em Coimbra (Mosteiro de Santa Clara-a-nova), no qual referencia a luta entre D. Dinis e um Urso nos antigos pinhais que pertenciam à Universidade de Coimbra. Até ao século XVIII, existiam ursos pardos (*Ursus arctos*) em Portugal, inclusive na nossa mata.*

A plantação de pinheiros na zona litoral do país teria o intuito de preservar as dunas e prevenir o avanço das areias para as terras propícias ao cultivo agrícola. Mais tarde, a madeira dos pinheiros que ali cresceram serviram para a construção de caravelas na época dos Descobrimentos e ajudaram a contribuir para o desenvolvimento da indústria Vidreira na Marinha Grande.

Hoje em dia, este pinhal é um espaço de lazer, (dotado de um parque de merendas onde pode desfrutar), onde é possível passear pela mata, aproveitando os trilhos pedestres assinalados (trilho da baleia verde), ou mesmo se pretender-se perder pelo meio da fragrância dos pinheiros e restante flora e fauna autóctone que lhe permite

conhecer um espaço bem preservado e rodeado de sossego. É também um espaço propício à prática de desportos como a orientação.”

- Revisão do Conteúdo sobre a Praia do Osso da Baleia

Foi sugerido a inclusão de um elemento da vegetação natural das dunas que marca a imagem da praia, A Camarinheira (*Corema album*), um arbusto que durante o verão dá umas bagas brancas comestíveis – as camarinhas, que faz parte da paisagem característica da praia, e que pode ser utilizada para diversos fins como a geleia de camarinha.

Figura 43: Praia do Osso da Baleia



Fonte: Registo próprio

- Sugestão para a criação de conteúdo informativo para a Praia do Urso

A praia do Urso será uma nova praia na faixa costeira abrangida pelo concelho de Pombal, enquadrada na freguesia do Grou, que tem uma história local ligada à indústria, e atividades de lazer que por sua vez estão ligadas à MNU.

Por isso, foi sugerido o seguinte conteúdo informativo sobre a praia: *“No horizonte, já diziam os primeiros guias turísticos de Portugal, ali existiam as "dunas mais belas da Europa". É com este mote que surge a nova pérola do Concelho.*

A Praia do Urso vem ao encontro da grande procura turística na faixa costeira do território de Pombal, sendo um novo espaço de lazer, onde poderá desfrutar do sol e do mar atlântico com todo o conforto e sossego.

O seu nome é dedicado à Mata Nacional do Urso, a segunda maior floresta do país, à qual junto com a praia, estão associadas diversas práticas de lazer como a caça e a pesca, bem como desportos de natureza ou um simples piquenique. Foi igualmente uma fonte para o fomento económico da região, através das indústrias do vidro, da resina e da madeira. Assim, fica o convite a todos os visitantes a usarem os seus cinco sentidos ao encontro da Praia do Urso.”

5.1.4. Levantamento de informação sobre o Pedestrianismo no Concelho e na MNU

Para a análise do potencial ecoturístico do concelho e da MNU, foi sugerido o estudo do pedestrianismo no concelho, enquadrando-se nos objetivos do estágio e nos objetivos internos do município o desenvolvimento do pedestrianismo no mesmo.

Para isso foi realizado um levantamento dos trilhos existentes no concelho de Pombal, de forma a avaliar o potencial do pedestrianismo para esta região, e das suas limitações, para que no final fosse proposto um novo trilho a ser alvo de implementação prática que culminou no projeto em estudo.

Para este levantamento foram contactadas as juntas de freguesia locais, bem como foram alvos de consulta alguns guias turísticos da Região, no qual os resultados se encontram apresentados na tabela 14.

Como resultados deste estudo constata-se que o concelho é alvo de passagem de grandes rotas, estando homologadas, e que são de carácter linear, o que muitas vezes acaba por não permitir a estada dos turistas no território pombalense.

Tabela 14: Percursos pedestres existentes no Concelho de Pombal

Freguesias:	Nome:	Entidade Responsável:	Características:	Estado de Conservação:
Cariço:	Trilho da Baleia Verde	CMP	3,9 km /1h30 Circular	Afetado pela tempestade <i>Leslie</i> Marcado. Aguarda intervenção.
	Trilho da Lagoa de S.José		2,5 km /1 h Circular	Afetado pelos incêndios. Estudar novos trilhos alternativos.
Alvaiázere- Abiúl	Rota do Azeite GR26	CMP /Terras de Sicó	Homologado 27,5km /8 h Linear	Desconhecido
Pombal - Abiúl	Rota da Tauromaquia GR26		Homologado 14 km/ 4h Linear	
Redinha- Condeixa	Rota do Lapiás GR26		Homologado 29,5km / 8h Linear	
Pombal - Redinha	Rota do Paleolítico GR26		Homologado 30 km/ 9h Linear	
Pombal e Redinha	Canhão do Vale do Poio	QUERCUS	9km /4h Circular	Não marcado
Pombal, S.Simão de Litém e Albergaria dos Doze	Trilho do Picoto	U. F. Albergaria dos Doze, Santiago e S. Simão de Litém	4,5 km/ 2h30 Circular	Marcado

Pombal	Pombal Natura		15 km/ 4,5h Circular	Trilhos novos (em processo de implementação)
Pombal- Redinha	Trilho Senhora da Estrela	CMP	4,6 km/ 2,5h Circular	
	Trilhos dos Poios		9,2 km/ 3,5h Circular	
	Trilho das 2 Aldeias		14,2 km/ 4,5h Circular	
Louriçal	Rota dos Arrozais	Freguesia do Louriçal	8km Circular	Marcado Afetado pela tempestade Leslie
	Rota das Azenhas		5,7km Linear	

Fonte: Elaboração própria. Dados das Juntas de Freguesia e do Município de Pombal consultados em 2019.

Pombal é detentor de um território diverso, com imensas potencialidades a nível de pedestrianismo e BTT.

A CMP encontra-se a desenvolver novos percursos na Serra do Sicó, que por serem de pequena rota e circular, irão potencializar o aumento da procura para a prática de Turismo de Natureza na zona serrana do Concelho.

Em comparação ao trabalho existente nos percursos de grande rota, nenhum dos percursos de pequena rota se encontra homologado, pelo deverá fazer parte da missão deste município trabalhar para o melhor desenvolvimento possível das mesmas.

Possuímos alguns percursos de pequena rota que foram afetados pelas catástrofes naturais, como os trilhos existentes na MNU e no Louriçal. No entanto, os valores naturais e culturais destes territórios continuam presentes, pelo que poderão ser pensados novos percursos pedestres para estes territórios, com grande potencial ecoturístico

5.2. Projeto de Estágio: “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

Foi com base no estudo teórico sobre o Ecoturismo, o levantamento do património natural e cultural relacionados na MNU, bem como nos projetos existentes para esta floresta e para a sua faixa costeira, que se procurou conhecer o potencial ecoturístico desta região, na implementação de uma caminhada que pudesse colocar em prática os resultados obtidos neste estudo, bem como as competências adquiridas durante o estágio profissionalizante.

Considerando que o TBV e o Trilho da Lagoa de S. José se encontram inviáveis para a prática de Pedestrianismo, conclui-se a grande dificuldade de preservar os percursos pedestres face às catástrofes que têm acontecido nos anos de 2017 – Incêndios, e de 2018 – Tempestade *Leslie*, que colocará cada vez mais limitações na manutenção

dos trilhos marcados de forma física, tal como a paisagem dos espaços florestais estará em constante mudança devido ao impacto destes acontecimentos na sua biodiversidade.

Portanto, devido a estas condicionantes, procurou-se criar um percurso interpretativo sobre a MNU, com acompanhamento de um guia, e com base nos ideais do Ecoturismo, se pudesse valorizar a MNU após as catástrofes dos últimos anos.

5.2.1 Desenvolvimento da Proposta

Através do património natural e cultural abordado neste estudo, e com base no Ecoturismo, o projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso” pretende criar um roteiro de interpretação ambiental sobre as várias temáticas relacionadas com a MNU, através da conceção de um percurso interpretativo, sendo implementado com a realização do evento “ À Descoberta Dos Tesouros Do Urso”. Este é um evento que pretende dar a conhecer o património natural e cultural da MNU, no qual se parte à descoberta das Lagoas das Correntes e dos Linhos, fruindo da paisagem representativa deste território, e com a interpretação da sua biodiversidade, bem como da sensibilização para a sua conservação.

Desde o planeamento, à conceção e avaliação do projeto, existiram várias fases para a sua implementação:

a)Análise documental e pesquisa bibliográfica: o primeiro passo na avaliação do potencial para a realização de um percurso passa pela análise de documentação relacionada com a MNU, que sirvam de base para fundamentar e credibilizar a informação que será transmitida durante a interpretação do percurso.

b)Trabalho de campo e delineação do percurso: desde a preparação até ao traçado atual do trajeto de passagem, foi necessário ir diversas vezes ao terreno, para avaliar não só a paisagem e biodiversidade existente e mencionada na pesquisa documental, mas também para testar a viabilidade do percurso. Foram testadas várias hipóteses de traçado até chegarmos ao trajeto proposto neste projeto, pois condicionantes como a tempestade *Leslie* limitaram algumas passagens. Com base nestes resultados, foi realizada uma a ficha de caracterização do percurso e a sua descrição.

c) Preparação do conteúdo para a interpretação do percurso: após a análise da viabilidade do trajeto e com base nas informações obtidas na pesquisa e análise documental, demos início à preparação do material a utilizar na sua interpretação (ver anexos). Foi elaborado um cartaz para a realização do evento, e um guia de acompanhamento do percurso, para que o participante possa ter algumas informações à

sua disposição. Para a pessoa que irá fazer a interpretação, foi preparado um guião com algumas indicações que sirvam de base para a explicação ao longo do trajeto.

d) Realização do evento: “À Descoberta Dos Tesouros Do Urso”: com duração prevista para duas horas e trinta minutos, e uma distância de quatro quilómetros, o evento foi realizado a um domingo, no dia 24 de Março, pelas 9 horas e trinta minutos, tendo como ponto de encontro a Rua dos Moinhos, na localidade de Murra, Alhais. O número de participantes foi limitado a 20 inscrições, devido ao carácter experimental do evento.

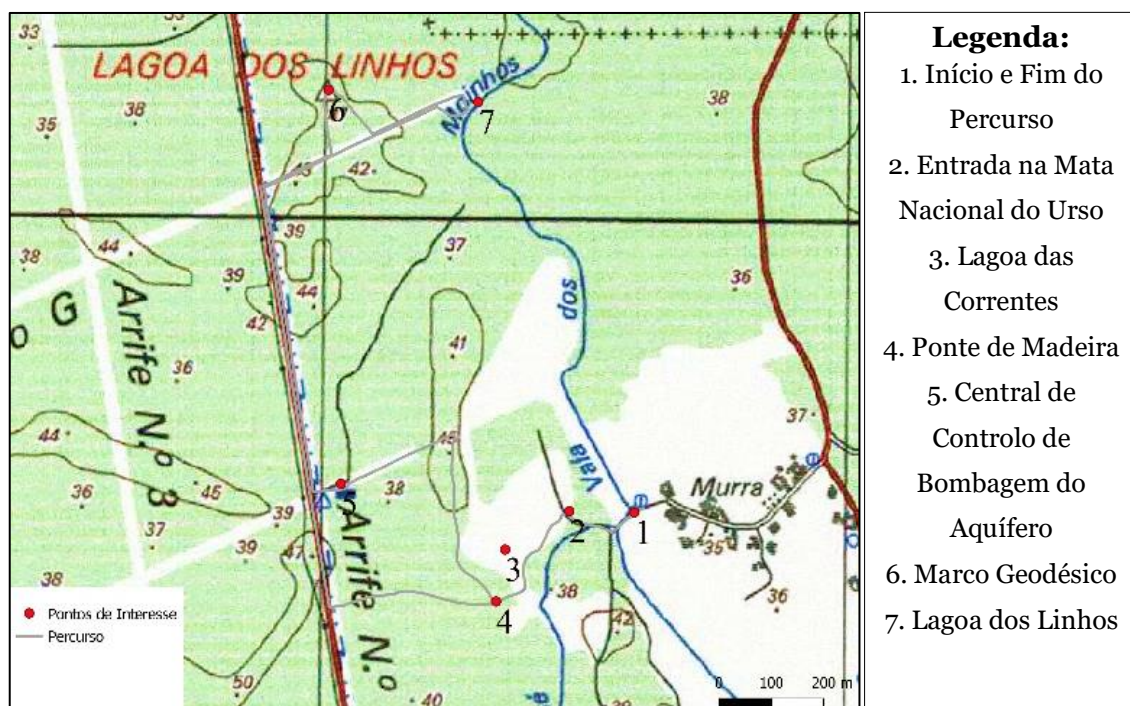
A caminhada teve como pontos principais de passagem a Lagoa das Correntes, a Estrada Florestal da MNU, a Lagoa dos Linhos e o seu Marco Geodésico.

Os principais objetivos da realização da caminhada foram os seguintes: apelar para a consciência da existência de recursos com grande valor ambiental e cultural da MNU e o papel do Ecoturismo como potencializador dos mesmos; a regeneração da paisagem de zonas afetadas pelos incêndios; valorizar e preservar os espaços naturais da MNU; e a importância da interpretação do património na valorização do território.

e) Análise de resultados e avaliação do evento: de forma a avaliar o potencial do evento e o valor patrimonial da MNU, foi realizado um inquérito aos participantes, faseado para antes e depois do percurso, de forma a monitorizar se este tipo de iniciativas poderão ser uma aposta a desenvolver para a valorização do Ecoturismo na MNU.

5.2.2. Caracterização e descrição do Percurso

Figura 44: Mapa para realização do percurso



Fonte: Elaboração própria.

No final da povoação de Murra, em Alhais, damos início ao nosso percurso: começamos na Rua dos Moinhos, um lugar onde passa a Vala do Estrumal, no qual se entra oficialmente na Mata do Urso. Por entre um eucaliptal, algo ascende as nossas expectativas: surge a Lagoa das Correntes, envolvida entre pinheiros e acácias, onde se podem escutar as comunidades anfíbias ali presentes, como também o chilrear de pequenos pássaros como o Rouxinol-bravo e o Chapim-real.

Figura 45: Lagoa das Correntes



Figura 46: Regeneração da Paisagem



Fonte: Registo próprio

Passando uma ponte de madeira, no qual se chama a atenção para alguma fragilidade, partimos para novo espaço onde se observa a regeneração da paisagem com pequenos pinheiros (*Pinus pinaster*), camarinheiras (*Corema album*), giestas (*Cytisus scoparius*) e tojais (*Ulex parviflorus*), espécies nativas da MNU.

Posteriormente, vamos ao encontro de uma central de controlo de bombagem do aquífero da MNU, um recurso com grande importância para a região.

De seguida, partimos caminho para norte por uma antiga estrada florestal que, hoje em dia, apenas serve para as indústrias ao redor da mata. No próximo corte que avistar, viramos à direita e após caminhar cerca de 200 metros, avistamos à esquerda, no alto de uma duna, um vértice geodésico, ao qual podemos ir ao seu encontro e apreciar da paisagem envolvente e escutar o barulho do mar ao longe, se estiver com atenção.

Voltando ao caminho principal e continuando a caminhar descobrirá a Lagoa dos Linhos, um lugar de grande biodiversidade, onde irá avistar ao fundo diversas espécies vegetais, como o salgueiro (*Salix atrocinerea*), choupo (*Populus nigra*) e eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) de grande dimensão.

Ao retornar, sugere-se o mesmo caminho, optando pelo corte seguinte à central de controlo de bombagem, tratando-se de um trajeto com menor dificuldade de pisoteio, passando novamente pela Lagoa das Correntes e regressando ao local de início.

Figura 47: Marco Geodésico



Figura 48: Lagoa dos Linhos



Fonte: Registo próprio

5.3. Avaliação do Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

Figura 49: Implementação prática do projeto

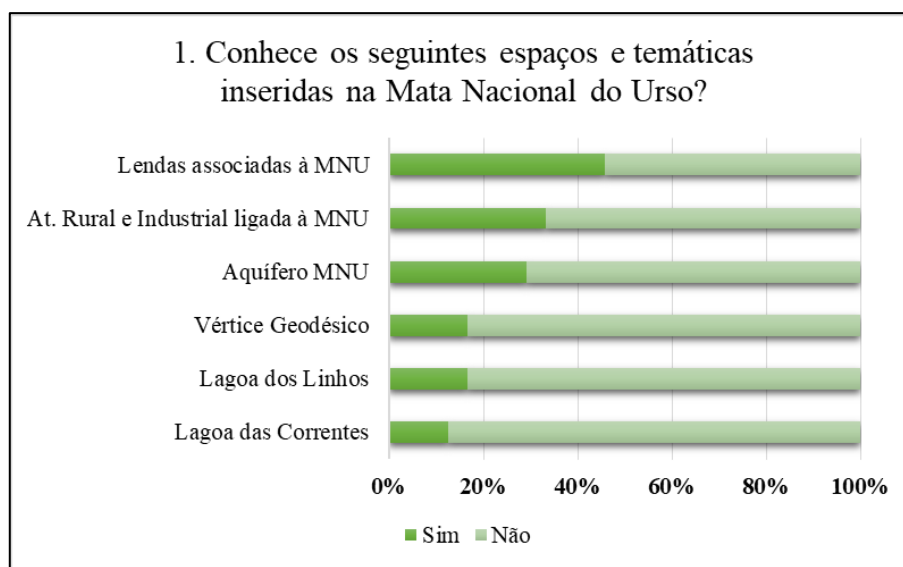


Fonte: Registo fotográfico cedido pelos participantes

A avaliação do projeto foi feito através da realização de inquéritos aos participantes do evento. A amostra recolhida reúne os resultados da participação de 24 pessoas neste inquérito. Com início marcado para as 9:30h foi, antes de começar, pedido aos participantes a realização da 1ª fase do inquérito, sendo-lhes entregue o guia de acompanhamento do percurso no final do preenchimento.

A primeira fase apenas tinha 3 perguntas, de forma a podermos entender o grau de conhecimento dos participantes sobre os lugares que iriam visitar e sobre a percepção que estes tinham do estado de destruição da MNU, após os incêndios em 2017, uma catástrofe que deixou um grande impacto na percepção do visitante a territórios que tenham sido destruídos como a MNU e o Pinhal de Leiria.

Figura 50: Resposta à Pergunta nº 1: “Conhece os seguintes espaços e temáticas inseridas na Mata Nacional do Urso?”



Fonte: Elaboração própria

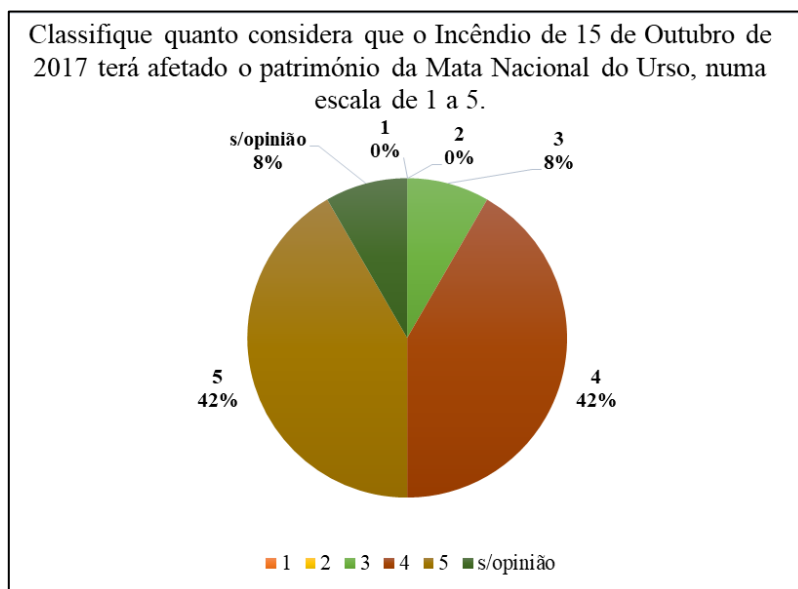
Quanto à pergunta 1, sobre os espaços e temáticas que estes conheciam na MNU, os participantes conhecem melhor as Lendas associadas à MNU, seguido da Atividade Rural e Industrial ligada à MNU. Isto reflete para o carácter cultural que pode ser associada à MNU, que poderá servir como estratégia de divulgação da existência deste território, um lugar cheio de mistérios, com história, cultura e tradição ligadas à população local, onde pode desfrutar de um espaço de natureza por descobrir.

O Vértice Geodésico e a Lagoa das Correntes foram os espaços menos conhecidos. No geral, os espaços e temáticas mencionadas na questão não chegam aos 50% em como conhecem estes lugares. Isto mostra a importância da criação de novos roteiros de interpretação na MNU que levem as pessoas a conhecerem aspetos desconhecidos pela maioria, comprovando a criatividade e originalidade dos assuntos abordados neste evento.

A questão 1.1 sobre outros patrimónios da MNU que pudessem ser mencionados surgiram respostas como a Praia do Osso da Baleia, Casas da Guarda Florestal, as dunas e a Lagoa de S. José, e também a existência de uma capela junto a esta - a Capela da

Nossa Senhora do Desterro. Estas referências poderão ser úteis para a criação de novos roteiros de interpretação da mata, enriquecendo o valor patrimonial da mesma.

Figura 51: Reposta à pergunta nº 3 : “Classifique quanto considera que o incêndio de 15 de Outubro de 2017 terá afetado o património da Mata Nacional do Urso, numa escala de 1 a 5”



A pergunta 3 pretende compreender o quanto o participante, daquilo que conhece sobre a MNU, considera que os incêndios em outubro de 2017 terão destruído o seu património.

A escala escolhida, de um a cinco, pretende facilitar ao participante o preenchimento inquérito, sendo que um significa pouco, três é mais ou menos e cinco é muito, sendo que as opções dois e quatro servem de opções intermediárias entre as outras variáveis.

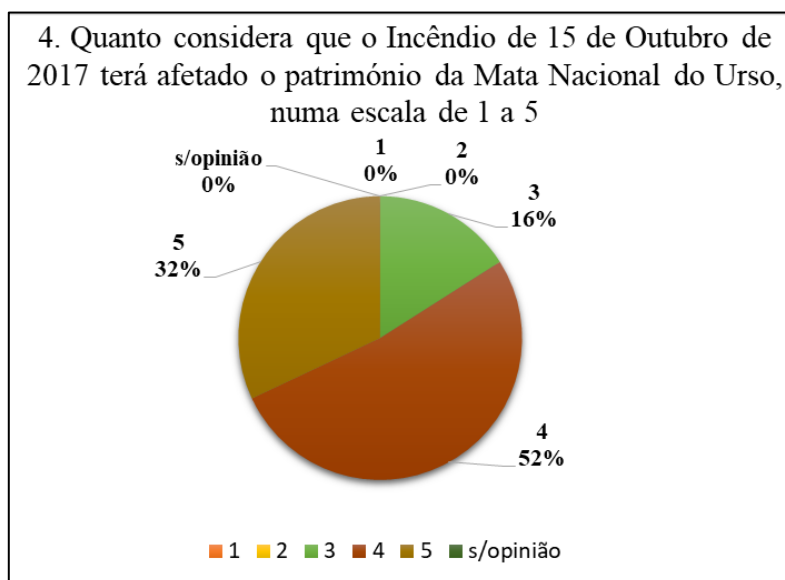
Verifica-se que a maioria dos participantes respondeu entre quatro e cinco, tendo uma tendência para que estes entendam que a mata ardeu muito.

Oito por cento dos inquiridos têm uma perspetiva mais mediana quanto a esta questão e os outros oito não têm opinião formada sobre esta questão.

Ou seja, estes resultados indicam uma grande incerteza quanto ao grau de destruição do património da MNU, sendo que um dos objetivos deste roteiro será comprovar que a MNU ainda possui uma mancha florestal de grande valor e outros patrimónios por descobrir.

Na segunda fase do inquérito, esta pergunta foi novamente inquirida, com base na caminhada, para perceber se a criação deste roteiro poderá ajudar a mudar esta perceção e o modo como os participantes vêm o estado de destruição da MNU.

Figura 52: Resposta da pergunta nº4, na 2ª fase do inquérito, equivalente à pergunta nº 2



Fonte: Elaboração própria

A perceção dos participantes alterou-se de forma gradual, diminuindo o nível cinco de 42% para 32% passando esses 10% para o nível quatro, alterando-se para 52%.

As opções de nível um e dois não foram selecionadas, bem como os 8% da opção sem opinião, que constavam na primeira fase desapareceram. Aqui o nível três obteve o dobro da percentagem inicial, passando para 16%.

Estes números demonstram que o roteiro alterou de forma gradual a perspetiva dos participantes na fase anterior, passando de uma concentração de opiniões entre o nível quatro e cinco, o roteiro ajudou a que os inquiridos a definir melhor a sua posição quanto a esta questão, concentrando-se agora no nível quatro, com cerca de 52%.

A repetição deste tipo de iniciativas é de grande interesse para compreender o seu efeito na perspetiva do participante sobre o grau de destruição que este supõe que a MNU terá sido afetada pelos incêndios, e se a criação das mesmas poderá ajudar a mudar novamente a sua opinião.

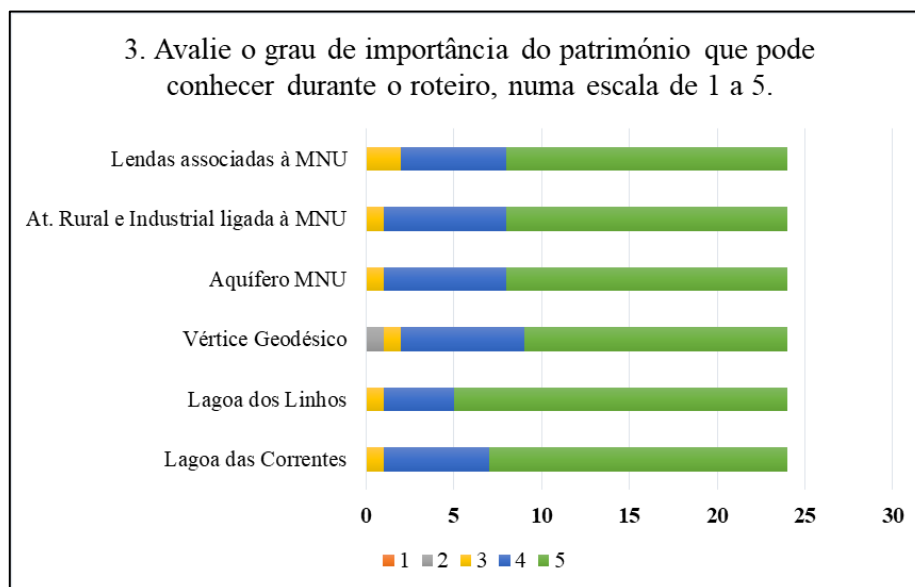
Estes esforços são essenciais para a valorização do património da MNU, para que motive e atraia investimento ao desenvolvimento do turismo para este território.

Para compreender o grau de importância dado ao património abordado durante o roteiro, os participantes foram inquiridos a escolher numa escala de um a cinco, aquilo que consideraram mais e menos importante (fig.53).

A Lagoa do Linhos, foi o espaço mais importante para a maioria dos inquiridos, seguindo da Lagoa das Correntes. O património menos cotado foi o Vértice Geodésico, e

as Lendas e atividades rurais ligadas à MNU, bem como o aquífero, ficam num lugar intermédio.

Figura 53: Resposta à pergunta nº 3: “Avalie o grau de importância do património que pode conhecer durante o roteiro, numa escala de 1 a 5”



Fonte: Elaboração própria

Importa referir que a maioria dos participantes considerou que todos os patrimónios abordados no roteiro eram muito importantes, comprovando as suas potencialidades para o desenvolvimento de novas iniciativas que abordem estas temáticas.

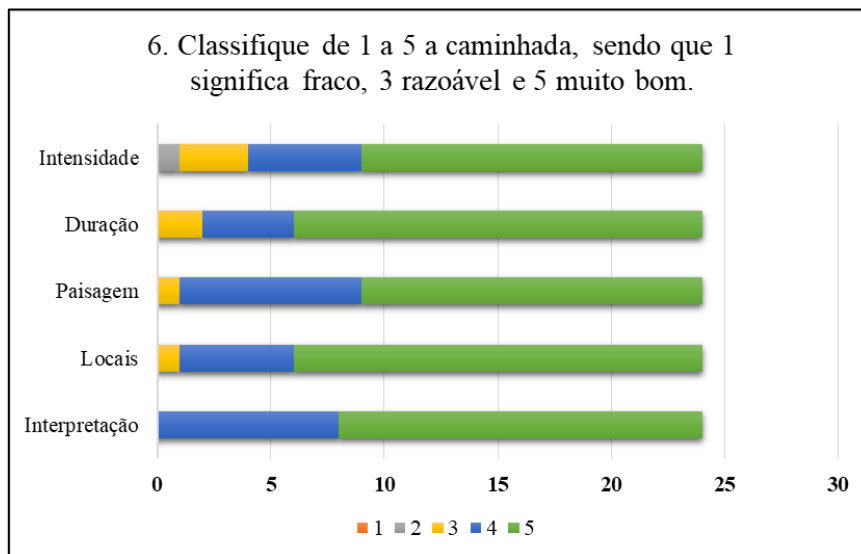
Para avaliarmos a caminhada, os participantes tinham de classificar alguns tópicos relacionados com as características da caminhada (fig. 54), numa escala de um a cinco, sendo que um significa fraco, três significa razoável e cinco significa muito bom, e as opções dois e quatro funcionam como opções intermédias.

A interpretação da caminhada foi o tópico que obteve melhor cotação, considerando que apenas teve respostas de nível quatro e nível cinco. De seguida, os Locais e a Duração foram os segundos mais valorizados, sendo que a Paisagem e a Intensidade foram os que tiveram um valor mais baixo.

Neste caso, as condicionantes para o facto de estes dois tópicos terem sido menos cotados, foi a tempestade Leslie, que deixou um grande impacto visual para que visita a MNU, sobretudo no território mais específico onde se foi realizado o roteiro. A intensidade do percurso está relacionada com o facto de apenas ter quatro quilómetros, pelo que alguns dos participantes não consideraram o trajeto percorrido muito intenso, o

que não é de todo negativo, pois pretende-se que este roteiro possa ser feito por participantes de várias idades e condições físicas.

Figura 54: Resposta pergunta nº 6: “ Classifique de 1 a 5 a caminhada, sendo que 1 significa fraco, 3 razoável e 5 muito bom”



Fonte: Elaboração própria

A Interpretação da caminhada foi considerada muito boa pela maioria dos participantes, e outra parte selecionou o nível quatro, ou seja acima do razoável, interpretando este resultado como uma característica valorativa e diferenciadora para o sucesso da criação de roteiros que valorizem a MNU.

O facto de ter alguém que seja encarregue do papel de guia e que acompanhe e explique o património da MNU, é uma mais-valia para o desenvolvimento de atividades de lazer e turismo neste território, potencializando a economia local, pois a população local poderá ser beneficiada através da geração de emprego e do efeito multiplicador do turismo.

As questões 4.1 “Após a realização deste roteiro, considera que a Mata Nacional do Urso é um Património de grande importância para a região?”, 5. “Considera que a criação deste tipo de roteiros é uma mais-valia para a valorização do Património existente na Mata Nacional do Urso?”, e 7. “Caso sejam criadas novas caminhadas na MNU, voltaria a participar neste tipo de iniciativas?” foram de resposta afirmativa por todos os inquiridos, reforçando aquilo que as respostas anteriores foram transmitindo.

Todos os participantes concordam que a MNU é um Património de grande importância para a região, e que este tipo de roteiros são uma mais-valia para a sua valorização. Neste caso, os inquiridos voltariam a participar neste tipo de iniciativas, com sugestões e comentários que incentivam a continuação deste projeto, significando que

este projeto tem potencial para a valorização da MNU, e que deve continuar a ser trabalhado, no sentido de realizar novas caminhadas e a criação de novos roteiros que potencializem este território, e que possa convidar novas pessoas “À Descoberta dos Tesouros do Urso”, bem como de outros lugares importantes para a região, promovendo o desenvolvimento turístico do da MNU e do Concelho de Pombal.

5.4. Análise SWOT

Tabela 15: Análise SWOT do Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

Forças:	Fraquezas:
<ul style="list-style-type: none"> - MNU como um refúgio da Biodiversidade - Diversidade concentrada: Cultura e Natureza em conjunto. - Patrimónios por dinamizar; - Interpretação como fator valorizador para o conhecimento da MNU. - Praia do Osso da Baleia, um património natural de beleza sublime 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação da intensidade do trajeto satisfatório para todos os participantes; - Menor interesse sobre o Marco Geodésico pelos participantes; - Uma floresta subvalorizada: desconhecimento sobre o valor histórico e ambiental da MNU.
Oportunidades:	Ameaças:
<ul style="list-style-type: none"> - Criação de novos roteiros com outros patrimónios mencionados no inquérito; - Interesse dos participantes em participar em novas iniciativas; - Aproveitamento das Lendas e atividades rurais e industriais como forma de atrair novos visitantes: criação de novas estratégias de marketing e promoção da MNU; - Existência de <i>geocaches</i> em grande parte dos locais visitados no roteiro: oportunidades de criação de uma rota de geocaching para descobrir a MNU. - Divulgação do património natural (Praias e Mata) 	<ul style="list-style-type: none"> - Incêndios de Outubro de 2017: 54% da MNU foi afetada por esta catástrofe: - Tempestade Leslie: Impacto paisagístico e dificuldade na criação de novos percursos. Impedimentos na passagem da maioria dos trilhos existentes. - Alterações Climáticas: Invernos Curtos e Verões longos e quentes levam as lagoas a perderem o seu caudal e por vezes secarem, causando impactos negativos no Património da MNU, sobretudo na sua biodiversidade; - Dificuldades de desenvolvimento de projetos turísticos na MNU: Existe uma grande dificuldade de implementação de projetos a curto prazo, devido às dificuldades de trabalho em rede entre as várias entidades competentes.

Fonte: Elaboração própria

Na Tabela 15 apresenta-se uma análise SWOT com quatro tópicos para cada uma das variáveis sobre a MNU e as potencialidades e fraquezas da criação deste tipo de roteiros, de forma a resumir os resultados obtidos durante a fase de investigação deste projeto, bem como na sua implementação prática.

As maiores forças que caracterizam a MNU é o seu estado natural sobrevivente após os incêndios em 2017 e um património diverso concentrado, pois é dotada de um

património natural, mas também cultural que confere características diferenciadoras a esta mata. Neste assunto, a interpretação dos percursos na forma guiada é uma mais-valia para a valorização destas temáticas.

As fraquezas mencionadas apontam para alguns resultados negativos obtidos nos inquéritos, pois existia uma maior expectativa quanto a capacidade da criação deste roteiro em alterar o modo de perceção dos participantes sobre a área ardida da MNU. Esta iniciativa será realizada novamente, de maneira a reavaliar os seus efeitos nesta questão.

É sobretudo por isso que se entende que existe uma subvalorização do património da mata, pois existe um grau elevado de desconhecimento do património existente na MNU, que não corresponde à realidade apresentada neste estudo.

As oportunidades presentes na tabela 15 sugerem a criação de uma nova imagem para a MNU com base no seu património cultural: as Lendas e as atividades rurais e industriais ligadas à mata, como estratégia de promoção turística da mesma, pois nos resultados apresentados, eram estas as temáticas mais conhecidas pelos participantes.

Com a criação de novas iniciativas, como o caso da conceção de uma rota de *Geocaching* na MNU, pretende-se a captação de novos públicos, pois já existem algumas caches na MNU espalhadas, sendo que a sua ligação em percurso permite aumentar o interesse por parte dos praticantes desta prática.

Quanto às ameaças, os fatores que afetam de forma significativa são as alterações climáticas que têm provocado condições meteorológicas adversas às estações do ano, como foi o caso dos incêndios de 2017, destruindo cerca de metade da MNU e deixou um grande impacto negativo sobre a sua perceção como um espaço de natureza e práticas de lazer e turismo na região, bem como a Tempestade Leslie que causou a queda de árvores por toda a mata que estaria em bom estado, causando um impacto paisagístico de grande dimensão, e colocando alguns impedimentos à criação de novos percursos de interpretação pela mata.

Outra ameaça considerada na tabela será a dificuldade de trabalho em rede para o desenvolvimento de projetos turísticos na MNU. A articulação entre municípios e outras entidades como a CCDR e o ICNF tornam os processos de implementação de projetos de desenvolvimento turístico de um território muito demorados, podendo prolongar-se por vários anos, pelo que torna-se uma desmotivação para quem pretende desenvolver algum projeto, devido à necessidade de uma implementação a curto/ médio prazo, pois se for a

longo prazo poderá já não corresponder à procura turística, no momento em que este foi pensado.

A caminhada “À Descoberta dos Tesouros do Urso” permitiu compreender e analisar novas potencialidades para a MNU.

A realização de inquéritos foi uma ferramenta essencial para a avaliação deste estudo, permitindo analisar o conhecimento sobre a MNU e sobre aquilo que acharam mais importante nesta e no roteiro realizado.

Esta fase de monitorização após o evento é uma chave essencial para saber que alterações ou adaptações terão de ser feitas para melhorarmos este projeto, bem como se será aceite de forma positiva por parte do público a criação de novas iniciativas.

5.5. Análise do processo de aplicação do modelo ecoturístico para a MNU

De forma a analisar as possibilidades de desenvolvimento do Ecoturismo na MNU, apresenta-se a tabela 16 com a aplicação do modelo proposto no primeiro capítulo.

O objetivo passa pela criação de um conjunto de indicadores para cada uma das componentes defendidas e para o conjunto do conceito de Ecoturismo, de forma a avaliar quais as potencialidades e necessidades presentes para a conceção da MNU num destino para a prática do Ecoturismo.

Para cada uma das componentes foram criados cinco indicadores que deverão constar no destino ecoturístico, entre recursos, políticas e valores sociais, para que possa ser possível que numa escala de 1 a 5 analisar o estado de cada componente no destino.

Para isto considera-se os seguintes critérios de avaliação consoante aquilo que o destino tiver como indicadores presentes no seu destino:

- 1 a 2 indicadores = Insuficiente - Componente encontra-se por desenvolver
- 3 indicadores = Razoável – Componente com necessidades de melhoramento
- 4 a 5 indicadores = Suficiente – Componente encontra-se em estado consolidado

no destino.

Com base nos indicadores-base para a avaliação do modelo do Ecoturismo da MNU podemos identificar algumas potencialidades a fragilidades.

Podemos considerar que a MNU possui duas componentes essenciais, que funcionam como a principal motivação do turista e como recursos para a promoção do Ecoturismo num território: Natureza e Identidade, como se pode verificar nos capítulos III e IV deste estudo.

Tabela 16: Análise do desenvolvimento do modelo Ecoturístico na MNU

		Indicadores:	Sim	Não
Componentes:	Natureza	Área Natural	X	
		Valor paisagístico	X	
		Biodiversidade	X	
		Espécies com estatuto de proteção	X	
		Espaços de lazer	X	
	Identidade	Atividades económicas relacionadas com a Natureza	X	
		Práticas culturais interligadas com o local	X	
		Património histórico, arquitetónico e arqueológico	X	
		Lendas & Tradições	X	
		Gastronomia local & Artesanato	X	
	Sustentabilidade	Medidas para a Conservação da Natureza	X	
		Estatuto de área protegida		X
		Medidas para a preservação da Identidade local		X
		Participação da população no processo de gestão do território		X
		Gestão e promoção do destino em rede (entre os diversos organismos responsáveis)		X
	Aprendizagem	Trilhos de Interpretação do Património local	X	
		Atividades de Educação Ambiental	X	
		Centro Interpretativo dos valores ambientais e culturais locais		X
		Visitas guiadas/acompanhadas no território		X
		Ações de formação sobre o território à população local para a sua valorização		X
Desenvolvimento	Criação de novas empresas/ negócios associados aos recursos locais		X	
	Existência de benefícios económicos para o alojamento, restauração e comércio local	X		
	Aumento da qualidade de vida para a população local		X	
	Aumento da consciência ambiental do destino por parte da população e dos visitantes	X		
	Economia circular e respetivo investimento na conservação da natureza		X	

Fonte: Elaboração própria.

Contudo as fragilidades presentes são a componentes que funcionam como instrumentos para a valorização da MNU ou seja, do destino, que servem igualmente de meios para um determinado fim: o Desenvolvimento.

Considera-se que a Sustentabilidade do destino é insuficiente, devido à ausência de medidas para a proteção e conservação da Natureza e da Cultura da MNU, pois como é demonstrado neste estudo, parte do património existente na mata, na vertente da área natural e também cultural encontra-se muito fragilizado e com necessidades de medidas para a sua valorização e proteção, como por exemplo a recuperação das Casas da Guarda Florestal para fins educativos e recreativos, bem como medidas de proteção ambiental

adicionais da qual este território necessita, como por exemplo o estatuto de uma área protegida para uma parte da MNU.

Em relação à Aprendizagem, pode-se analisar que neste momento esta componente está a ser suficientemente desenvolvida pelas entidades, nomeadamente a CMP e o ICNF na criação dos trilhos da Baleia Verde e da Lagoa de S. José, bem como as atividades educativas realizadas na Praia do Osso da Baleia para a sensibilização da comunidade local. Contudo poder-se-ão desenvolver outras medidas como a valorização da cultura local associada à MNU, bem como a criação de um espaço de interpretação dos seus valores.

A Componente do Desenvolvimento ainda se encontra por desenvolver, pois a ausência de criação de atividades de turismo, bem como a necessidade de manutenção das já existentes, contribui para fraca dependência da economia local do setor do turismo.

No entanto, podemos considerar que ainda assim existem alguns negócios locais que beneficiam das possibilidades de desenvolvimento do Ecoturismo na MNU, como é o caso do Parque de Campismo *O Tamanco*, devido à grande proximidade deste território, bem como os alojamentos locais da região e a restauração, sobretudo no verão, relacionado com o aumento de visitantes à Praia do Osso da Baleia.

Podemos concluir que, efetivamente, a MNU possui os recursos para ser um destino ecoturístico, mas necessita de uma maior aposta nas componentes da sustentabilidade e na aprendizagem para que possa haver um maior desenvolvimento local, bem como valorizar e conservar a Natureza e Identidade Local.

Considerações Finais

O Ecoturismo procura com base na natureza e identidade de um destino, promover e valorizar de forma sustentável os seus recursos, transmitindo aprendizagens para o turista, e procurando beneficiar para o desenvolvimento do território, seja a população, os espaços naturais, a cultura, e mesmo a economia local.

Contudo, nem todas as suas bases são respeitadas na sua implementação, pelo que existirão sempre benefícios e impactos da sua atividade turística. A implementação real do conceito de Ecoturismo está longe de ser uma realidade. No entanto, apesar da existência de impactos negativos da sua prática importa, através da gestão e do planeamento do Turismo, trabalhar para o equilíbrio entre os benefícios e os impactos do mesmo.

O Turismo no Concelho de Pombal assume um papel secundário na sua economia, pelo que a análise desta atividade apresentada neste estudo, demonstra a existência de um grau de diversidade patrimonial que poderá ser desenvolvido.

Tendo em conta os dados apresentados na procura turística, Pombal tem tido um aumento gradual do número de hóspedes, bem como da estada média e do proveito económico por hóspede. Apesar de não acompanhar o nível da Região de Leiria e da Região Centro, os dados sugerem que este território tem oportunidade de aumentar do seu mercado e crescer ainda mais.

A diversidade de atrações turísticas é essencial para o desenvolvimento do Turismo num território. Por isso, importa aprofundar o estudo sobre os recursos existentes em Pombal e seu potencial.

O estágio realizado na Câmara de Pombal foi essencial para a realização deste estudo, no qual resultou a dinamização do projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”, que contribuiu para o enriquecimento deste estudo.

Os resultados da avaliação deste projeto comprovam que a MNU apresenta valores naturais e culturais com interesse para a criação de roteiros de interpretação do património.

Importa, contudo, continuar a apostar na realização deste tipo de iniciativas pois são uma mais-valia para o desenvolvimento e valorização do Ecoturismo na Mata Nacional do Urso, um espaço florestal, com valores que devem ser preservados e potencializados.

Bibliografia

- Almeida et all. (2000). *Sistemas Aquíferos de Portugal Continental. Ficha 010*. Lisboa: Centro de Geologia e Instituto da Água.
- Almeida, P., Araújo, S. (2012). *Introdução à Gestão de Animação Turística*. Lisboa: Lidel.
- Alves, J. (2015). *Análise de viabilidade de armazenamento de energia sob a forma de ar comprimido em cavernas subterrâneas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora, Évora.
- Antunes, H. (2017). *(Eco)turismo e Lazer no Desenvolvimento dos Territórios Rurais. O caso dos percursos pedestres no concelho de Góis: proposta de valorização*. Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do grau de Mestre em Ecoturismo. Escola Superior Agrária de Coimbra. Coimbra.
- Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A., 2006. *Turismo de Natureza, 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal*. Lisboa: Turismo de Portugal.
- Braga, T. (2007). *Pedestrianismo e Percursos Pedestres*. Pico da Pedra: Amigos dos Açores – Associação Ecológica.
- Beaumont N. (2011). The third criterion of ecotourism: are ecotourists more concerned about sustainability than other tourists? *Journal of Ecotourism*. 10(2),135–48.
- Björk P. (2000). Ecotourism from a conceptual perspective, an extended definition of a unique tourism form. *International Journal of Tourism Research*. 2, 189–202.
- Brandão, B. (2012). *Avaliação da qualidade dos percursos pedestres homologados em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Estoril.
- Cadernos Condição Feminina. (1987). *As Mulheres Agricultoras. Actas do Seminário Europeu realizado em 29 e 30 de Janeiro de 1987 nas Caldas da Rainha*. Lisboa: Imprensa Codex.

- Cadernos do Ressurgimento Nacional. (s.d.). *Repovoamento Florestal*. Lisboa. Secretariado Nacional da Informação [SNI].
- Câmara Municipal de Pombal. (2015). *Caracterização Biofísica, in Plano Director Municipal de Pombal, Vol II*, Câmara Municipal de Pombal.
- Câmara Municipal de Pombal. (2015). *Caracterização Demográfica e Socio-económica, in Plano Director Municipal de Pombal, Vol III*, Câmara Municipal de Pombal.
- Ceballos-Lascuráin H. (2002). Preface. *Current issues in tourism*. 5(3-4),168-72.
- Cerqueira, J. (1992). *Solos e Clima em Portugal*. Lisboa: Clássica Editora.
- Correia, C. (1991). *Portugal Animal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cobbinah, P. (2015). Contextualising the meaning of ecotourism. *Tourism Management Perspectives*. 16, 179-189.
- Cunha, M. (2013). *Concepção e Valorização de um Percurso Pedestre no Parque Natural da Arrábida: o caso de estudo das Terras do Risco*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Esteves, E. (2015). *Animação Turística como Fator de Eleição de um Destino - Perspetiva do Visitante*. Tese de Doutoramento. Universidade Fernando Pessoa. Porto.
- Eusébio, J. (2007). *Pombal: 8 Séculos de História*. Pombal. Câmara Municipal de Pombal.
- Fabião, A., Carneiro, M, Pereira, F., Cancela, J. Pimentel, F. (2006) Reabilitação do Coberto Lenhoso Ribeirinho nas margens da Lagoa dos Linhos, Mata Nacional do Urso. *Revista de Ciências Agrárias*, 29, 88-101.
- Fennell, D. (2008). *Ecotourism*. New York: Routledge.
- Freitas, M. (2012). *Caracterização e Avaliação do Ecoturismo na Ilha da Madeira numa Perspetiva de Desenvolvimento Sustentável*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Fundação Calouste Gulbenkian. (1991). *Vol. II. Estremadura, Alentejo e Algarve, in Guia de Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- geocaching.com, consultado em maio de 2019.
- geocatalogo.icnf.pt, consultado em maio de 2019.
- Getz, D. (1990). *Festivals, Special Events, and Tourism*, New York: Van Nostrand Reinhold.
- Gossling, S. (1999). Ecotourism: a means to safeguard biodiversity ecosystem functions? *Ecological Economics*. 29. 303-320.
- Ham, S., Housego, A., Weiler, B. (2005). *Tasmanian Thematic Interpretation - Planning Manual*. Tasmania: Tourism Tasmania.
- Hintze, H. (2010). Cultura de Consumo e Ecoturismo: A apropriação do prefixo Eco- como forma espetacular de pintar o verde o turismo. *Revista Nordestina de Ecoturismo*. 3, 63-71.
- Honey, M. (1999). *Ecotourism and Sustainable Development*. Who Owns Paradise.
- ICNF. (2010). *Plano de Gestão Florestal da Mata Nacional do Urso e Mata Nacional do Pedrogão. Marinha Grande*. Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.
- ICNF. (2018). *Documento Estratégico, Fase I, in Programa Regional de Ordenamento Florestal Centro Litoral*. Instituto de Conservação da Natureza e Florestas.
- Ikemoto, S., Moraes, M., Costa, V. (2009). *Avaliação do Potencial Interpretativo do Trilho Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos, Rio de Janeiro*. *Sociedade & Natureza*. 21 (3), 271-287.
- Jafari, J. (2001). *Encyclopedia of tourism*. Routledge.
- Lindberg, K. (1991). *Policies for Maximising Nature Tourism's Ecological and Economic Benefits*. Washington, DC: World Resources Institute.
- Liga para a Protecção da Natureza. (2007). *Pinhais e Eucaliptais*. Lisboa: Público.

- Lima, C. (2012). *Turismo Cultural: À descoberta do Castro de Sto. Estevão da Facha – Um Percurso Pedestre no Caminho Português de Santiago*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Minho.
- Lopes, F. (2002). *Do Mar à Serra: Sabores da Nossa Terra. Recolha Gastronómica do Concelho de Pombal*. Pombal: Câmara Municipal de Pombal.
- Moreiras, P. (2005). *A Arca da Memória. Recolha do Património Oral do Concelho de Pombal*. Pombal. Câmara Municipal de Pombal.
- Mowforth, M. (1993). *Eco-tourism: Terminology and Definitions*, Research Report Series, no. 1, Department of Geographical Sciences, University of Plymouth.
- Nelson, J.G. (1994). The spread of ecotourism: some planning implications. *Environmental Conservation*. 21(1), 248–255.
- Neves, N. (2009). *Turismo Sustentável e Ecoturismo em Zonas Costeiras. Estudo: Barra e S. Jacinto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Neves, C. (2005). *Ecoturismo: um contributo para o desenvolvimento sustentável de Marvão*. Dissertação de Mestrado em EHPSC. FCSH-UNL, Lisboa.
- Oliveira, C., Moura, J. (2001). *Turismo no Espaço Rural Brasileiro*. Brasil: Edição Fealq.
- Organización Mundial del Turismo (1985). *El papel de la animacion turistica en el desarrollo de las «vacaciones activas» y del «turismo tematico» para favorecer el enriquecimiento de la experiencia de las vacaciones*. Madrid.
- Pereira, R. (2000). *Florestas de Portugal*. Lisboa: Direcção Geral das Florestas.
- Pinho, F., Santos, C., Anastácio, D., Louro, G. (2013). *Resinagem em Portugal. Situação atual e Perspetivas Futuras*. Lisboa. Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas.
- Pinto, M. (2016). *O papel da animação na oferta turística da cidade do Peso da Régua*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

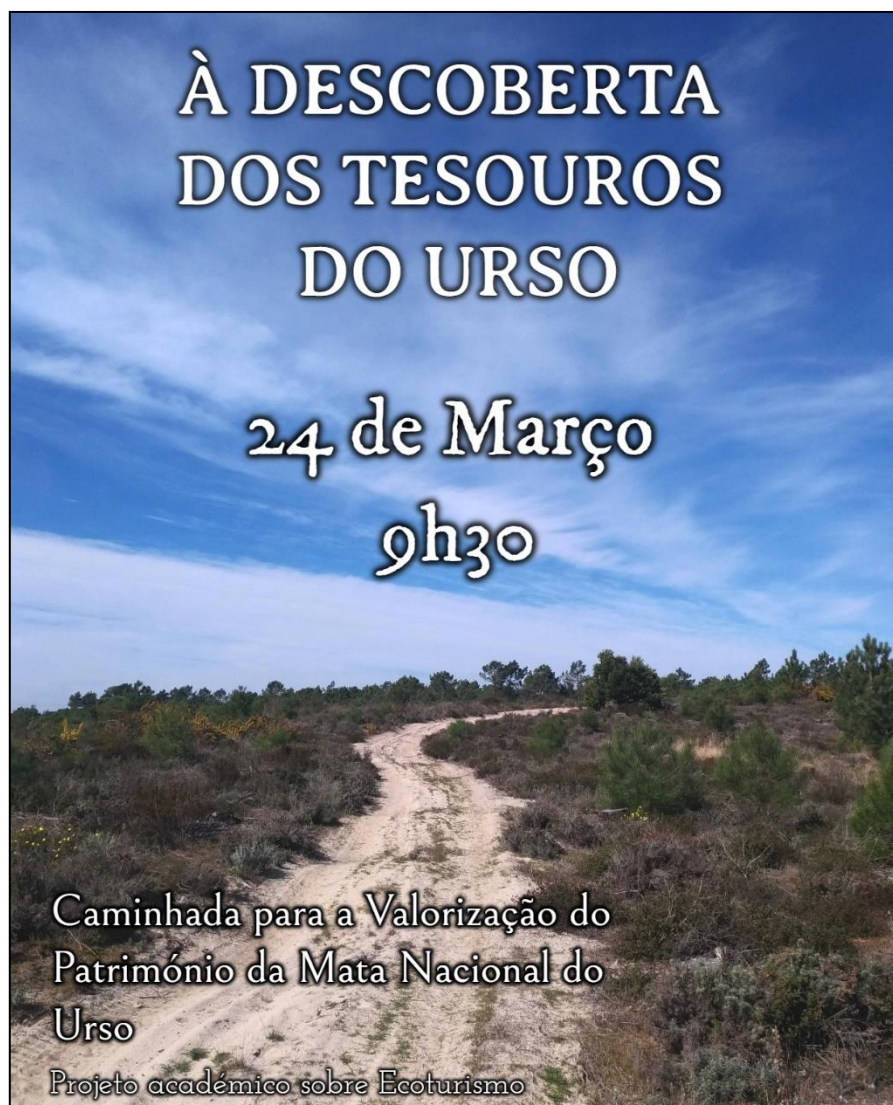
- Piteira, M. (2007). *Manuel Henriques Júnior e a Indústria Resineira em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- pinhaldorei.pt, consultado em março de 2019.
- pordata.pt, consultado em março de 2019.
- Portaria nº 1465/2004 (Diário da República nº 294 – Série I – B, de 17 de Dezembro).
- Reis, M. (1940) *Arborização*. Figueira da Foz: Tipografia e Papelaria Costa.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 17/2019 – *Aprovação da inclusão da faixa litoral entre Maceda e Praia da Vieira na lista nacional de sítios*, in *Diário da República*, 1.ª série- N.º 16 - 23 de janeiro de 2019.
- Ribeiro, A. (1932). *Uma Batalha sem fim*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Rocha, J. (2014). *A Importância da Flora Autóctone na Definição de Percursos Pedestres /Interpretação Ambiental – O Percorso Pedestre Botânico de Avis*. Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Planeamento, Auditoria e Fiscalização de Espaços Verdes. Escola Superior Agrária de Elvas. Elvas.
- Rodrigues, C. (2010). *Outras Histórias do Oeste*. Leiria: Folheto Edições e Design.
- Rodrigues, C. (2006). *Guia, uma história, uma identidade*. Leiria: Folheto Edições e Design.
- Romeril, M. (1985). *Tourism and the Environment: Towards a Symbiotic Relationship*. *International Journal of Environmental Studies*. 25, 215–218.
- rnt.turismodeportugal.pt, consultado em junho de 2019.
- Santarém, F., Silva, S., & Santos, P. (2015). Assessing ecotourism potential of hiking trails: A framework to incorporate ecological and cultural features and seasonality. *Tourism Management Perspectives*. 16, 190-206.
- Santos, R., Peres, P. (2011). *A Formação de uma Consciência Sócio Ambiental através da Interpretação das Trilhas*. *Monografias Ambientais*. 4 (4), 568-581.

- Sharpley, R. (2006). *Ecotourism: a consumption perspective*. *Journal of Ecotourism*. 5(1-2), 7-22.
- Saraiva, J. (2003). *Lendas do Pinhal do Rei II*. Leiria.
- Silva, A., Leitão, T. (2000). *Dois Séculos de Floresta em Portugal*. Lisboa: CELPA.
- UNEP/WTO. (2002). *Quebec Declaration on Ecotourism*.
- Tonon, K. (2012). *Ecoturismo em Portugal: Práticas sustentáveis no Alentejo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Valente, M. (2008). *A interpretação e animação ambiental como estratégias dos zoos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro. Aveiro.
- Valente, T. (2012). *Turismo Desportivo e de Natureza: Os Agentes de Animação Turística como Actores da Oferta- O caso das Ilhas do Triângulo dos Açores*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Wallace, G., Pierce, S. (1996). An evaluation of ecotourism in Amazonas, *Brazil*. *Annals of Tourism Research*. 23(4), 843-873.
- Weaver, D. (2002). *The Encyclopedia of Ecotourism*. Wallingford: CABI Publishing.
- Weaver, D. (2005). *Comprehensive and Minimalist Dimensions of Ecotourism*. *Annals of Tourism Research*. 32 (2), 439- 455.
- Weaver, D., Lawton, L. J. (2007). Twenty years on: The state of contemporary ecotourism research. *Tourism Management*. 28, 1168-1179.
- Wight (1994). *Environmental Management in the Hospitality Industry*. London: Cassel.
- Whelan, T. (1991). *Nature Tourism: Managing for the Environment*. Washington: Island Press.
- World Wildlife Fund [WWF]. (2003). *Manual de Ecoturismo de Base Comunitária - Ferramentas para um planeamento responsável*. Brasil: WWF-Brasil.

Anexos

Anexo I: Projeto “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

Ecoturismo na Mata Nacional do Urso:
Pedestrianismo e Interpretação do Património na Valorização do Território
“À Descoberta Dos Tesouros Do Urso”



Projeto elaborado por Gabriela Marques
Estágio Profissionalizante,
Município de Pombal
Aluna de Mestrado em Ecoturismo, ESAC

Índice

1. Introdução.....	II
2. Objetivos.....	III
3. Enquadramento.....	IV
4. O Pedestrianismo.....	V
5. A Mata Nacional do Urso: um Património a descobrir	V
5.1. Geologia	VI
5.2. Biologia	VI
6. Desenvolvimento da Proposta	IX
6.1. Metodologia.....	IX
6.2. Ficha de Caracterização do Percurso	XI
6.3. Descrição do Percurso	XII
7. Avaliação da Caminhada “ <i>À Descoberta dos Tesouros do Urso</i> ”	XIII
8. Análise SWOT.....	XVIII
9. Bibliografia.....	XX
10. Anexos	XX

1. Introdução

A Mata Nacional do Urso (MNU), é uma floresta com um grande legado ambiental e valor cultural para as populações autóctones.

Nesse sentido, os esforços para a promoção e valorização deste território trata-se de um dos vários objetivos que o Município de Pombal procura desenvolver, nomeadamente através dos ideais do Ecoturismo.

O Ecoturismo procura promover e transmitir ao visitante aquilo que de mais importante um território tem para mostrar a nível ambiental e cultural, alienando a história de um lugar, aos ideais da sustentabilidade e da educação ambiental, permitindo que o visitante conheça um território de uma forma mais equilibrada, quando comparada com o turismo de massas.

É com base nesta premissa que se pretende valorizar através deste projeto os recursos existentes na Mata Nacional do Urso e a sua Faixa Costeira, propondo um percurso pedestre como ferramenta de comunicação sobre os valores do mesmo, de forma a promover o seu conhecimento através de atividades de recreio e lazer ao ar livre.

Neste projeto, apresenta-se uma breve abordagem dos principais valores e recursos existentes na Mata do Urso que poderão ser potencializados, e a memória descritiva do percurso delineado.

De maneira a divulgar a intenção de promover este território, e de forma a transmitir conhecimentos à sociedade, será realizada uma caminhada por um dos percursos para entender qual o impacto real do mesmo.

A Caminhada “À Descoberta dos Tesouros do Urso” é um título associado às lendas da Mata Nacional do Urso, bem como pretende realçar as riquezas desta floresta.

Durante este evento, que teve lugar no dia 24 de março, os participantes foram alvo de um inquérito sobre a MNU e a importância da criação de roteiros de interpretação sobre a mesma, como forma de a valorizar.

No último capítulo deste projeto serão analisados os resultados obtidos nestes inquéritos e uma breve conclusão sobre a sua importância.

2. Objetivos

Os objetivos principais deste projeto são o desenvolvimento de um percurso para a realização de uma caminhada, e a valorização dos recursos naturais e culturais da MNU, promovendo através do pedestrianismo e da interpretação do património, no intento de diversificar as atividades de lazer praticadas na MNU, em contraposição ao Turismo de Sol e Mar na Praia do Osso da Baleia, e incentivando o visitante a descobrir outros lugares de grande importância neste lugar.

Através da análise documental e do trabalho de campo, procedeu-se à recolha de informações sobre aspetos que poderão ser utilizados na interpretação do percurso, e no incentivo à educação para a sustentabilidade ambiental daquele território.

O Evento “ À Descoberta dos Tesouros do Urso será um percurso experimental guiado, uma caminhada que procura avaliar o potencial ecoturístico da MNU através da criação de roteiros de interpretação, e o grau de conhecimento dos participantes sobre a mesma.

3. Enquadramento

A Mata Nacional do Urso é uma floresta, cuja origem remonta ao século XIII com D. Afonso III. O seu nome está relacionado com uma lenda, no qual o Rei D. Dinis teve uma luta com um Urso, e por fim o conseguiu derrotar. Esta história encontra-se retratada num retábulo na Igreja da Rainha Santa Isabel, no Mosteiro de Santa Clara - a - Nova, em Coimbra. Desde a sua origem, podemos contar com um conjunto de lendas e outros aspetos culturais, que contribuem para o enriquecimento histórico desta floresta. (Saraiva, 2003.)



Figura 1. Retábulo sobre a luta de D. Dinis e o Urso

Com uma área total de 6102,46ha, o Pinhal do Urso integra as dunas entre Pedrógão e Leirosa.

Cerca de 4 000 ha foram alvo de um grande processo de arborização, processo este que durou até 1936. (ICNF, 2010)

Cerca de 74% (4517 ha) da área total desta Mata enquadram-se no Concelho de Pombal, nomeadamente na Freguesia de Carriço e da Guia, o que contribuiu para que muitas das atividades socioeconómicas fossem influenciadas por este facto, como por exemplo a extração de resina e de madeira para as indústrias locais. (Município de Pombal, 2015; Piteira, 2007; Rodrigues, 2006.)

Entendendo que a MNU é um espaço de grande valor ambiental, e com grandes aptidões para a prática de atividades de lazer, o Município de Pombal procurou promover o pedestrianismo na mata, como é o caso da implementação do trilho da Baleia Verde, em 2009, no

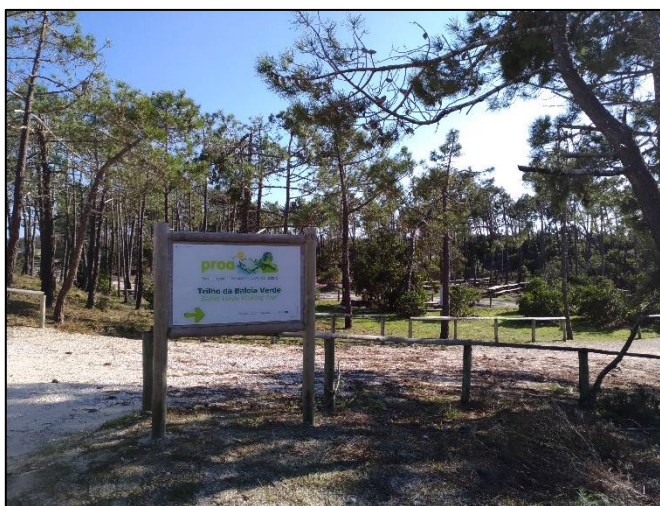


Figura 2. Painel de Iniciação do Trilho da Baleia Verde

âmbito do Projeto de Valorização da Praia do Osso da Baleia (PROA), com o apoio do Instituto de Conservação da Natureza e da Floresta (ICNF).

É com este intuito que se pretende continuar a apostar nos percursos de natureza na Mata Nacional do Urso como forma de promoção dos seus valores, e ao qual este projeto pretende apresentar novas possibilidades de interpretação do património, partindo à descoberta de outros lugares desta floresta.

4. O Pedestrianismo

O pedestrianismo enquadra-se entre o Turismo e os Desportos de Natureza, no qual o pedestrianista procura conhecer e desfrutar dos espaços de natureza, através da caminhada, promovendo simultaneamente a saúde e bem-estar, tendo em consideração valores como a proteção ambiental e sustentabilidade pelos caminhos por onde passa.

Os principais objetivos do pedestrianismo passam por promover um determinado território, através da observação da paisagem e da natureza, transmitindo os valores identitários que o representam, e simultaneamente, procurando educar para a sua preservação, e utilizando o turismo entre serviços como a animação turística, a hotelaria e a restauração, bem como o comércio artesanal de produtos endógenos para promover a economia local.

Ao implementar-se um percurso pedestre, é preciso ter em conta certos aspetos que mantenham a sustentabilidade ambiental do território por onde passa. Por isso, procura-se primeiramente passar por caminhos públicos já existentes e posteriormente por outras soluções.

Os percursos podem ser autoguiados ou guiados. O percurso autoguiado, normalmente decorre entre percursos implementados com marcação no terreno, para que o pedestrianista se possa guiar de forma autónoma até ao final do percurso. O percurso autoguiado é realizado com o acompanhamento de um guia, que conheça o espaço onde se insere o percurso. Este último, será a tipologia aplicada neste projeto devido a ser um percurso delineado para aplicação no evento a realizar. (Braga, 2007.)

5. A Mata Nacional do Urso: um Património a descobrir

A MNU apresenta uma riqueza ambiental maior do que pensamos à primeira vista. Uma floresta em que a sua principal espécie é o Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), a MNU apresenta diversos habitats de grande importância, em que a flora é abundante e os animais que aqui vivem são dotados de grandes aptidões, pois a sobrevivência neste

território é de grande dificuldade, onde os alimentos são escassos em comparação a outras florestas.

De seguida, serão abordados alguns aspetos relevantes sobre este património, ao qual servirão de base para a criação de um percurso pedestre a interpretar no evento “À Descoberta Dos Tesouros Do Urso”.

5.1. Geologia

A MNU é constituída por solos *podzóis*, sendo a sua principal composição a acumulação de areias e aluviões, que dão origem a solos pobres, ácidos e arenosos.

Contudo, o seu subsolo compreende alguns recursos de interesse, como é o caso do Sistema Aquífero Leirosa- Monte Real. (Almeida *et all*, 2000) Este aquífero é um sistema poroso e multicamadas, que fornece as indústrias da região, bem como alimenta o sistema público de abastecimento de água do Município de Pombal.

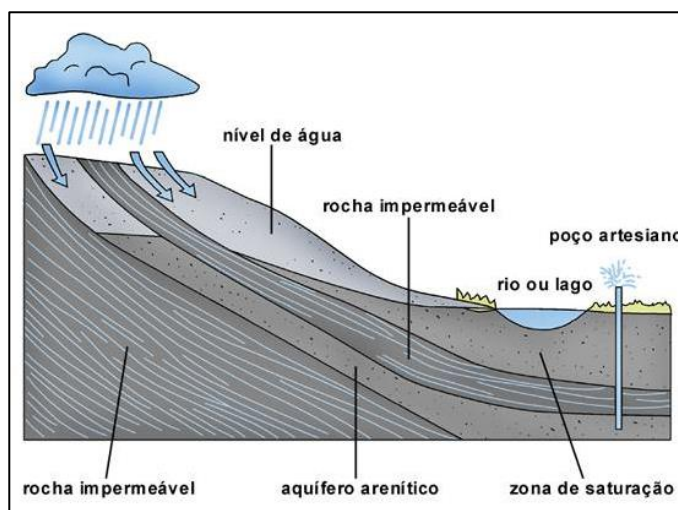


Figura 3. Composição de um Aquífero

O Diapiro de Monte Real, onde se enquadra parte do território da MNU, é de composição salífera, significando que é um sistema de camadas espessas de Salgema, um mineral que pode ser utilizado para diversos fins industriais.

Sendo que esta cavidade tem uma boa capacidade de armazenamento em segurança para o gás natural, esta começou a ser explorada no final do século XX, através da utilização da água do aquífero para o processo de lavagem pressurizada de algumas jazidas – processo de lixiviação, no qual é retirado o salgema, que é aproveitado para fins industriais, e posteriormente é armazenado o gás natural. Estas jazidas funcionam como as maiores reservas naturais de gás natural a nível nacional, sendo o subsolo da MNU de grande importância (Carneiro, 2015).

5.2. Biologia

A MNU compreende uma grande diversidade de habitats naturais a preservar, constando na tabela seguinte o registo dos mesmos:

Tabela 1: Habitats presentes na MNU

Código:	Designação:
1410	Prados salgados mediterrânicos (<i>Juncetalia maritimi</i>)
2110	Dunas móveis embrionárias
2120	Dunas móveis do cordão litoral com <i>Ammophila arenaria</i> (dunas brancas)
2130*	Dunas fixas com vegetação herbácea (dunas cinzentas) <i>Crucianellion maritimae</i>
2150*	Dunas fixas descalcificadas eu-atlânticas (<i>Caluno-Ulicetea</i>)
2170	Dunas com <i>Salix arenaria</i>
2230	Prados dunares de <i>Malcomietalia</i>
2250*	Matos litorais de zimbros (<i>Juniperus spp.</i>)
2260	Dunas com vegetação esclerófita (<i>Cisto-Lavenduletalia</i>)
2270*	Florestas dunares de <i>Pinus pinea</i> e /ou <i>Pinus pinaster</i>
3110	Águas oligotróficas muito pouco mineralizadas das planícies arenosas <i>Littorelletalia uniflorae</i>
4020*	Charnecas húmidas atlânticas meridionais de <i>Eriça ciliaris</i> e <i>Erica tetralix</i>
6410	Prados de molínias em calcário e argila (<i>Eu-molinion</i>)
6420	Prados mediterrânicos de ervas altas e juncos (<i>Molinion- Holoschoenion</i>)
6431	Comunidades pioneiras de ervas altas de orlas de cursos de água em planície

* **Habitats considerados prioritários**

Fonte: CMP, 2015.

Através da tabela, conseguimos compreender que a MNU é um espaço de natureza complexo, e com diversos habitats prioritários para conservação.

Durante o percurso, os habitats de passagem com maior relevância serão os 3110, 2270, 6420 e 6431, sendo de destacar as zonas húmidas com maior biodiversidade, os prados mediterrânicos e florestas de *Pinus pinea*.

Figura 4. Fruto do Zimbro



Figura 5. Pinheiro envolvido por Tojo



Na MNU apresenta-se uma grande variedade de espécies vegetais e faunísticas, sendo que o espaço onde existe uma maior concentração destes dois fatores é o corredor ecológico das lagoas, um dos principais espaços de passagem no trilho.

As espécies vegetais mais representativas da MNU são as seguintes: Pinheiro-bravo (*Pinus pinea*), Acácia (*Acacia longifolia*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), Samouco (*Myrica faya*), Salgueiro (*Salix alba*; *Salix atrocinerea*), Tojo (*Ulex parviflorus*), giesta (*Cytisus scoparius*), Urze (*Calluna vulgaris*), Zimbro (*Juniperus phoenicea*), e a Camarinheira (*Corema album*). (ICNF,2010)

Em relação à fauna, as aves são as espécies de maior variedade e abundância, que aqui se verificam, registando-se cerca de 50 espécies diferentes junto à Lagoa dos Linhos.

Destaca-se o facto de esta lagoa ser um importante abrigo ornitológico, registando-se espécies como o Pato-real (*Anas platyrhynchos*), a Marrequinha (*Anas crecca*), a Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), o Gaio (*Garrulus glandarius*), o Milhafre-preto (*Milvus migrans*), o Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*), o Chapim-real (*Parus major*), entre outras aves (ICNF,2010).



Figuras 6, 7 e 8. Pato-real, Gaio e Chapim- real

Em relação aos répteis, regista-se a presença da Lagartixa (*Podarcis muralis*), bem como de comunidade anfíbias, sendo de grande relevo a Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*), espécie animal de grande interesse, considerada ameaçada.



Figuras 8 e 9. Rã-de-focinho-pontiagudo e Toirão

Quanto aos mamíferos, a presença é menor, devido à carência dos seus alimentos de sustento. Contudo, registam-se vestígios como, por exemplo, pegadas ou dejetos de espécies, Raposa (*Vulpes vulpes*), Coelho-bravo (*Lepus granatensis*), Saca-rabos (*Hespestes ichneumon*), Toirão (*Mustela putorius*), bem como o Gato-bravo (*Felis silvestris*) e a Lontra (*Lutra lutra*), sendo que estes dois últimos foram encontrados junto à Lagoa das Correntes e dos Linhos. (LPN, 2007; Município de Pombal, 2015)

6. Desenvolvimento da Proposta

Com base no património anteriormente apresentado, com este projeto pretende-se a criação de um roteiro de interpretação sobre as várias temáticas abordadas, através da criação de um percurso pedestre a ser implementado para a realização do evento “ À Descoberta Dos Tesouros Do Urso”.

“À Descoberta dos Tesouros do Urso” é um evento que pretende dar a conhecer o património natural e cultural da Mata Nacional do Urso, no qual se parte à descoberta das Lagoas das Correntes e dos Linhos, bem como fruir da paisagem representativa deste território, através da interpretação da sua biodiversidade, bem como a sensibilização para a sua conservação.

6.1. Metodologia

Para a delimitação do percurso e conteúdo abordado no roteiro foram utilizadas as seguintes metodologias:

a) Análise documental e pesquisa bibliográfica: o primeiro passo para a avaliação do potencial para a realização de um percurso passa pelo análise de documentação relacionada com a MNU, entre documentos estratégicos, artigos científicos e diversos livros, que sirvam de base para fundamentar e credibilizar a informação que será transmitida durante a interpretação do percurso.

b) Trabalho de campo e delimitação do percurso: desde a preparação até ao traçado atual do trajeto, foi necessário ir diversas vezes ao terreno, para avaliar não só a paisagem e biodiversidade existente e mencionada na pesquisa documental, mas também como para testar a viabilidade do percurso. Neste caso, foram testadas várias hipóteses de traçado até chegarmos ao trajeto proposto neste projeto, em que, condicionantes como a tempestade Leslie, limitaram algumas passagens, que fazem com que o percurso não seja totalmente circular.

c) Preparação do conteúdo para a interpretação do percurso: após a análise da viabilidade do trajeto e com base nas informações obtidas na pesquisa e análise documental, demos início à preparação do material a utilizar na sua interpretação, o qual será colocado em anexo. Foi elaborado um cartaz para a realização do evento, bem como um guia de acompanhamento do percurso, para que o participante possa ter algumas informações à sua disposição. Para a pessoa que irá fazer a interpretação, foi preparado um guião com algumas indicações que sirvam de base para a explicação ao longo trajeto.

d) Realização do evento: “À Descoberta Dos Tesouros Do Urso” é um evento que pretende dar a conhecer o património natural da Mata Nacional do Urso, partindo à descoberta das Lagoas das Correntes e dos Linhos, bem como desfrutar da paisagem representativa deste território, onde se falará um pouco da sua flora e fauna principal, bem como a sensibilização para a sua conservação.

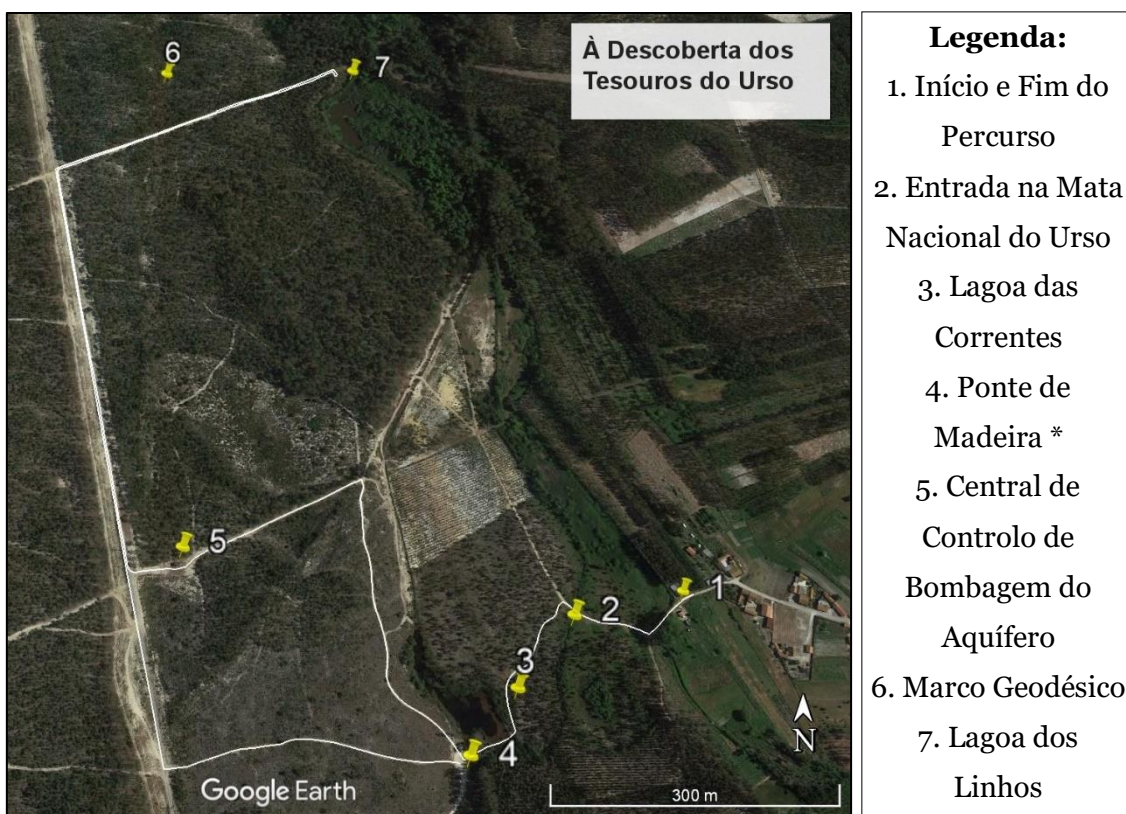
Durante o passeio, ir-se-á igualmente dar a conhecer as origens do nome da mata, bem como a sua importância para a população local.

Com duração prevista para duas e meia e uma distância de quatro quilómetros, a realização do evento encontra-se agendada para domingo, dia 24 de Março, pelas 9 horas e trinta minutos, tendo como ponto de encontro a Rua dos Moinhos, na localidade de Murra, Alhais.

O número de participantes nesta caminhada será limitado a 20 inscrições, devido ao carácter experimental do evento.

e) Análise de resultados: de forma a avaliar o potencial do evento e também sobre o valor patrimonial da MNU, será realizado um inquérito aos participantes, que estará também em anexo, faseado para antes e depois do percurso, de forma a monitorizar se este tipo de iniciativas poderá ser uma aposta a desenvolver para a valorização do Ecoturismo na MNU.

6.2. Ficha de Caracterização do Percurso



Designação:

À Descoberta dos Tesouros do Urso

Localização:

Alhais- Mata Nacional do Urso

Acessos:

Estrada Municipal até à Rua dos Moinhos, Murra, Alhais

A 3 Km da EN 109, 8 Km do IC8 e A17 e a 23 Km da A1

Por ferrovia, encontramos a Estação do Louriçal a cerca de 5Km.

Ponto de partida e chegada:

Rua dos Moinhos Alhais

Coordenadas: 40.015170, -8.863990

Tipo de Percurso:

Pequena rota, pedestre, linear.

Âmbito do percurso:

Paisagístico e ambiental

Extensão: Aprox. 4 km

Dificuldade: II Médio

Sentido recomendado:

No sentido dos ponteiros do relógio

Tipo de Caminho:

Caminhos rurais, trilhos e pavimento betuminoso

Quando visitar: Aconselha-se as estações de Outono, Inverno e Primavera

Pontos de Interesse: Mata Nacional do Urso, Lagoa das Correntes, Lagoa dos Linhos, Vértice geodésico, ponte de madeira, vala do Rego do Estrumal, Vala dos Moinhos.

6.3. Descrição do Percurso

No final da povoação de Murra, em Alhais, damos início ao nosso percurso: começamos na Rua dos Moinhos, um lugar onde passa a Vala do Estrumal, no qual se entra oficialmente na Mata do Urso. Por entre um eucaliptal, algo ascende as nossas expectativas: surge a Lagoa das Correntes, envolvida entre pinheiros e acácias, onde se podem escutar as comunidades anfíbias ali presentes, como também o chilrear de pequenos pássaros como o Rouxinol-bravo e o Chapim-real.



Figura 10. Lagoa das Correntes



Figura 11. Regeneração da Paisagem

Passando uma ponte de madeira, no qual se chama a atenção para alguma fragilidade, partimos para novo espaço onde se observa a regeneração da paisagem com pequenos Pinheiros (*Pinus pinaster*), Camarinheiras (*Corema album*), Giestas (*Cytisus scoparius*) e Tojais (*Ulex parviflorus*), espécies nativas da MNU.

Posteriormente, vamos ao encontro de uma central de controlo de bombagem do aquífero da MNU, um recurso com grande importância para a região.

De seguida, partimos caminho para norte por uma antiga estrada florestal, que hoje em dia apenas serve para as indústrias ao redor da mata. No próximo corte que avistar, viramos à direita e após caminhar cerca de 200 metros, avistamos à esquerda, no alto de uma duna, um vértice geodésico, ao qual podemos ir ao seu encontro e apreciar da paisagem envolvente e escutar o barulho do mar ao longe, se estiver com atenção.

Voltando ao caminho principal e continuando a caminhar descobrirá a Lagoa dos Linhos, um lugar de grande biodiversidade, onde irá avistar ao fundo diversas espécies vegetais, como o Salgueiro (*Salix atrocineria*), Choupo (*Populus nigra*) e Eucaliptos (*Eucalyptus globulus*) de grande dimensão.



Figura 12. Marco Geodésico



Figura 13. Lagoa dos Linhos

Ao retornar, sugere-se o mesmo caminho, optando pelo corte seguinte à central de controlo de bombagem, tratando-se de um trajeto com menor dificuldade de pisoteio, passando novamente pela Lagoa das Correntes e regressando ao local de início.

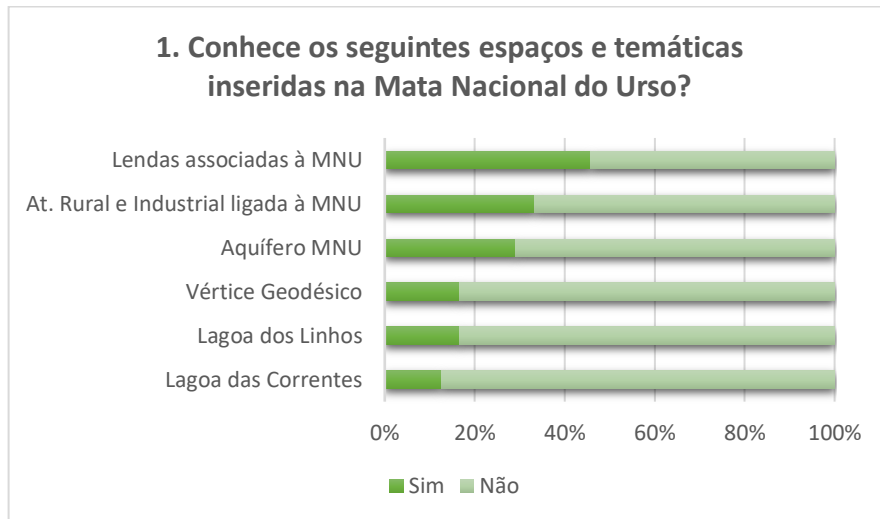
7. Avaliação da Caminhada “À Descoberta dos Tesouros do Urso”

A avaliação da Caminhada foi feita através da realização de inquéritos aos participantes do evento. À Descoberta dos Tesouros do Urso teve lugar no dia 24 de Março, com início marcado para as 9:30h sendo o ponto de encontro a Rua da Murra, Alhais. Foi pedido aos participantes a realização da 1ª fase do inquérito, sendo-lhes entregue o Guia de Acompanhamento do percurso no final do preenchimento.

A amostra recolhida reúne os resultados da participação de 24 pessoas neste inquérito.

Esta fase apenas tinha 3 perguntas, de forma a podermos entender o grau de conhecimento dos participantes sobre os lugares que iriam visitar e sobre a perceção que estes tinham sobre o estado de destruição da MNU após os incêndios em 2017, uma

catástrofe que deixou um grande impacto na percepção do visitante a territórios que tenham sido destruídos como a MNU e o Pinhal de Leiria.



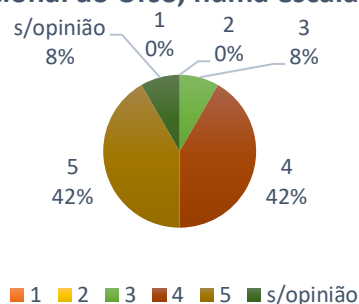
Quanto à pergunta 1 sobre os espaços e temáticas que estes conheciam na MNU, os participantes conhecem melhor as Lendas associadas à MNU, seguido da Atividade Rural e Industrial ligada à MNU. Isto reflete para o carácter cultural que pode ser associada à MNU, que poderá servir como estratégia de divulgação da existência deste território, um lugar cheio de mistérios, com história, cultura e tradição ligadas à população local, onde pode desfrutar de um espaço de natureza por descobrir.

O Vértice Geodésico e a Lagoa das Correntes foram os espaços menos conhecidos. No geral, os espaços e temáticas mencionadas na questão não chegam aos 50% em como conhecem estes lugares. Isto mostra a importância da criação de novos roteiros de interpretação na MNU que levem as pessoas a conhecerem aspetos desconhecidos pela maioria, comprovando a criatividade e originalidade dos assuntos abordados neste evento.

A questão 1.1 sobre outros patrimónios da MNU que pudessem ser mencionados surgiram respostas como a Praia do Osso da Baleia, Casas da Guarda Florestal, as dunas e a Lagoa de S. José, bem como a existência de uma capela junto a esta- a Capela da Nossa Senhora do Desterro, que segundo o Santuário Mariano, de Frei Agostinho de Santa Maria, a sua construção terá sido por volta de 1720, e que terá sido engolida pelas areias, ou devastada nas Invasões Francesas.

Estas referências poderão ser úteis para a criação de novos roteiros de interpretação da mata, enriquecendo o valor patrimonial da mesma.

2. Classifique quanto considera que o Incêndio de 15 de Outubro de 2017 terá afetado o património da Mata Nacional do Urso, numa escala de 1 a 5.



A pergunta 3 pretende compreender o quanto o participante, daquilo que conhece sobre a MNU, considera que os incêndios em outubro de 2017 terão destruído o seu património.

A escala escolhida de um a cinco, pretende facilitar ao participante o preenchimento inquérito, sendo que um significa pouco, três é mais ou menos e cinco é muito, sendo que as opções dois e quatro servem de opções intermediárias entre as outras variáveis.

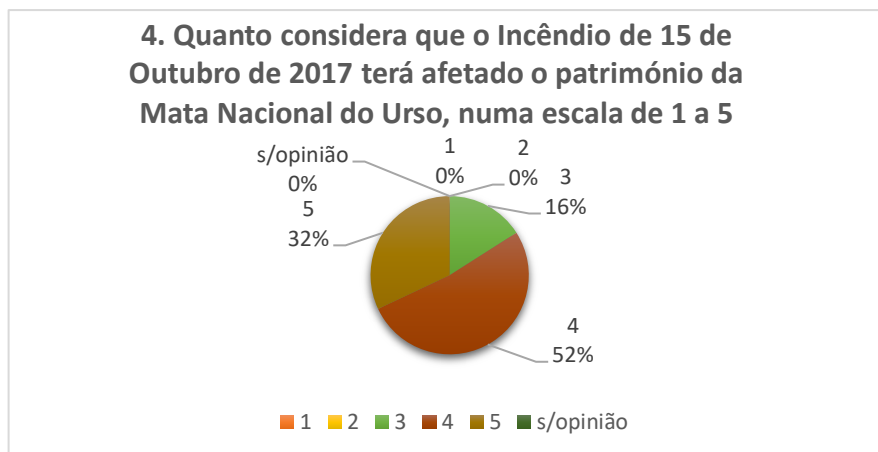
Pode se observar que a maioria dos participantes respondeu entre quatro e cinco, tendo uma tendência para que estes entendam que a mata ardeu muito. Oito por cento dos inquiridos têm uma perspectiva mais mediana quanto a esta questão e os outros oito não têm opinião formada sobre esta questão.

Ou seja, estes resultados indicam uma grande incerteza quanto ao grau de destruição do património da MNU, sendo que um dos objetivos deste roteiro será comprovar que a MNU ainda possui uma mancha florestal de grande valor e outros patrimónios por descobrir.

Na segunda fase do inquérito, esta pergunta foi novamente inquirida, com base na caminhada, para perceber se a criação deste roteiro poderá ajudar a mudar esta percepção e o modo como os participantes vêem o estado de destruição da MNU.

A percepção dos participantes alterou-se de forma gradual, diminuindo o nível cinco de 42% para 32% passando esses 10% para o nível quatro, alterando-se para 52%.

As opções de nível um e dois não foram selecionadas, bem como os 8% da opção sem opinião, que constavam na primeira fase desapareceram. Aqui o nível obteve o dobro da percentagem inicial, passando para 16%.

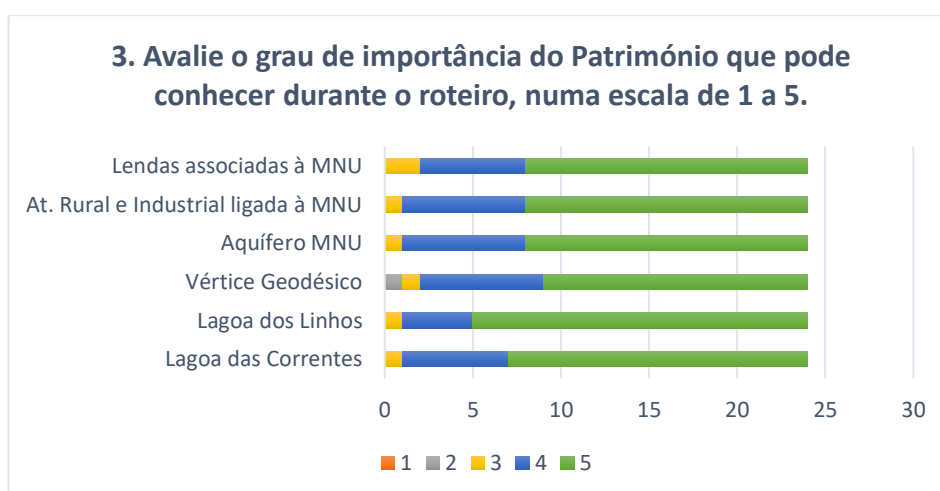


Estes números demonstram que o roteiro alterou de forma gradual a perspetiva dos participantes na fase anterior, passando de uma concentração de opiniões entre o nível quatro e cinco, o roteiro ajudou a que os inquiridos a definir melhor a sua posição quanto a esta questão, concentrando-se agora no nível quatro, com cerca de 52%.

A repetição deste tipo de iniciativas é de grande interesse para compreender o seu efeito na perspetiva do participante sobre o grau de destruição que este supõe que a MNU terá sido afetada pelos incêndios, e se a criação das mesmas poderá ajudar a mudar novamente a sua opinião.

Estes esforços são essenciais para a valorização do património da MNU, para que motive e atraia investimento ao desenvolvimento do turismo para este território.

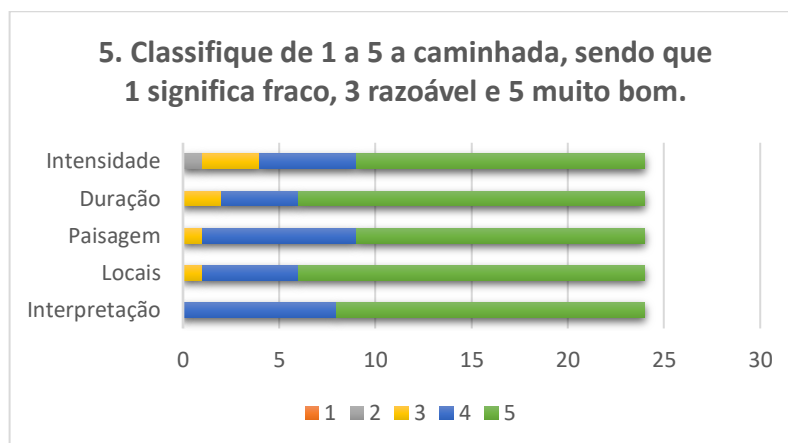
Para compreender o grau de importância dado ao património abordado durante o roteiro, os participantes foram inquiridos a escolher numa escala de um a cinco, aquilo que consideraram mais e menos importante.



A Lagoa do Linhos, foi o espaço mais importante para a maioria dos inquiridos, seguindo da Lagoa das Correntes. O património menos cotado foi o Vértice Geodésico, e

as Lendas e atividades rurais ligadas à MNU, bem como o aquífero, ficam num lugar intermédio.

A maioria dos participantes considerou que todos os patrimónios abordados no roteiro eram muito importantes, comprovando as suas potencialidades para o desenvolvimento de novas iniciativas que abordem estas temáticas.



Para avaliarmos a caminhada, os participantes tinham de classificar alguns tópicos sobre relacionados com as características da caminhada, numa escala de um a cinco, sendo que um significa fraco, três significa razoável e cinco significa muito bom, e as opções dois e quatro funcionam como opções intermédias.

A Interpretação da caminhada foi o tópico que obteve melhor cotação, considerando que apenas teve respostas de nível quatro e nível cinco. De seguida os Locais e a Duração foram os segundos mais valorizados, sendo que a Paisagem e a Intensidade foram os que tiveram um valor mais baixo.

Neste caso, as condicionantes para o facto de estes dois tópicos terem sido menos cotados, foi a tempestade Leslie, que deixou um grande impacto visual para que visita a MNU, sobretudo o no território mais específico onde se foi realizado o roteiro, e a intensidade do percurso está relacionado com o facto de apenas ter quatro quilómetros, pelo que alguns dos participantes não consideraram o trajeto percorrido muito intenso, o que não é de todo negativo, pois pretende-se que este roteiro possa ser feito por participantes de várias idades e condições físicas.

A Interpretação da caminhada foi considerada muito boa pela maioria dos participantes, e outra parte selecionou o nível quatro, ou seja acima do razoável, interpretando este resultado como uma característica valorativa e diferenciadora para o sucesso da criação de roteiros que valorizem a MNU.

O facto de ter alguém que seja encarregue do papel de guia e que acompanhe e explique o património da MNU, é uma mais-valia para o desenvolvimento de atividades de lazer e turismo neste território, potencializando a economia local, pois a população local poderá ser beneficiada através da geração de emprego e do efeito multiplicador do turismo.

As questões 4.1 “*Após a realização deste roteiro, considera que a Mata Nacional do Urso é um Património de grande importância para a região?*”, 5. “*Considera que a criação deste tipo de roteiros é uma mais-valia para a valorização do Património existente na Mata Nacional do Urso?*”, e 7. “*Caso sejam criadas novas caminhadas na MNU, voltaria a participar neste tipo de iniciativas?*” foram de resposta afirmativa por todos os inquiridos, reforçando aquilo que as respostas anteriores foram transmitindo.

Todos os participantes concordam que a MNU é um Património de grande importância para a região, e que este tipo de roteiros é uma mais-valia para a sua valorização, sendo que voltariam a participar neste tipo de iniciativas, com sugestões e comentários que incentivam a continuação deste projeto, significando que este projeto tem potencial para a valorização da MNU, e que deve continuar a ser trabalhado, no sentido de realizar novas caminhadas e a criação de novos roteiros que potencializem este território, e que possa convidar novas pessoas “*À Descoberta dos Tesouros do Urso*”, bem como de outros lugares importantes para a região, promovendo o desenvolvimento turístico do da MNU e do Concelho de Pombal.

8. Análise SWOT

Na tabela 2 seguinte encontra-se uma análise SWOT com quatro tópicos para cada uma das variáveis, sobre a MNU e as potencialidades e fraquezas da criação deste tipo de roteiros de forma a resumir os resultados obtidos durante a fase de investigação deste projeto, bem como na sua implementação prática.

As maiores forças que caracterizam a MNU é o seu estado natural sobrevivente após os incêndios em 2017 e um património diverso concentrado, pois é dotada de um património natural, mas também cultural que confere características diferenciadoras a esta mata. Neste assunto, a interpretação dos percursos na forma guiada é uma mais-valia para a valorização destas temáticas.

As fraquezas mencionadas apontam para alguns resultados negativos obtidos nos inquéritos, pois existia uma maior expectativa quanto a capacidade da criação deste roteiro em alterar o modo de perceção dos participantes sobre a área ardida da MNU.

É sobretudo por isso que se entende que existe uma subvalorização do património da mata, pois existe um grau elevado de desconhecimento do património existente na MNU, que não corresponde à realidade apresentada neste estudo.

Tabela 2: Análise SWOT do projeto e da MNU

<p>Forças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - MNU como um refúgio da Biodiversidade - Diversidade concentrada: Cultura e Natureza em conjunto. - Patrimónios por dinamizar; - Interpretação como fator valorizador para o conhecimento da MNU. 	<p>Fraquezas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adaptação da intensidade do trajeto satisfatório para todos os participantes; - Menor interesse sobre o Marco Geodésico pelos participantes; - Uma floresta subvalorizada: desconhecimento sobre o valor histórico e ambiental da MNU.
<p>Oportunidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação de novos roteiros com outros patrimónios mencionados no inquérito; - Interesse dos participantes em participar em novas iniciativas; - Aproveitamento das Lendas e atividades rurais e industriais como forma de atrair novos visitantes: criação de novas estratégias de marketing e promoção da MNU; - Existência de geocaches em grande parte dos locais visitados no roteiro: oportunidades de criação de uma rota de geocaching para descobrir a MNU. 	<p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Incêndios de Outubro de 2017: 54% da MNU foi afetada por esta catástrofe: - Tempestade Leslie: Impacto paisagístico e dificuldade na criação de novos percursos. Impedimentos na passagem da maioria dos trilhos existentes. - Alterações Climáticas: Invernos Curtos e Verões longos e quentes levam as lagoas a perderem o seu caudal e por vezes secarem, causando impactos negativos no Património da MNU, sobretudo na sua biodiversidade; - Dificuldades de desenvolvimento de projetos turísticos na MNU: Existe uma grande dificuldade de implementação de projetos a curto prazo, devido às dificuldades de trabalho em rede entre as várias entidades competentes.

As oportunidades presentes na tabela, sugerem a criação de uma nova imagem para a MNU com base no seu património cultural: as Lendas e as atividades rurais e industriais ligadas à mata, como estratégia de promoção turística da mesma, pois nos resultados apresentados, eram estas as temáticas mais conhecidas pelos participantes.

A criação de novas iniciativas como o caso da criação de uma rota de Geocaching na MNU pretende a captação de novos públicos, pois já existe algumas caches na MNU espalhadas, sendo que a sua ligação em percurso permite aumentar o interesse por parte dos praticantes desta prática.

Quanto às ameaças, os fatores afetam de forma significativa são as alterações climáticas que têm provocado condições meteorológicas adversas às estações do ano, como foi o caso dos incêndios de 2017, que destruiu cerca de metade da MNU e deixou

um grande impacto negativo sobre a sua perceção como um espaço de natureza e práticas de lazer e turismo na região, bem como a Tempestade Leslie que causou a queda de árvores por toda a mata que estaria em bom estado, causando um impacto paisagístico de grande dimensão, e colocando alguns impedimentos à criação de novos percursos de interpretação pela mata.

Outra ameaça considerada na tabela será a dificuldade de trabalho em rede para o desenvolvimento de projetos turísticos na MNU. A articulação entre municípios e outras entidades como a CCDR e o ICNF tornam os processos de implementação de projetos de desenvolvimento turístico de um território muito demorados, podendo prolongar-se por vários anos, pelo que torna-se uma desmotivação para quem pretende desenvolver algum projeto, devido à necessidade de uma implementação a curto/ médio prazo, pois se for a longo prazo poderá já não corresponder à procura turística, no momento em que este foi pensado.

A Caminhada À Descoberta dos Tesouros do Urso permitiu compreender e analisar novas potencialidades para a MNU.

A realização de inquéritos foi uma ferramenta essencial para a avaliação deste estudo, permitindo analisar o conhecimento sobre a MNU e sobre aquilo que acharam mais importante nesta e no roteiro realizado.

Esta fase de monitorização após o evento é uma chave essencial para saber que alterações ou adaptações terão de ser feitas para melhorarmos este projeto, bem como se será aceite de forma positiva por parte do público a criação de novas iniciativas.

9. Bibliografia

A bibliografia consultada tem como base as referências utilizadas para o Relatório de Estágio Profissionalizante, sendo posteriormente apresentado aquando a defesa para obtenção do grau de Mestre em Ecoturismo, na Escola Superior Agrária de Coimbra, e que irá ser entregue uma cópia ao Município.

10. Anexos

Anexo II: Cartaz do Evento

**À DESCOBERTA
DOS TESOUROS
DO URSO**

**24 de Março
9h30**

**Caminhada para a Valorização do
Património da Mata Nacional do
Urso**

Projeto académico sobre Ecoturismo

Participação gratuita mediante
inscrição: estagiotur@cm-pombal.pt
Limitado a 20 inscrições

MUNICÍPIO
POMBAL

ESAC
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
POLITÉCNICO DE COIMBRA

Anexo III: Folheto Informativo

Registo de Espécies

Durante o percurso, verifique se encontra as seguintes espécies:



Camarinheira



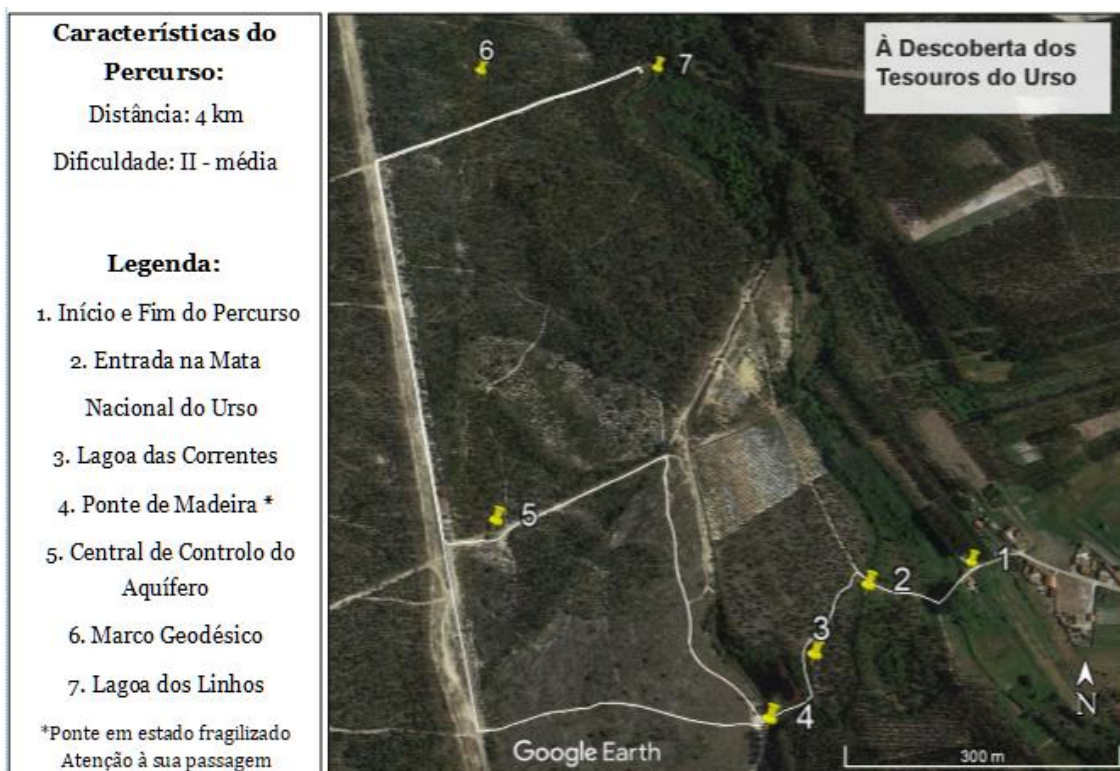
Scrophularia frutescens



Erva - Pinheira



Samouco



Mata Nacional do Urso (MNU)

O Pinhal do Urso é a segunda maior floresta do país, com cerca de 6 000 ha.

Espaço com funções de produção, proteção e recreio, aqui, podemos encontrar o Pinheiro Bravo, espécie dominante, bem como a Camarinha, o Tojo, o Zimbro, o Samouco e até o Salgueiro, possuindo uma grande biodiversidade, marcante na natureza e paisagem da região, devendo ser protegida e valorizada por todos nós.



Corredor Ecológico das Lagoas

A Lagoa das Correntes e a Lagoa dos Linhos, são importantes refúgios de biodiversidade, sobretudo abrigo de avifauna, registando-se mais de 50 espécies como o Pato-real, o Rouxinol-bravo, o Chapim e aves de rapina como a Águia-cobreira.



Águia-cobreira



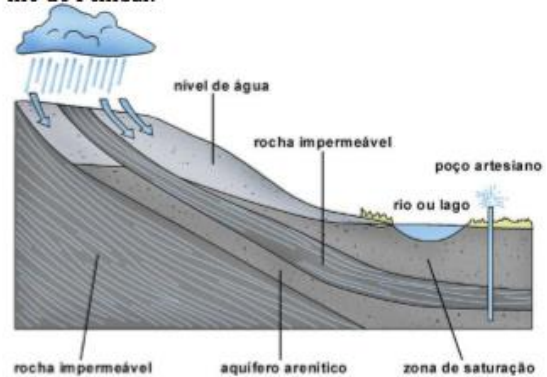
Rã-de-focinho-pontiagudo

Existem comunidades anfíbias, como a Rã-de-focinho-pontiagudo, espécie protegida, e considerada ameaçada.

Aqui, foram encontrados indícios de existência de Lontra e do Gato-bravo, bem como de Coelho-bravo, Texugo, Raposa e diversos répteis na MNU, entre outras espécies.

Uma Riqueza sem Igual....

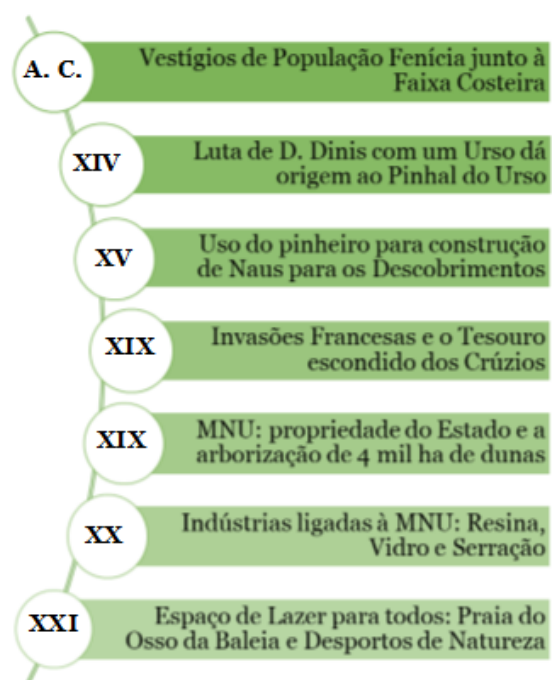
- Sistema Aquífero Leirosa - Monte Real: uma reserva de águas subterrâneas, com 8 km de largura e 35 km de comprimento, no total de 218km². Começou a ser explorado na década de 60, com grande importância para as Indústrias na região, e para o Concelho de Pombal.



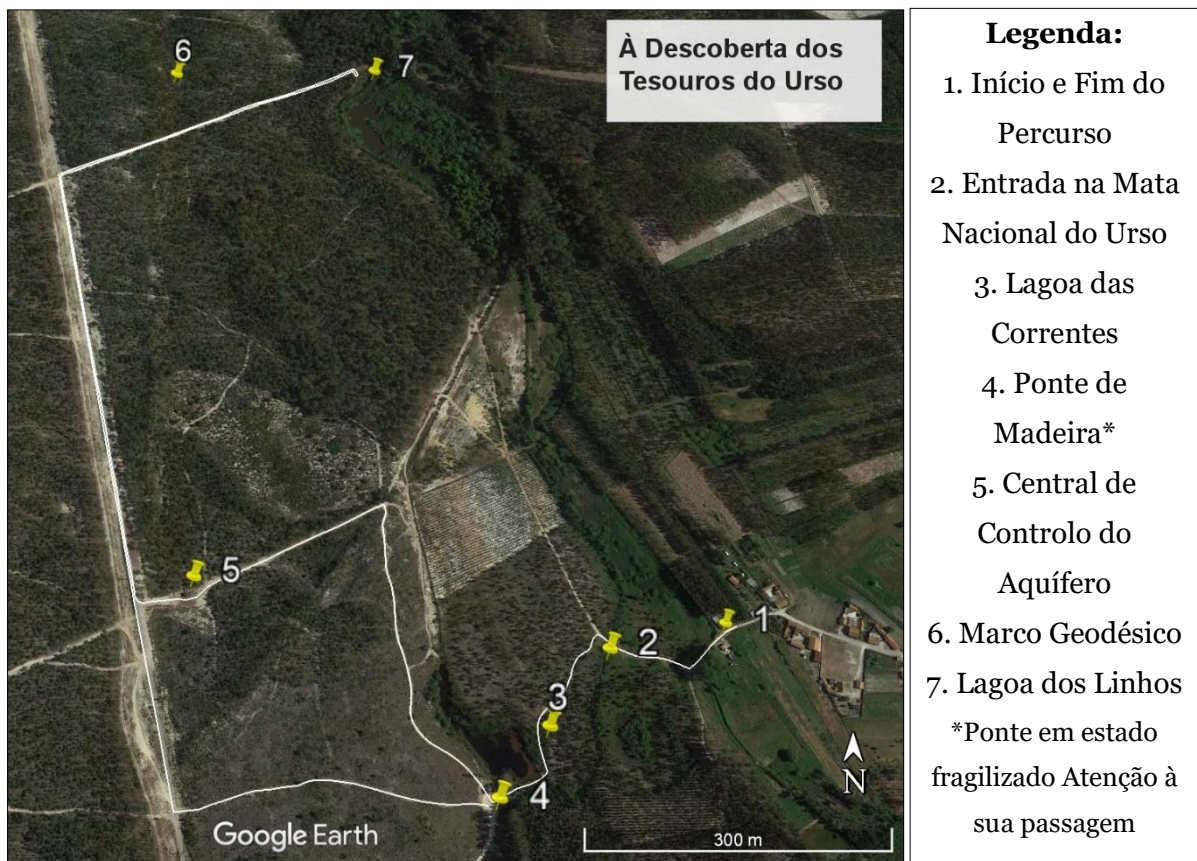
- Jazidas de Salgema: funcionam como as maiores reservas de gás natural do país, através de um processo de lavagem - lixiviação, no qual se retira o salgema, e é colocado o gás.

Cronologia da Mata

Séc.:



Anexo IV: Guião do Percurso



- Legenda:**
1. Início e Fim do Percurso
 2. Entrada na Mata Nacional do Urso
 3. Lagoa das Correntes
 4. Ponte de Madeira*
 5. Central de Controlo do Aquífero
 6. Marco Geodésico
 7. Lagoa dos Linhos
- *Ponte em estado fragilizado Atenção à sua passagem

1. Início e Fim do Percurso

a) O primeiro passo será o levantamento do passaporte e preenchimento do inquérito.

b) Posteriormente será feito um pequeno enquadramento do percurso e os seus objetivos: dar a conhecer o património da MNU (i); valorizar e mostrar através da interpretação aquilo que ali existe (ii).

(c) Explicação do local de início: Ser um espaço onde termina uma localidade e começa a mata, a existência de uma ligação emocional entre a população e a MNU

2. Entrada na Mata Nacional do Urso

a) Explicar as características da MNU: área, localização, a sua origem, e espécies com maior relevo (Pinheiro, Acácia, Camarinheira, Tojo, Samouco)

b) Explicar a existência da Vala do Rego do Estrumal para dificultar o acesso à mata, bem como escoamento de excedente da saturação das águas, a biodiversidade se concentra à sua volta

3. Lagoa das Correntes

a) Explicar as suas principais características à primeira vista: lagoa de pequena dimensão resultante do excesso de saturação do aquífero que por vezes seca, serve como ponto de

água para o caso de ocorrência de incêndios. Recuperada em 2004 (i); plantas invasoras: mancha florestal marcada pela acácia e eucalipto (ii); habitat 3110: água pouco mineralizada, ausência de corpos piscícolas, apenas existindo a cobra de água (iii).

Fazendo silêncio, é notável a presença de avifauna e comunidades anfíbias. Exemplos: Rã, o Rouxinol, o Chapim, entre outros.

4. Ponte de Madeira

a) Presença da valorização local pela população: construção da ponte; colocação de geocaches e abate de árvores.

b) Paisagem regenerativa, recuperada após os incêndios em 2003. Prova em como a natureza se regenera. Contudo, é preciso tempo. Notabilidade das primeiras espécies serem as mais características da MNU.

5. Central de Controlo do Aquífero

a) Explicar a importância do Subsolo da MNU para as indústrias, o concelho de Pombal e o País:

i) Como funciona o aquífero, e a sua utilização por parte da CELBI e da REN, utilizando o esquema colocado no folheto:

O sistema aquífero Leirosa – Monte Real, situa-se ao longo do litoral, entre a Figueira da Foz (a Norte) e o Rio Lis (a Sul), ocupando uma faixa aplanada, inclinando-se ligeiramente para o mar, tendo cerca de 35 km de comprimento e uma largura máxima da ordem dos 8 km. Este sistema aquífero é constituído, essencialmente, por sedimentos sub-horizontais, do Plio- Plistocénico indiferenciado, recobertos junto ao litoral por dunas e areias de duna. É um sistema aquífero poroso e multicamada.

b) o Salgema e as Jazidas de Gás Natural

Estrada Florestal

a) Importância de Existência de uma rede viária no interior da MNU, para gestão e acesso ao território. Utilizamos esta rede devido à destruição da tempestade Leslie, bem como para o facto de este ser um espaço de refúgio de biodiversidade (flora e Fauna) que deverá ser incomodada o mínimo possível.

6. Marco Geodésico

a) Consta-se que será do século XIX, não existindo informações claras sobre o mesmo, apenas as seguintes deduções levam a esta conclusão: Séc. XIX: quando foi instaurada a rede geodésica por todo o país com cerca de 9 000 marcos geodésicos por todo o país (i); e, neste século, as dunas ainda não haviam sido arborizadas, sendo que

este deveria ser um ponto alto e de grande visibilidade, contrastando com a realidade atual, pois os pinheiros tapam completamente a sua visibilidade (ii).

b) Realidade paisagística diferente: uma mata adulta, e com grande valor paisagístico associado à imagem da MNU ao longo da Estrada Atlântica.

7. Lagoa dos Linhos

a) Explicar principais características da Lagoa: (i) Cerca de 10 ha.; (ii) Estende-se por dois concelhos; (iii) Intervencionada em 2000, devido ao risco de eutrofização, e introdução de novas espécies: Carvalhos (*Quercus faginea*; *Quercus robur*) Salgueiro-preto (*Salix atrocinerea*), característico de zonas húmidas, Pilriteiro (*Crataegus monogyna*); Choupo-negro (*Populus nigra*); Tamargueira (*Tamarix africana*); Bordo (*Acer Campestre*) e Zêlha/ Bordo de Montpellier (*Acer monspessulanum*), Os carvalhos, o pilriteiro e a zelha tiveram maior taxa de sobrevivência, o bordo comum e o salgueiro tiveram menores resultados.

b) Espaço onde se concentra a maior diversidade da MNU, encontram-se registadas cerca de 50 espécies de aves diferentes, entre elas aves de rapina, aves para caça, e aves mais protegidas, aguia de asa redonda e aguia cobreira como o Pato-real, Galinha d'água, Rouxinol, Poupa, Chapim, a Marrequinha, o Gaio e o Milhafre, bem como outras espécies mais comuns como a rola e a perdiz.

Retorno: Incêndios 2017 e outras problemáticas

a) Apelo à sensibilização para a recuperação das paisagens, condição feita a longo-prazo, no qual devemos educar e promover este território e a sua valorização, devido ao grande valor natural, mas igualmente com um papel para a sociedade e para a economia local, bem como nacional.

8. Fim do percurso

a) 2ª Fase do inquérito e agradecimento à participação de todos

b) Pequena conclusão: O que o turismo pode fazer por estes territórios?

- Valorização do território a nível local: Atrair os visitantes para estes lugares permite a valorização do território não só pelo turista, como também serve de mensagem/ incentivo para que as entidades competentes e a própria população tenha uma maior preocupação em conservar a floresta.

- Efeito Multiplicador do Turismo: trazer visitantes significa o aumento da procura de espaços de restauração e alojamento, o que permitirá o fomento económico a nível local

- Associado à procura de serviços, outras áreas irão ser estimuladas como a agricultura e o comércio local, sendo importante que se promova a colaboração com empresários locais, e com produtos da região: Economia Circular.

- Importa entender que na realidade não será apenas uma rota que irá dinamizar o turismo numa região, é o conjunto de serviços e atrações turísticas num todo, em articulação e com uma boa capacidade de comunicação que poderá potencializar um território. Tendo este aspeto em consideração, o concelho de Pombal tem um grande potencial de desenvolvimento para o turismo, e este tipo de iniciativas poderá ser mais um passo neste sentido.

Anexo V: Inquérito sobre a importância do Património da Mata Nacional do Urso e a criação de Roteiros de Interpretação

No âmbito de um projeto académico sobre o potencial turístico na Mata Nacional do Urso, venho por este meio solicitar a vossa participação neste inquérito.

Este inquérito é composto por 2 fases, a primeira, antes de dar início à caminhada, e a segunda, no final da mesma. Mais se acrescenta que este inquérito é de carácter anónimo e os resultados serão posteriormente utilizados num estudo académico para a obtenção de grau de mestre em Ecoturismo.

Obrigada pela sua participação!

Gabriela Marques,

Aluna de mestrado em Ecoturismo, Instituto Politécnico de Coimbra
Estágio Profissionalizante na Unidade de Turismo do Município de Pombal

1ª Fase:

1. A Mata Nacional do Urso (MNU) e o seu património

Conhece os seguintes espaços e temáticas inseridas na Mata Nacional do Urso (MNU)?	Sim	Não
Lagoa das Correntes		
Lagoa dos Linhos		
Vértice Geodésico da Lagoa dos Linhos		
Aquífero da MNU		
Atividade Rural e Industrial ligada à MNU		
Lendas relacionadas com a MNU		

1.1. Caso conheça outros patrimónios que considere relevante na MNU, referencie.

2. Classifique quanto considera que o Incêndio de 15 de Outubro de 2017 terá afetado o património da Mata Nacional do Urso, numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa Pouco, 3 significa Mais ou Menos e 5 Muito.

1	2	3	4	5	S/ opinião

Até já!

2ª Fase

3. Avalie o grau de importância do património que pode conhecer durante o roteiro, numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa pouco importante, 3 razoável e 5 muito importante.

	1	2	3	4	5	S/ Opinião
Lagoa das Correntes						
Lagoa dos Linhos						
Vértice Geodésico da Lagoa dos Linhos						
Aquífero da MNU						
Atividade Rural e Industrial ligada à MNU						
Lendas relacionadas com a MNU						

4 – Tendo em consideração a Caminhada, **volte a repetir a seguinte questão:**

Classifique quanto considera que o Incêndio de 15 de Outubro de 2017 terá afetado o património da Mata Nacional do Urso, numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa Pouco, 3 significa Mais ou Menos e 5 Muito.

1	2	3	4	5	S/Opinião

4.1 Após a realização deste roteiro, considera que a Mata Nacional do Urso é um Património de grande importância para a região?

Sim Não

5. Considera que a criação deste tipo de roteiros é uma mais-valia para a valorização do Património existente na Mata Nacional do Urso?

Sim Não

6. Classifique de 1 a 5 a caminhada, sendo que 1 significa fraco, 3 razoável e 5 muito bom.

	1	2	3	4	5	S/ Opinião
Interpretação do Percorso:						
Locais visitados:						
Paisagem envolvente:						
Duração do percurso:						
Intensidade do percurso:						

7. Caso sejam criadas novas caminhadas na MNU, voltaria a participar neste tipo de iniciativas?

Sim Não

8. Sugestões e comentários:

Em muito agradeço o seu contributo, até à próxima!

